



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS

TIAGO CAVALCANTE PORTO

AS TRANSFORMAÇÕES DO LAZER EM FORTALEZA (1910 – 1930)

FORTALEZA - CEARÁ
2015

TIAGO CAVALCANTE PORTO

AS TRANSFORMAÇÕES DO LAZER EM FORTALEZA (1910 – 1930)

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em História – MAHIS, do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará – UECE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Erick Assis de Araújo.

FORTALEZA-CEARÁ
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Porto, Tiago Cavalcante.

As transformações do lazer em Fortaleza (1910 - 1930) [recurso eletrônico] / Tiago Cavalcante Porto. 1^o ed. 2015.

1 CD-ROM: il.; 4 il. pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 180 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) 1^o ed.
Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2015.

Área de concentração: História e Culturas.
Orientação: Prof. Dr. Erick Assis de Araújo.

1. Tempo Livre. 2. História do Lazer. 3. Controle Social. 4. Inserção Capitalista. I. Título.

TIAGO CAVALCANTE PORTO

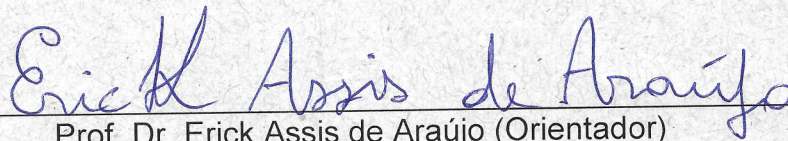
“AS TRANSFORMAÇÕES DO LAZER EM FORTALEZA (1910-1930)”

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História.

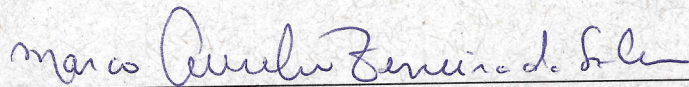
Área de Concentração: História e Culturas

Aprovada em: 15/05/2015.

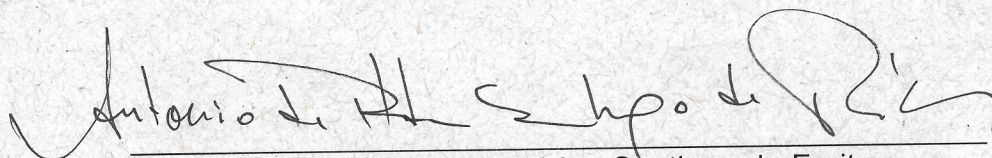
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Erick Assis de Araújo (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Marco Aurélio Ferreira da Silva
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Antonio de Pádua Santiago de Freitas
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Dedico este trabalho à minha família, meu pai Márcio,
Minha mãe Silvia e meu irmão Filipe, à Rebeca.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento dessa pesquisa.

Agradeço ao Programa Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) e à Universidade Estadual do Ceará (UECE) pela acolhida. Estes anos me fizeram perceber o quanto a UECE se configura como espaço importante para o Ensino Superior e para a pesquisa histórica no estado do Ceará.

Aos professores do Mestrado Acadêmico em História Social: Altemar da Costa Muniz, Zilda Maria Menezes Lima, Antônio de Pádua Santiago de Freitas, Marco Aurélio Ferreira da Silva, Gleudson Passos Cardoso, Gérson Augusto de Oliveira Júnior Júnior, Gisafran Nazareno Mota Jucá, João Rameres Regis, pelas contribuições de cada um nesta caminhada. Parabênzo a todos pela luta em fazer crescer esse Programa que se configura a cada dia como peça importante na construção da Historiografia Cearense.

Ao meu Orientador, Erick Assis de Araújo, pelas observações, dicas, e referências bibliográficas. Pela proposta na mudança do tema do meu trabalho de pesquisa. Pela instigação à pesquisa em um tema complexo em nova perspectiva. Por ajudar-me a perceber o lazer e os divertimentos como atividades transformadoras, produtora de cultura e importante campo para a pesquisa, e por me mostrar que um historiador também tem que estar presente nas lutas do cotidiano na busca de um mundo melhor.

Agradeço ao Professor Erick, ao MAHIS, e ao Grupo de Estudos Práticas Urbanas – Capitalismo e Civilização no Estado do Ceará, pelos interessantes debates, contribuições e pela oportunidade de passar uma temporada como aluno da PUC-RS, experiência muito enriquecedora em outra cidade e universidade.

À minha Família. Ao meu Pai, Márcio, por, desde meus tempos de colégio, responder a cada dúvida que eu tinha de história com no mínimo a indicação de três livros. À minha Mãe pelo apoio e presença constante sempre que precisei. Ao Filipe por ajudar-me a entender os problemas do mundo. Vocês são referência, norte e sentido em tudo o que eu vá fazer na vida. Amo vocês!!!

Às minhas Avós, Donana e Terezinha pela torcida constante e as rezas que sempre ajudam na hora do aperseio.

Aos meus tios e tias, em sua maioria professores. É bom fazer parte de uma família que se preocupa com a educação. Agradeço a vocês por escolheram o caminho da educação como ação transformadora do mundo.

Agradeço aos primos e primas pelas brincadeiras de infância que ajudaram na minha formação como homem.

À Rebeca, “minha Gatínha”. Companheira de vida, das horas de trabalho, de lazer, de tempo livre. Com você não tem tempo ruim. Todas as horas são boas. Obrigado por acompanhar cada decisão que eu tomo esse apoio é decisivo em todos os momentos. Obrigado pelas tentativas de entender essa História, em cujos emaranhados às vezes eu mesmo me complico. Te amo!

À família da Rebeca, pela acolhida de sempre e por permitir que um cantinho da casa de vocês virasse também um local de estudo.

Aos professores da Graduação em História da UFC que, de alguma forma também se encontram presentes neste trabalho. Meize Lucas, Hernani Furtado, Antônio Luis Macêdo e Silva Filho, Almir Leal de Oliveira, Régis, Kênia, Sebastião Rogério, Edmilson, Ana Carla e Simone.

Aos colegas da Graduação, que fizeram com que esses primeiros anos de compreensão da História fossem um dos melhores tempos da minha vida.

Aos funcionários do MAHIS que ajudam a todos os alunos sempre com atenção e carinho. Neto, por sempre “quebrar nossos galhos” e Dona Zilda por nos tratar como filhos.

Aos colegas do Mestrado em História Social: Eliene (companheira de aventuras em Porto Alegre), Cecília, Cícero, Frederico, Rochester, Eudésia, Cínthya, Rok Sônia, Gabriela, Ana Paula. Cada um de vocês teve um papel especial e importante nessa caminhada.

Aos amigos, que são as pessoas que nós escolhemos para passar os tempos livres, os tempos disponíveis, as horas de lazer. Esse trabalho ajudou-me a entender ainda mais a importância das amizades que cativamos ao longo da vida.

Por fim, gostaria de agradecer ao ex-Presidente Luis Inácio Lula da Silva e à atual Presidenta Dilma Vana Rousseff, pelo empenho em transformar o ensino superior do país, dando oportunidade a milhares de brasileiros a cursarem uma faculdade mudando assim as suas vidas.

Obrigado!

“Se Assim quiser

acabou a hora do trabalho
começou o tempo do lazer
você vai ganhar o seu salário
pra fazer o que quiser fazer

o que você gosta e gostaria
de estar fazendo noite e dia
ler, andar, ir ao cinema, brincar com seu neném
e até mesmo trabalhar também

quando quiser, se assim quiser
se assim quiser, como quiser
como quiser, quando quiser

ir de bicicleta ao mercado
escolher um peixe pro jantar
encontrar a namorada ou o namorado
escolher alguém pra visitar

quando quiser, se assim quiser
se assim quiser, como quiser
como quiser, quando quiser”

(Arnaldo Antunes/Dadi, 2004)

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação é analisar a construção das práticas de lazer e das formas de usufruir o tempo livre no início do século XX em Fortaleza. Busco compreender os espaços onde essas práticas foram concretizadas, o tempo reservado, conquistado ou negociado pelos sujeitos para as práticas em tempos livres, e como se construíram valores sociais em torno dessas atividades. Observo também como se deu a construção dos valores sociais em torno dessas atividades em relação ao mundo do trabalho no período indicado. A partir desses pressupostos reflito sobre os lazeres que eram controlados pelas elites e seus agentes inseridos nos poderes públicos e os divertimentos demandados pelos fortalezenses. Os relatos de alguns memorialistas, os jornais e revistas que circulavam na época e os processos criminais se constituíram como fontes para a compreensão das formas de agir nos tempos disponíveis nos inícios do século passado e as transformações que sofreram ao longo do tempo.

Palavras-chave: História do Lazer. Tempo Livre. Controle Social. Inserção Capitalista.

RESUMÉ

L'objectif principal de cette thèse est d'analyser comment la construction d'activités de loisirs et les moyens de profiter du temps libre ont été faits au début du XXe siècle, à Fortaleza. Je cherche à comprendre les espaces où ces pratiques ont été mises en œuvre, le temps réservé, remporté ou négocié par les sujets pour les activités de loisirs, et comment ils ont construit des valeurs sociales autour de ces activités. Je observe aussi comment était la construction des valeurs sociales autour de ces activités en relation avec le marché du travail à cette époque-là. D'accord de ces hypothèses je raisonne sur les loisirs qui ont été contrôlés par les élites et leurs agents insérés au sein du gouvernement et les divertissements exigés par le peuple de Fortaleza. Les rapports de certains mémorialistes, journaux et magazines qui ont circulé à l'époque et les enquêtes pénales constituaient des processus d'analyse privilégiés pour comprendre les activités de loisirs au début du siècle dernier et les transformations qui elles ont subi au fil du temps.

Mots-clef: Histoire de Loisirs. Activités de loisirs. Loisir. Le controle social. Insertion Capitaliste.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Bondes de Burro e Automóvel. Fonte : Arquivo Nirez.....	71
Figura 2 -	Bonde nº 116 – Linha Jacarecanga. Fonte: Arquivo Nirez.....	77
Figura 3 -	Mulheres na praia. Ao fundo, a Ponte Velha. Fonte: <i>Ah, Fortaleza!</i> (2006, p. 78).....	114
Figura 4 -	Anúncio do Restaurante Beira-Mar. Fonte: Revista <i>Ba-ta-clan</i> . (1926)...	114
Figura 5 -	Desenho : “mulher saltando no mar”. Fonte: (BA-TA-CLAN, 1926), anno I, número 13, (1926).....	115
Figura 6 -	Mulheres na praia. Fonte: <i>Ah, Fortaleza!</i> 2006, p. 78.....	117
Figura 7 -	Ba-ta-clan (capa). Fonte: Revista <i>Ba-ta-clan</i> , (1926).....	121
Figura 8 -	Concursos Ba-ta-clan. Fonte: Revista <i>Ba-ta-clan</i> , (1926).....	122
Figura 9 -	Anúncio: “Armas e munições”. Fonte: Jornal <i>O Nordeste</i> , (1928).....	147
Figura 10 -	Tabela População de Fortaleza. Fonte: <i>As migrações para Fortaleza</i> , (1967).....	150

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A INSERÇÃO CAPITALISTA E OS TIPOS DE LAZER EM FORTALEZA.....	31
2.1	A CIDADE SE MODIFICA.....	31
2.2	OS SIGNIFICADOS DO LAZER NA CIDADE.....	44
2.3	O LAZER COMO INSTRUMENTO CIVILIZADOR.....	52
3	O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO TEMPO LIVRE – OS BONDES E OS FINS DE SEMANA COMO ATORES DO PROCESSO.....	61
3.1	DEIXA O BONDE NOS LEVAR.....	67
3.2	APROPRIAÇÕES DO TEMPO LIVRE.....	82
4	DE QUE FORMA SE DEU O USO DOS TEMPOS LIVRES EM FORTALEZA?.....	98
4.1	NO TEMPO LIVRE: O QUE FAZER?.....	103
4.2	CIVILIZAÇÃO ESPORTE CLUBE.....	123
4.3	LAZER COMO RENOVAÇÃO EMOCIONAL.....	138
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
	REFERÊNCIAS.....	170

1 INTRODUÇÃO

O que é lazer? O que significa “tempo do lazer”? O que fazer na hora do seu lazer? A letra da música *Se Assim Quiser*, dos compositores Arnaldo Antunes e Dadi, nos traz algumas sugestões e instiga reflexões sobre o lazer de uma maneira simples e de fácil compreensão, embora com respostas simples e naturais. A compreensão da música parece ocorrer de uma forma bem fácil. As atividades e os divertimentos que praticamos nos momentos de folga são comuns aos nossos contemporâneos. Ir ao cinema, à praia e praticar atividades físicas são ações corriqueiras e acessíveis a diversos setores da população. Isto ocorre porque o setor do lazer já se encontra bem definido e configurado em nossa sociedade. O que nos interessa no presente trabalho é perceber que estamos diante de um conceito que se modificou, e foi se configurando na forma como entendemos hoje, em um momento histórico bem específico¹.

A questão que perpassa todos os capítulos desse trabalho é tentativa de perceber as especificidades das práticas de lazer, as formas de usufruir o tempo livre no início do século XX em Fortaleza, e de identificar os sujeitos que as praticavam. Quais eram os lazeres ofertados nesse período e quais os desportos e divertimentos procurados pelos fortalezenses? Os relatos de alguns memorialistas oferecem elementos para essa discussão, principalmente sobre os locais onde eram praticados. Os jornais noticiavam as festas, as atividades esportivas e o modo como as autoridades policiais tratavam os divertimentos públicos. Os processos criminais relatavam as brigas nos bares, botecos, cabarés e durante os carnavais, contribuem para o entendimento dos tipos de lazer praticados na cidade e, principalmente, dos que tinham a oportunidade de usufruir dessas práticas.

Foi a partir da década de 1970 que o tema começou a atrair a atenção de estudos acadêmicos. Segundo Victor Andrade de Melo², foi com a emergência da Nova História Cultural que historiadores de várias partes do mundo e também do Brasil começaram a

¹ Alguns autores vêm buscando o entendimento dessas concepções de lazer; como exemplo podemos citar, Alain Corbin (2001); Victor Andrade de Melo (2010); Joffre Dumazedier (2008) e Christianne Luce Gomes (2008).

² Algumas reflexões importantes estabelecidas pelo autor encontram-se presentes na obra: MELO, Victor Andrade de. *Esporte e lazer: conceitos: uma introdução histórica*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

se dedicar com mais afinco a essas questões. Muitos trabalhos acadêmicos no Brasil não tiveram o lazer como foco principal da análise. A perspectiva comumente abordada trata de temas como as festas, o carnaval, o cinema e o cotidiano das cidades, por exemplo. O lazer surge como tema complementar em muitos trabalhos, principalmente quando o assunto é a vida dos trabalhadores (MELO, 2010, p. 14).

A busca pela compreensão do lazer e suas práticas tanto no Brasil como em Fortaleza, no início do século XX, exige uma maior atenção aos processos de inserção capitalista e de crescente urbanidade ocorridos no país nesse período. O lazer moderno constitui-se como causa e também como resultado desses processos. A dúvida que surge é em qual momento, nesse processo, podemos falar de uma maior organização do mercado de trabalho e do elogio ao lazer? Sabemos que a partir da abolição da escravidão as elites tentam impor uma maior valorização e elogio ao trabalho e o ócio passa a ser negado e também combatido pelas classes dirigentes. É no meio dessa tentativa de consolidação de um mercado de trabalho que vai se configurando, segundo alguns autores, um tempo específico para o lazer.

Percebemos que a busca por definição entre práticas de lazer e ócio, bem como a formação de uma classe trabalhadora, o processo de inserção do capitalismo e o consequente crescimento das cidades têm influência direta sobre as pesquisas que se fazem a esse respeito no período abordado nesse trabalho, e são definidas e debatidas praticamente juntas. Para Marilene Rosa Nogueira da Silva,

[...] desescravizar o conceito de trabalho, tentar transformá-lo de castigo em prêmio, era um percurso bastante complexo que se situaria principalmente no espaço da lei. No discurso da ordem, onde nada havia, constrói-se a partir de uma inexistente separação, o lugar privilegiado do lazer como expressão legal, característica fundamental do mundo do Direito. Para tanto era necessário controlar, para transformar as diversões públicas em lazer, como a ponte entre civilização e trabalho (SILVA, 1995, p. 208).

As transformações em torno das práticas de lazer permitem identificar também, nesse momento de transição entre os séculos XIX e XX, mudanças ocorridas nas diversas formas de vivência nos meios urbanos. A consequência das mudanças econômicas, o fim da escravidão e a Proclamação da República influenciaram nas formas de convívio nos meios urbanos e houveram consequências para os atos de

trabalhar, circular e conviver socialmente nas cidades brasileiras, as festas e os jogos populares começaram a sofrer controle também por parte das autoridades.

A observação da vida festiva de uma população nos permite entender como, através dessa manifestação, os sujeitos elaboravam, além de um momento festivo, um espaço de lazer para o seu cotidiano. Homens e mulheres buscavam subverter determinadas ordens num tempo que não era exclusivamente o do trabalho, e as práticas de diversões e de lazers agiram nas transformações dos espaços das cidades.

A partir desses pressupostos analisamos as práticas do lazer e desporto na cidade de Fortaleza no início do século XX, com o objetivo de perceber como os divertimentos se transformavam devido a diversas influências culturais, e se inseriam num conjunto de mudanças que estavam acontecendo. As atividades de tempo livre atuavam, então, como uma prática que se modifica, mas que também faz parte de um processo civilizador capitalista que se insere cada dia mais no cotidiano dos moradores da capital do estado do Ceará.

Em revistas e jornais veiculados no período estudado, observamos um discurso elaborado por membros das classes dirigentes que, aos poucos, se estabelecia sobre as práticas de lazers de Fortaleza, transformando-se em ações específicas sobre a cidade e sobre os sujeitos que moravam ou estavam de passagem na capital cearense. Enquanto as transformações físicas dos espaços ocorriam, era necessário que os comportamentos dos corpos também fossem moldados para que pudessem aproveitar aqueles espaços. Muitas vezes a forma de ocupação dessa nova cidade em transformação se dava pelas práticas de lazer ou de tempo livre, daí a atenção das classes mais abastadas sobre tais atividades; cabendo-lhes programar e divulgar suas ideias, utilizando-se de jornais e revistas, por exemplo, para modificar as maneiras com que os diversos sujeitos deveriam aproveitar os seus tempos disponíveis.

Esse desejo das classes dirigentes foi percebido por alguns autores como Sebastião Rogério Ponte (2010), que explica a vontade que as elites tinham de conformar os espaços e os corpos em consonância com valores que acreditavam. Os periódicos pesquisados nos mostram, por exemplo, a organização de alguns clubes, que promoviam corridas de cavalos ou torneios de tiro. Constituídos por membros de um estrato mais abastado da sociedade, esses clubes indicavam a visão e a ideia do lazer

que deveria ser praticado e o que ele representava para os setores com maior poder aquisitivo. As décadas de 1910 e 1920 são apontadas por diversos autores como um momento de grande expansão do comércio na cidade, além do crescimento industrial, que se dava de forma mais efetiva. Juntamos isso a um grande aumento populacional. Em razão desse panorama que se instaurou, os tempos de descanso e disponíveis fora do trabalho passaram a requerer mais atenção das classes dirigentes e do poder público.

A atenção específica dedicada a atividades para o tempo disponível veio acompanhada de um conjunto de valores a respeito de como elas deveriam ser construídas. A preocupação com a higienização dos corpos e dos espaços colaborava para o fortalecimento de uma valorização cada vez maior do mundo do trabalho. Os sujeitos deviam, no novo contexto urbano, assimilar uma também nova postura para se adaptar àquele meio que se configurava. Além disso, deveriam estar preparados para o trabalho produtivo ao qual dedicavam a maior parte do seu dia. As ações das classes dirigentes, ao programarem novas formas de vivência para os tempos disponíveis, incorporavam esses valores. Portanto, o lazer que não se enquadrasse naquele ideal civilizador era criticado nas notas dos jornais, e os sujeitos que os praticavam eram repreendidos pelo aparato repressor do Estado.

É interessante compreender que esse processo de valorização do trabalho e de uma concepção de lazer associada a ele foram simultâneos, através de demanda de esforços de um setor dominante da sociedade. O período que a presente pesquisa abrange, entre os anos de 1910 e 1930, dá indícios de como esses processos ocorreram. Não bastava, para o grupo dominante, apenas implementar um discurso que valorizasse o trabalho. As outras atividades realizadas fora do trabalho também precisavam estar associadas a determinados valores. Juan Manuel Correño Cardozo coloca que “[...] os discursos sobre o lazer foram construídos por grupos intelectuais que deram homogeneidade, nos termos de Gramsci (1963), à disposição hegemônica do grupo social dominante” (CARDOZO, 2014, p. 14). O autor busca elaborar o seu pensamento baseando-se na compreensão de que as formas de vida são também “[...] efeitos e mecanismo reprodutores do lazer” (CARDOZO, 2014, p. 14) não sendo apenas resultado do contexto econômico ou do mundo do trabalho. Assim, o autor entende que

O transcurso do poder que constitui o lazer se apresentou, aparentemente, de forma hegemônica, no sentido em que se considera uma aliança de classes, afirmada e reproduzida por construções intelectuais e morais, difundidas por estilos de vida que expressam aceitação geral da dominação (CARDOZO, 2014, p. 14).

É possível perceber como os lazeres e os divertimentos adquirem certa valoração em um contexto social e as tensões características desse processo. As formas de vivência, de produção de cultura, as próprias formas de vida vão se constituindo como resultantes de experiências diárias. Cardozo nos chama atenção sobre como são constituídos os saberes acerca do lazer tanto no âmbito intelectual como no âmbito das ações e práticas dos sujeitos. Para o autor, “[...] a produção de verdades sobre o lazer esteve associada à reflexão sobre o trabalho, e seu desenvolvimento, nos processos hegemônicos, foi construído de maneira privilegiada por enunciadores centrados no trabalho e na produção” (CARDOZO, 2014, p. 15).

É interessante identificar que, nesse processo de disputas, as ideias que foram constituindo os valores presentes no lazer se originaram pelos valores constitutivos do mundo do trabalho. É esse o discurso assumido por articulistas de revistas, por exemplo, quando elegem o passeio na praia como propício ao descanso e para refazer-se das estafas de um dia de trabalho. O discurso dos divulgadores e reprodutores de comportamentos procurava eleger o trabalho como valor maior de uma sociedade, não reconhecendo o lazer como atividade geradora de conhecimento ou cultura nesse entendimento. Segundo Cardozo, “[...] é fácil deduzir que a discussão sobre o lazer é originada em enunciadores provenientes de grandes correntes ou de escolas, que ganharam sua legitimidade através da construção da verdade sobre o trabalho, no lugar de discursos sobre o lazer” (CARDOZO, 2014, p. 14).

É necessário compreender que essa centralidade do trabalho na concepção das formas de lazer e dos tempos disponíveis que se estabeleceram na cidade de Fortaleza, entre os anos de 1910 e 1930, fez parte de um processo que pôde ser observado não só no Brasil, mas também em outras partes do mundo como Europa e Estados Unidos. O processo de transformações sociopolíticas e culturais que aconteceu a partir da Revolução Industrial transformou por completo as relações sociais no mundo capitalista. Portanto, para as classes dirigentes era necessário construir um entendimento sobre o lazer encontrando uma função, uma razão e um tempo específico para essa atividade na sociedade que se formava. Essa construção foi realizada através de uma

aliança entre os setores produtores e os setores dirigentes que buscavam civilizar as cidades extirpando as práticas populares e sociais que não fossem condizentes com aqueles novos projetos de sociedade.

O pensamento hegemônico sobre o lazer, os divertimentos e os tempos disponíveis ocorre, então, nas práticas diárias vividas pelos sujeitos, e a teoria que o embasa termina sofrendo a influência dessa hegemonia. As teorias mais comuns difundidas e que influenciaram diversos estudos sobre o lazer sofreram influências dessa concepção de pensamento. Cardozo explica que

Sendo assim, quando falamos de uma construção hegemônica do saber sobre o lazer é necessário entender que os intelectuais sobre o assunto são, de maneira privilegiada, atores não oriundos da discussão sobre o lazer, daí o fato de que a hegemonização ocorra, em grande medida, pela negação de outras possibilidades de leitura do lazer diferentes da perspectiva vinculada ao trabalho e à produção econômica (CARDOZO, 2014, p. 15).

Essa afirmação de Cardozo se justifica ao percebermos grande parte dos pensadores que elaboraram teorias sobre o lazer, principalmente durante o século XX, estabelecendo formas de pensar privilegiando a posição do trabalho como uma atividade superior. Autores brasileiros, ao analisarem as formas como o lazer foi teorizado e estudado no Brasil e no exterior, buscaram traçar um panorama desse caminho teórico. Christianne Luce Gomes elabora uma pesquisa que serve como *insight* para que pensemos sobre a forma como essas teorias se estabeleceram nos estudos sociológicos e historiográficos, por exemplo. A autora propõe a questão: “O lazer sempre existiu ou representa um fenômeno característico das modernas sociedades urbano-industriais?” (GOMES, 2004 apud PIMENTEL; MARINHO, 2010, p. 26). Marinho e Pimentel, refletindo sobre o questionamento de Gomes, entendem que as teorias sobre o lazer se constituíram “[...] sob a ótica de duas linhas de pensamento: uma que defende a origem do lazer nas fases antigas da história humana; e outra que adota a modernidade como referência” (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 26).

É interessante que citemos alguns autores que, ao estudarem sobre o lazer, acabaram por influenciar, com suas teorias, diversas pesquisas e estudos em várias partes do mundo. Sebastian De Grazia, (*Of Time, Work and Leisure*³ 1962), classifica o

³ Sebastian de Grazia é citado por Alcyane Marinho e Giuliano Gomes de Assis Pimentel (2010) como um autor que relaciona o surgimento do lazer inserido nas fases antigas da história humana. O lazer, nesse

lazer como uma atividade que surgiu nas fases mais antigas da história humana. Para ele, o lazer tem referência no ideal clássico de ócio, já encontrado nos filósofos da Grécia Antiga que o entendiam como um privilégio que alguns tinham da necessidade de estar ocupado. Para De Grazia, o lazer se constituía em um campo separado do trabalho e relacionado com o ócio, estabelecendo uma ausência da necessidade de se trabalhar. Em vista dos processos de industrialização e dos avanços tecnológicos, algumas concepções sobre o lazer também sofreram modificações. E o lazer passa a relacionar-se diretamente com o tempo de trabalho. Seu estabelecimento passa a ocorrer em um momento em que os trabalhadores, principalmente, encontravam-se livres das obrigações do trabalho.

Com o processo de industrialização houve uma separação mais efetiva dos tempos de lazer e de trabalho. As formas de lazer passam por transformações onde se estabelecem como atividades fora das obrigações de trabalho e se constituem como um tempo livre dessas atividades. Thorstein Veblen, em seu livro *Teoria da Classe Ociosa* (1980), compreende o lazer como atividade de uma classe privilegiada que organiza um espaço propício ao consumo, à ostentação e à distinção. O autor, porém, não investiga o lazer diretamente, pois o seu intuito é “[...] ‘o estudo econômico das instituições’, abordando especialmente temas relacionados à estratificação e às mobilidades sociais; ao surgimento da instituição da classe ociosa, assim como as relações desses assuntos com a consolidação da propriedade privada” (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 26).

Outros autores como Bertrand Russel (1932) e Domenico de Masi (2000), fazem uma crítica ao mundo do trabalho e posicionam o lazer como atividade principal da existência humana. No entanto, é Joffre Dumazedier (2008) quem exerce grande influência no pensamento sobre o lazer no Brasil e em diferentes países do mundo. Em seus trabalhos, questiona a hipótese de que o lazer sempre existiu. Para ele, as transformações ocorridas em consequência da Revolução Industrial foram mudanças bastante significativas sobre as formas e os significados do lazer, que se constituía em um plano oposto ao do trabalho. Ao lazer cabiam atividades às quais o indivíduo poderia entregar-se, livre de obrigações realizadas em momentos fora do trabalho, das “obrigações familiares, profissionais e sociais”, tendo as funções de “[...] recuperação

entendimento, estava associado à contemplação. A partir desse autor estabelece-se a reflexão do lazer como atividade descomprometida e com um fim em si mesma.

do estresse; divertimento, liberação do tédio; e expressão do poder criativo” (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 31).

As posições de Dumazedier em relação ao lazer e ao trabalho receberam críticas de alguns autores, principalmente a partir dos anos 1970 e 1980,

[...] ao departamentalizar lazer e trabalho, o autor de certa forma, negligencia que ambos, lazer e trabalho, embora tenham características diferentes e específicas, relacionam-se dialeticamente, sofrem contradições e estão inseridos na mesma dinâmica social (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 31).

Podemos destacar também Alain Corbin (2001), que tem dado atenção especial à compreensão do tema, como ele mesmo sublinha, “[...] não à luta com vista à aquisição de tempo disponível, mas a invenção dos seus usos” (CORBIN, 2001, p. 5). Compreende que os tempos disponíveis vão se inserindo no cotidiano das sociedades ocidentais, mais efetivamente entre os anos de 1850 e 1960. Assim, os tempos livres necessitam ser estudados, cabendo ao historiador observar as formas como os sujeitos “[...] imaginaram, utilizaram, ou simplesmente viveram” (CORBIN, 2001, p. 5) esses tempos disponíveis. Sua atenção recai sobre esses tempos sociais e a maneira como foram se transformando e permitindo que surgissem tempos específicos para o lazer, e, como um tempo de “lentidão, flexível, maleável”, por exemplo, veio a adquirir características de previsão, calculabilidade, eficácia e produção. Nesse mesmo processo de mudanças, o lazer aparece como forma de ocupar aqueles novos tempos em transformação.

No Brasil, até a década de 1970, alguns trabalhos não tiveram o lazer como objeto principal de estudo. Mesmo assim seus autores estabeleceram reflexões que os qualificam como precursores desse debate. Marinho e Pimentel citam a obra *Lazer Operário*, de Acácio Ferreira em 1959, como um marco nas discussões sobre o lazer no país. No entanto, Acácio Ferreira já citava reflexões de autores que ele mesmo considera como precursores, como Inezil Penna Marinho, Arnaldo Sussekind, Ethel Bauzer Medeiros e Gilberto Freyre. Mas é efetivamente nos anos 1970 que o tema recebe atenção dos pesquisadores brasileiros.

Nelson Carvalho Marcellino é um dos autores que tem as suas pesquisas influenciadas pelas teorias de Joffre Dumazedier, porém, procura redimensionar

algumas ideias do estudioso europeu. As ideias de Marcellino procuram superar o entendimento do “[...] lazer como um simples conjunto de ocupações” (MARCELLINO, 2007, p. 11). Suas principais obras, *Lazer e Educação* (1987), *Pedagogia da Animação* (1990) e *Lazer e Cultura* (2007) são trabalhos que redimensionam a forma como o lazer é pesquisado e estudado. Na sua interpretação, o lazer e o ócio não são percebidos como polos opostos. Essa não polarização das duas atividades contribui para que primeiro passe a ser percebido como atividade por direito próprio, em que recompensas e satisfações são provocadas pelo próprio lazer. Essa mudança de perspectiva é legitimadora para que essas atividades sejam estudadas como atividade por direito próprio, no contexto onde se transforma e configura. Outra contribuição de Marcellino é a adoção da expressão “tempo disponível”, ao invés de “tempo livre”, ao falar sobre o tempo em que ocorrem ações de lazer, pois, segundo a seu ver, nenhuma atividade ou tempo estão completamente liberados das coações e das normas de conduta social (MARCELLINO, 1987 apud PIMENTEL; MARINHO, 2010, p. 33).

A mudança na compreensão de “tempo livre” para “tempo disponível” decorre das transformações que foram sofrendo as teorias sobre o lazer naquele contexto no Brasil e no mundo. Christianne Luce Gomes apresenta importante análise para o entendimento do lazer como “[...] dimensão cultural construída socialmente a partir de quatro elementos inter-relacionados: tempo; espaço-lugar; manifestações culturais; ações” (GOMES, 2004 apud PIMENTEL; MARINHO, 2010, p. 34). Para a autora, assim como para Marcellino, é necessário que não se coloquem lazer e trabalho como polos opostos. O lazer se configura, assim como o trabalho, no âmbito das relações sociais e culturais nas quais ele está inserido. É preciso pensá-lo como atividade de características próprias, sem isolá-lo, mas entendendo as suas transformações de acordo com o contexto do qual ele faz parte. Para Gomes, a mudança de enfoque nos estudos sobre o lazer contribuiu para o seu entendimento como cultura vivenciada no tempo disponível. Essa percepção trouxe uma abordagem mais contextualizada do lazer, afastando-o da concepção de Dumazedier (2008), que o entendia como um conjunto de ocupações, e isso fez com que o lazer pudesse ser percebido sob o “prisma da cultura” (GOMES, 2004 apud PIMENTEL; MARINHO, 2010, p. 35).

Durante os anos 1990 observou-se um crescimento significativo das produções sobre o lazer. Foi nesse momento que diversos programas de pós-graduação implementaram linhas de pesquisas que empreenderam pesquisas sobre cultura, esporte, turismo e outras áreas do lazer. É interessante observar que esse campo se ampliou bastante, pois as relações das práticas de tempo disponíveis encontram-se diretamente ligadas aos estudos do espaço, trabalho, política e educação. Podemos citar também as pesquisas de Nicolau Sevcenko (1992) e Sidney Chalhoub (2001), que, mesmo não trazendo o tema do lazer como foco principal de suas análises, traçam um panorama acerca das transformações ocorridas em grandes cidades brasileiras. As publicações sobre o tema também cresceram desde então, configurando esforços de interdisciplinaridade e permitindo a troca de experiências através de artigos e periódicos publicados. Giuliano Gomes de Assis Pimentel coloca diversos fatores importantes para os estudos do lazer no Brasil:

[...] a existência (desde a década de 1990) do Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL); sedimentação de grupos de pesquisas, incluindo a regionalização de grupos e eventos (a exemplo do Encontro de Lazer do Paraná, desde 2002; criação do mestrado multidisciplinar em lazer (na UFMG); publicação desde 1998, de uma revista especializada (a Licere); e internacionalização da inserção dos pesquisadores (em entidades, eventos e pesquisas) (PIMENTEL, 2010, p. 9).

Conforme Mary del Priore e Victor Andrade de Melo, nos anos 1990 também pôde-se observar um grande aumento nos estudos históricos sobre o esporte. No entendimento dos autores, as Ciências Sociais, com destaque ao campo da Antropologia já buscava elaborar investigações sobre os esportes, “[...] destacando-se os estudos pioneiros de José Sérgio Leite Lopes, Roberto DaMatta e Simoni Lahud Guedes” (DEL PRIORE; MELO, 2009, p. 11). O interesse pelos referidos esportes e as práticas corporais institucionalizadas veio mesmo nos anos 1990, e, segundo os autores, diversos fatores contribuíram para o crescimento das publicações, como:

a) A abertura de espaços constantes para a discussão em eventos científicos; inicialmente na área de Educação Física (no Congresso Brasileiro de Ciências do esporte e com a organização do Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, desde 1993), na área de História, com a organização de Simpósios Temáticos específicos nos congressos nacionais da Associação Nacional de História (desde 2003) e em alguns eventos regionais (como no Rio de Janeiro, desde 2006).

b) O incentivo à publicação em periódicos nacionais; o assunto foi, por exemplo, a temática central de três edições da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* e de um número do periódico *Estudos Históricos*.

c) Mais recentemente, uma maior aceitabilidade do tema em programa de pós-graduação (DEL PRIORE; MELO, 2009, p. 11).

Os autores também procuram destacar o crescimento de publicações dedicadas a um público não acadêmico, como, por exemplo, livros escritos por jornalistas ou biógrafos sobre equipes ou ídolos do esporte nacional. Esses trabalhos acabam por oferecer um panorama das práticas corporais que se estabeleceram no Brasil, mas também contribuem com a compreensão das manifestações culturais, dos divertimentos e das práticas de tempos disponíveis.

O estudo dos espaços da cidade e as suas formas de ocupação pelos sujeitos pertencentes ao meio urbano permite uma análise também das formas de lazer e de aproveitamento dos tempos disponíveis que ocorrem em determinado momento histórico. Alguns trabalhos recentes cujo objeto de estudo foi a cidade de Fortaleza e os modos como os sujeitos vivenciaram o seu cotidiano servem como meios para a reflexão sobre a cidade. Mesmo que alguns trabalhos históricos não tratem do lazer como tema principal, essas pesquisas mostram as diferentes transformações urbanas e as mudanças nos tempos sociais. Dessa forma, as pesquisas sobre o cotidiano de Fortaleza e os seus aspectos sociais são chaves analíticas interessantes, pois nos permitem observar alguns aspectos que se relacionam com as práticas de lazer e tempos disponíveis.

*Fortaleza Belle Époque*⁴, de Sebastião Rogério Ponte, é um desses trabalhos: trata das transformações ocorridas em Fortaleza entre os anos de 1860 e 1930. A reordenação urbana pela qual passou Fortaleza naquele momento procura analisar como os discursos e práticas sociais foram modificadas, mas também importantes agentes de transformação. Sebastião Ponte dá atenção às reformas urbanas e o papel dessas ações na conformação e disciplina de comportamentos. Como as ações de higienização social e a repressão policial contribuíram para estabelecer um controle sobre as camadas mais pobres. Para o autor aquele contexto também contribuiu para a “[...] formação de um

⁴ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social 1860-1930*. 4ª ed – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010

cosmopolitismo civilizatório no seio das elites econômicas e intelectuais fortalezenses” (PONTE, 2010, p. 22). Esse cosmopolitismo se traduzia numa tentativa cada vez maior de disciplinarização sobre os mais pobres e suas práticas de tempos disponíveis.

Outro ponto abordado é a influência sobre uma parte da população de Fortaleza, para por costumes vindos de outras cidades brasileiras ou de países estrangeiros, que produziam “um inédito mundianismo elegante”. Dessa forma, mesmo não colocando o lazer como seu objeto principal de análise, Ponte mostra como algumas transformações urbanas repercutiam sobre as práticas de divertimentos e os esportes que estavam em constante modificação naquele momento.

As dissertações de mestrado de Carlos Henrique Moura Barbosa⁵ e de Francisco Linhares Fonteles Neto⁶ também são contribuições importantes para a compreensão de como os divertimentos, as práticas sociais e os costumes de uma forma geral estavam se transformando. O contexto que as determinadas pesquisas relatam foi de grande penetração de capital e de técnica estrangeira que influenciaram o modo como os sujeitos da cidade de Fortaleza resignificaram suas práticas cotidianas. Esse processo se deu numa constante adaptação e englobava as mais diferentes áreas, como as festas carnavalescas nas ruas e nos clubes. A força policial se tornou um agente disciplinador e vigilante daqueles eventos.

Análises como as de Gisafran Nazareno Mota Jucá⁷ (2004) nos fazem ficar atentos àquele cotidiano que se transformava, mas não de uma forma homogênea. Era através de diversos caminhos que as inovações chegavam. Até mesmo as formas de repressão atingiam a “Fortaleza do calçamento” e a “Fortaleza das areias”. Estavam nas areias os moradores da “anticidade”, como coloca Jucá (2004). Lá estão sujeitos a serem civilizados, educados e repreendidos. As práticas de divertimento, ao chegarem ao calçamento, tinham que ser outras, pois os modos civilizados exigidos para se portar

⁵ BARBOSA, Carlos Henrique Moura. *A cidade das Máscaras: carnavais em Fortaleza das décadas 1920 e 1930*. Dissertação apresentada na defesa do Mestrado em História – UFC. Fortaleza, 2007.

⁶ FONTELES, Francisco Linhares Neto. *Vigilância, impunidade e transgressão: facas da atividade policial na capital cearense (1916-1930)*. Dissertação apresentada na defesa do Mestrado em História – UFC. Fortaleza, 2007.

⁷ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *A modernização de Fortaleza e o cotidiano da população: 1930-1960*. In: GADELHA, Francisco Agileu de Lima; DAMASCENO Francisco José Gomes; SILVA, Marco Aurélio Ferreira da (Org.). *Outras Histórias: Fortaleza, cidade(s), sujeitos(s)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

naqueles espaços da cidade eram outros. Com isso, as pressões para a adaptação aumentavam, externa e internamente.

Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho⁸ (2006) destaca-se como um dos autores que trazem interessante reflexão acerca das transformações também do início do século na cidade. Sua problematização incide principalmente sobre as mudanças nas sensibilidades de homens e mulheres. Os aparatos tecnológicos inseridos nas primeiras décadas do século XX em Fortaleza modificavam a paisagem e os sons da cidade. A análise do autor busca refletir sobre quais rastros foram deixados pelos sujeitos em decorrência da mudança de percepção em relação àquelas novidades, e como sinais importantes para a percepção das mudanças das temporalidades dos sujeitos.

Os trabalhos citados descrevem como a cidade de Fortaleza teve o seu cotidiano transformado devido a mudanças econômicas, sociais e urbanas naquele contexto do século XX. A análise sobre as práticas de lazer e de tempos disponíveis que buscamos realizar nessa pesquisa dialoga com a percepção do lazer como atividade com um fim em si mesmo; lazer que se modifica e se transforma também no bojo das mudanças pelas quais a cidade passava. Dessa forma, refletimos como, essa atividade relacionava-se com as transformações ocorridas nos tempos e nos espaços sociais, entendendo o lazer e as atividades de tempo disponíveis como uma parte ativa dessas transformações.

No interior dessa trama é necessário perceber como o lazer foi concebido pela burguesia como uma atividade a ser controlada e cada vez mais como parte de um tempo livre do trabalho. Para que essa análise se constituísse de uma forma objetiva, foi necessário perceber o contexto onde essas práticas de lazer estavam se desenvolvendo. A divisão que estabeleci para o trabalho contempla espaço, tempo e valorizações em torno das atividades de lazer. São aspectos necessários para a análise das práticas de lazer e de tempo livre.

As fontes consultadas para a constituição desta análise são os relatos de memorialistas, os relatórios dos presidentes de províncias, jornais, revistas e processos criminais. Através desses documentos podemos perceber as transformações na cidade em diversos setores. Os relatos dos memorialistas mostram que a cidade de Fortaleza e seus

⁸ SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Rumores: a paisagem sonora de Fortaleza (1930-1950)* / Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho – Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

moradores passavam por um momento em que suas diferenças sociais eram bastante expostas por conta das transformações. Uma Fortaleza que, na visão desses narradores do cotidiano, em alguns momentos se mostrava moderna, contudo, sem deixar de conter certa desarmonia na forma como pretensa modernidade chegava aos diversos sujeitos.

Cada vez mais os novos equipamentos, como teatros, praças, bondes, cinemas, hotéis contribuíram para que aquele ambiente se transformasse. As influências de tais novidades na moldagem dos corpos e dos espaços também ficam visíveis nas revistas que circulavam na cidade. Esses veículos, assim como os jornais, muitas vezes buscavam assimilar e divulgar os costumes vindos de outras cidades ou países. Era imprescindível para as elites a criação de um vínculo daquelas atividades esportivas com uma série de valores produtivos, assim os jornais se estabeleciam como grandes divulgadores daquelas atividades, onde podemos observar, por exemplo, as organizações de lutas de boxe e corridas de cavalos que eram descritas, bem como a divulgação de notícias sobre o futebol.

Os jornais, na observação de Antonio Clarindo Barbosa de Souza, se estabelecem também como mecanismos de poder e constituem uma espécie de discurso regulador. Esses fatores têm que ser observados quando realizamos a análise da percepção das sensibilidades e das valorizações dos sujeitos sobre uma determinada atividade como o lazer. Ao buscarem construir suas realidades, ou o seu cotidiano, muitos homens e mulheres encontravam normas e discursos reguladores presentes nas páginas dos jornais. Na nossa análise, tanto nos jornais como nas revistas, podiam ser encontradas críticas, normas e regras sobre os diversos divertimentos estabelecidos pelos sujeitos. Através delas, podemos perceber na visão do autor alguns indicativos de condutas. Essa perspectiva de entendimento permite perceber que os discursos estabelecidos nos jornais muitas vezes servem como barreiras que dificultavam as ações dos sujeitos. Antônio Clarindo (2011) entende que para a compreensão das sensibilidades dos sujeitos é necessário que se dê atenção à forma como um contexto histórico foi afetado por mudanças técnicas e comportamentais. Dessa forma, explica que

Uma história do sensível, que enfoque as pessoas despossuídas passa necessariamente, pela crítica ou pela percepção de como estas pessoas foram ou eram afetadas pelas mudanças técnicas ocorridas em sua época, pelas formas de exposição de suas figuras, pelos modelos de comportamentos

exigidos delas, pelas maneiras como as pessoas, letradas ou não, conheciam ou entendiam o ‘real’, e por ‘verdades’ e valores que orientavam a sociedade na qual elas viviam (SOUZA, 2011, p. 85).

Jornais como *O Nordeste* e *O Correio do Ceará*⁹ tiveram papel importante para as análises dessa pesquisa. As revistas *Ba-ta-clan* e *Ceará Ilustrado*¹⁰, por menores que tenham sido suas edições, também contribuíram para termos uma visão de como a imprensa estava divulgando algumas atividades e incentivando outras. As edições desses jornais e revistas que circularam principalmente na segunda metade da década de 1920 oferecem um panorama sobre esses lazeres esportivos e outras atividades de tempo livre praticadas pelos sujeitos na cidade.

Os processos que fazem parte do acervo do Arquivo Público do Estado¹¹, com sua série “Ações Criminais”, que se encontram divididas nas subséries “Ferimentos”, “Homicídios”, “Injúrias e Calúnias”, nos apresentam um panorama de diversos lugares onde ocorriam os divertimentos para alguns na cidade de Fortaleza. Bares, lugares para jogar roleta, bancas, cafés, festas, casa de meretrizes, sambas, praças etc. serviam para divertimentos e acabavam se tornando palco de alguns atritos, mais ou menos graves. Através deles é possível perceber como a força policial buscava agir repreendendo comportamentos, tanto nos bairros centrais como nos mais afastados.

O cruzamento e o relacionamento dessas fontes proporcionam uma visão da complexa forma como algumas práticas de tempo livre continuavam a permanecer na cidade e como outras passaram a fazer parte daquele cotidiano. Algumas passaram a ser combatidas e outras incentivadas, de acordo com uma valorização relacionada ao mundo do lazer e dos divertimentos. Através de algumas dessas práticas os sujeitos inventavam seus tempos diários e modificavam o seu cotidiano. Era no jogo, na brincadeira, na ida à praia que os moradores da cidade encontravam seus pares, estabeleciam conexões e experimentavam emoções.

⁹ Os jornais citados encontram-se disponíveis para pesquisas no setor da hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

¹⁰ Revistas publicadas principalmente na segunda metade da década de 1920. A Biblioteca Pública Menezes Pimentel disponibiliza, em seu acervo digital, as referidas revistas para *download*.

¹¹ Os processos crimes utilizados neste trabalho estão disponíveis para pesquisas no Acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará.

No primeiro capítulo recuperamos as transformações na cidade de Fortaleza, abordando seus elementos/características físicas. Entender aquele conjunto de transformações, que iam desde a construção ou reforma de uma rua ou um Passeio Público, era necessário para que a cidade se estabelecesse como um espaço que surgia para a convivência de um complexo conjunto de sujeitos. Buscamos, assim, trazer um panorama sobre esse contexto de transformações ocorridas em Fortaleza.

Por mais que essa questão das transformações urbanas, sociais e econômicas percorra todo o trabalho, é interessante que no capítulo inicial esse seja o foco principal. Essa contextualização é necessária para percebermos Fortaleza inserida num conjunto de mudanças que atingiram de formas particulares diversas cidades e países no mundo. As cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro costumam ser apresentadas como expoentes, no Brasil, desse complexo contexto de transformações. Nicolau Sevcenko (1998) entende que nesse momento, chamado por ele de “segunda Revolução Industrial” ou “revolução científico-tecnológica”, ocorreu uma série de transformações tecnológicas que acabaram por percorrer diversos países e suas principais cidades. Mesmo que as mudanças ocorridas em Fortaleza não tragam as dimensões das que puderam ser verificadas no Rio de Janeiro ou em São Paulo, a capital cearense não pode ser alijada desse processo.

No segundo capítulo fazemos reflexões de como foi se estabelecendo em Fortaleza uma série de transformações que acabaram por modificar e tornar complexos os tempos sociais estabelecidos na urbe. Dentro desses tempos surgidos e transformados configurou-se um tempo específico para as atividades de lazer e de tempo livre. Os tempos sociais, naquele instante, continuaram complexos, devido a uma inserção cada vez maior de práticas capitalistas, como o comércio e as pequenas indústrias. Novos equipamentos, como os bondes elétricos, passaram a dividir a cidade com os seus trilhos, mas também permitiram que novos tempos fossem constituídos e experimentados. Os fins de semana surgiram como possibilidade e espaço destinado aos divertimentos. O final do dia também, com as lutas de boxe, por exemplo. Os jornais mais uma vez permitem que observemos organização do fim de semana como momento propício ao lazer, mas também como divulgadores e incentivadores desse processo.

No terceiro capítulo indicamos as especificidades das valorizações que se constituíram em torno das atividades de lazer e de tempo livre. Nele descrevemos as disputas ocorridas na sociedade em torno das configurações das práticas de tempo disponíveis. Podemos observar uma série de valores atribuídos às atividades praticadas nos tempos livres e como as elites buscaram influenciar na construção dessas atividades. O modo como o lazer foi entendido e utilizado por uma parte da sociedade, juntamente com o trabalho, como uma atividade ordenadora e controladora daquele meio social, também pode ser percebido através da análise das fontes jornalísticas. Essas fontes permitem uma análise sobre o modelo de lazer que as classes dirigentes procuravam implementar.

Observamos também a consolidação de algumas práticas esportivas, que nos mostram como se instaurou a busca pelo ativismo social, reflexo daqueles tempos que se transformavam. Algumas atividades se organizaram também como ações na tentativa de disciplinar o meio urbano. Toda essa ação corrobora para a inserção das atividades no meio urbano. O lazer e, principalmente, as atividades populares de tempo livre, nos discursos observados em revistas e jornais, precisavam estar ordenadas de acordo com uma lógica que privilegiasse o trabalho como atividade principal na sociedade.

O modo com o qual buscamos perceber as atividades de lazer e de tempo livre encontra-se relacionado com as teorias elaboradas por Norbert Elias (1992), Eric Dunning (1992) e Christianne Luce Gomes (2008). De acordo com o primeiro, a busca por atividades que trazem uma espécie de tensão faz parte da procura por renovação emocional que é fundamental para um momento em que o autocontrole passa a fazer parte do contexto social. Com isso, é na análise desses fenômenos de tempos disponíveis, compreendendo a teoria do Processo de Civilização de Norbert Elias (1994), que poderemos observar a busca pelas atividades de lazer constituída por um estímulo vindo da própria atividade. De acordo com o referido autor, à medida que uma sociedade torna-se cada vez mais complexa, crescem os controles externos e os autocontroles sobre os sujeitos. A busca da excitação, surge como forma de experimento de emoções. E, muitas vezes, o único espaço para isso em uma sociedade que se moderniza e que transforma suas relações, tornando-as mais complexas, são os espaços de esporte e de lazer. Portanto, é necessário compreender as atividades de lazer como

construções independentes do mundo do trabalho e com uma função bem específica, que não apenas o relaxamento das tensões advindas da labuta diária.

Analisar as práticas de lazer dessa maneira permite que possamos dialogar com a perspectiva de lazer pensada por Christianne Luce Gomes (2008) que é o de uma atividade que possibilite a realização humana. Em sua análise da perspectiva histórica de como o lazer foi se constituindo na sociedade moderna, a autora observa que essa atividade adquiriu um lugar específico de auxílio ao mundo do trabalho. Constituiu-se em nossa sociedade o lazer cercado de valores positivos, ligado ao mundo do consumo e à indústria do turismo. A realização profissional de estar num bom emprego e recebendo um salário satisfatório faz com que as pessoas sacrifiquem alguns momentos de seu dia que poderiam usar para atividades criativas. Gomes entende que

Face à realidade com a qual nos deparamos atualmente, as reflexões/ações sobre o lazer nos colocam numa encruzilhada. Enquanto para alguns esse novo estilo de vida significa maiores chances para a ocorrência do lazer, para outros ele é, de certa forma, limitado e ofuscado por um desejo interminável por trabalho, devido, principalmente, à sua condição social na atualidade, em que não há oportunidades dignas e nem emprego para todos (GOMES, 2008, p. 73).

Os desafios para o estabelecimento do lazer como atividade criativa culturalmente passam pelo entendimento desta atividade como geradora de valores sociais. O lazer e as práticas de tempo livre foram se constituindo no nosso país como uma atividade repleta de contradições, onde um setor muito pequeno da sociedade tem acesso às suas práticas. Num país que teve, ao longo de sua história, que conviver com problemas como a imensa desigualdade social, desemprego, analfabetismo, desigualdade racial, violência e a pobreza, por exemplo, fica complicado pensar no lazer como atividade transformadora, se muitas pessoas ainda passam por estes problemas sociais básicos. Ao tratar o lazer e as atividades de tempo disponíveis como uma atividade que possui um valor em si próprio, estamos estabelecendo uma tentativa de observar essas práticas como uma atividade transformadora e crítica da realidade. Talvez o entendimento de como as atividades de lazer foram se constituindo historicamente em nossa sociedade possa permitir que futuramente saibamos responder, relacionando nosso contexto social e nossa construção histórica, perguntas simples como: o que é lazer? O que significa tempo de lazer?

2 A INSERÇÃO CAPITALISTA E AS TRANSFORMAÇÕES DOS LAZERES EM FORTALEZA

2.1 A cidade se modifica

Partindo da noção de que as transformações do lazer não ocorreram de forma única em todas as partes do mundo, cabe encontrarmos as especificidades desse processo na cidade de Fortaleza, no início do século XX. A própria estruturação do campo das festas e dos divertimentos não se constitui de forma isolada no conjunto da sociedade. Entendemos que os divertimentos, as formas de passar o tempo livre, sofrem diversas mudanças de acordo com a sociedade onde são gerados e vivenciados. Fortaleza, nesse momento de transição do século XIX para o XX, passa de maneira bem específica por um processo de urbanização. Novos locais são vivenciados, pontos de encontros e de passeios surgem, são transformados ou ganham novos significados. A cidade como espaço de moradia, de comércio e de lazer tem particularidades, possui dinâmicas próprias. Os sujeitos que aí convivem têm as suas formas de vivência transformadas à medida que a cidade se modifica. As constantes mudanças desse período influenciam as escolhas dos sujeitos, os seus hábitos, assim como fazem aparecer novas formas de mudar seu dia a dia.

Para que possamos entender melhor esse processo é necessário o entendimento acerca das mudanças e permanências pelas quais passava a cidade naquele momento. Fortaleza estava vivendo um processo de urbanização mais intenso, principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Diversos elementos permitem entender a forma específica de lazer praticado e usufruído pelos habitantes da cidade.

A urbe, desde as últimas décadas do século XIX, passa por uma série de transformações. Essa mudança se intensifica desde a consolidação da cidade como capital da Província. Ao ter um contato mais direto com o capital estrangeiro, recebe investimentos, como a instalação de indústrias, estrada de ferro, assim como novas lojas para o comércio. Observa-se a chegada de uma população do interior do estado, que vem em busca de melhores condições de vida e também atraída por essas inovações, fazendo que se ampliem as necessidades de sociabilidade; assim, crescem as diversões e

os locais indicados para as práticas dessas atividades. São cafés, cinemas, praças, clubes, bares, cabarés, repletos de novas formas de vivenciar o espaço público, frequentados pelos mais diversos estratos sociais: trabalhadores, comerciantes e estrangeiros. Homens e mulheres que buscavam locais com a intenção de se divertir e aproveitar seus tempos livres na cidade. Dentro desse contexto, podemos classificar os processos de urbanização, industrialização e imigração como agentes dessas mudanças. Esses processos se influenciam mutuamente e gestam novas formas de sociabilidade.

A maioria das grandes cidades brasileiras buscou espelhar-se nos modos que vinham do exterior, mais precisamente de Paris. Os cafés, teatros, grandes avenidas significavam para as capitais brasileiras mais que um modelo de cidade, eram parte de um modelo civilizatório a ser copiado. Esse processo foi ocorrendo de formas bem específicas nas cidades brasileiras. Em Fortaleza podemos perceber como foram absorvidos esses moldes e como a população se tornou parte desse cenário que se formava. Para Lilia Moritz Schwarcz (2012), esse modelo procurava vender uma espécie de “[...] civilização fácil”, o que de fato não ocorre. Para essa autora, “[...] diferente da suposta marcha evolutiva, única e mandatária, ocorreu uma sobreposição de temporalidades e a afirmação de uma modernidade periférica” (SCHWARCZ, 2012, p. 22).

Ao priorizarmos o entendimento das formas de lazer de uma sociedade, buscamos verificar qual pano de fundo está por trás dessas práticas, como o próprio mundo do trabalho. E entre os séculos XIX e XX, o mundo do trabalho vem passando por transformações; o sistema escravista foi abolido; abriu-se um cenário onde era permitido vislumbrar um novo país com novas formas dos sujeitos inserirem-se na sociedade: “A República surgiu alardeando promessas de igualdade e cidadania” (SCHWARCZ, 2012, p. 19), mesmo que muitas vezes essa promessa não tenha se completado e, com o sistema escravista abolido por, lei surjam os problemas sociais de desemprego, discriminação racial e segregação social. Os modelos republicanos eram as grandes capitais mundiais, e mesmo com o Rio de Janeiro exercendo sua influência sobre quase todo o país, “[...] o grande modelo civilizatório seria a França, com seus circuitos literários, cafés, teatros e uma sociabilidade urbana almejada em outras sociedades” (SCHWARCZ, 2012, p. 28). Para Schwarcz, “[...] estava em curso um

processo inédito, que implicava acelerada transformação do espaço urbano e sua eleição como novo locus das representações” (SCHWARCZ, 2012, p. 28).

Essa sociedade que passou a vivenciar o lazer tem relações diretas com o modo de produção capitalista que se desenvolve no Brasil e no Ceará na virada do século XIX para o XX. A capital do estado sofria influências financeiras, comerciais e culturais das grandes capitais do Brasil e do mundo. Era comum a presença de visitantes, comerciantes e estrangeiros no início do século. Vemos emergir uma burguesia formada tanto por cearenses como por estrangeiros. A maneira como essas influências foram assimiladas ou adaptadas em nossa cidade oferece embasamento à reflexão. O cenário em que acontecem as mudanças em torno do lazer parece montado nas décadas iniciais do século XX. Por mais que isso não tenha acontecido de forma completa em todas as cidades do país, ele não pode ser desconsiderado. As maneiras como os sujeitos de uma mesma cidade vivenciaram tais mudanças foram múltiplas. Muitos foram colocados à margem desses processos, sendo necessário problematizarmos as causas dessa exclusão.

Diante do conjunto de transformações pelas quais passou o país a partir da segunda metade do século XIX, podemos observar mudanças nas diversas cidades brasileiras e, assim, perceber mais especificamente qual o papel da cidade de Fortaleza nessa dinâmica. Os processos já citados de urbanização, industrialização e imigração fizeram com que novos padrões fossem estabelecidos. Marco Aurélio Ferreira da Silva entende que, naquele momento,

[...] as principais cidades brasileiras estavam perdendo muito do seu aspecto colonial e podiam se orgulhar dos melhoramentos, fosse nos transportes públicos, na iluminação e no abastecimento de água, na pavimentação das ruas, na construção de mais prédios públicos, no aumento progressivo dos serviços públicos etc. e isto num espaço citadino que passou a aglomerar populações cada vez maiores, atraídas que estavam pela vida urbana (SILVA, 2009, p. 32).

Fortaleza é beneficiada também por essas mudanças que atingem não só os espaços públicos, mas também seus moradores. Silva (2009) continua a sua análise:

Nesse mesmo período de efervescentes mudanças, encontramos a capital da província cearense, Fortaleza, não muito distante das transformações operadas nos grandes centros urbanos europeus e até mesmo na capital do Império; pois passava também por um processo de reformas urbanas com

aparelhamento técnico e reordenação de seus espaços. Não só a cidade se modificava, mas ainda, as pessoas eram envolvidas e levadas a crer que todo o seu conjunto sócio-espacial necessitava mudar (SILVA, 2009, p. 37).

Sendo uma cidade portuária, Fortaleza assume, àquela época, condição de principal cidade da província. A função de cidade exportadora fez com que a mesma atingisse importância maior do que cidades como Sobral e Aracati. Essas duas, tiveram, durante a maior parte do século XVIII e XIX, maior importância comercial e política em relação à capital. As trocas comerciais de produtos primários e manufaturados, sobretudo a partir do fim do século XIX, permitiram a inserção capital cearense na dinâmica do comércio internacional. Essas novas relações comerciais fizeram com que a cidade precisasse de melhorias em seus serviços públicos, tal como observa Silva:

Na capital, foram implementadas melhorias em seus serviços públicos, nos transportes, nas comunicações, na iluminação na abertura e pavimentação de novas vias, na construção de belos prédios públicos que funcionariam como lugares da gestão da cidade etc., o que levou Fortaleza a um relevante crescimento. Houve um movimento de modificações urbanas, de aumento populacional e de beneficiamento técnico-produtivo (SILVA, 2009, p. 39).

É dessa segunda metade do século XIX a grande expansão de obras públicas. Foram construídas, nesse período, a Santa Casa de Misericórdia, a Cadeia Pública, a Assembleia Legislativa, a Escola Normal e a Estrada de Ferro Fortaleza-Baturité. Porém, as mudanças não foram gestadas somente no âmbito das construções públicas. As autoridades também buscavam impor algumas ações repressivas e controladoras com o intuito de buscar a “saúde dos corpos e das mentes”. Agindo sobre os indivíduos de comportamentos não considerados dentro da lei. O interesse maior era estabelecer em toda sociedade o enquadramento em uma vida voltada ao trabalho. O combate à vadiagem e à ociosidade era importante para que Fortaleza pudesse ser enquadrada em um modelo de “[...] cidade moderna, civilizada e sintonizada com os interesses da nova ordem capitalista (exigência do mercado externo)” (SILVA, 2009, p. 40).

José Liberal de Castro, na *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, traz uma visão dessa expansão e crescimento da cidade de Fortaleza. Para ele, foi nesse período que a cidade teve uma expansão física significativa.

No último quartel do século XIX, a Fortaleza conheceu acentuado progresso material e cultural, consolidando em definitivo sua hegemonia urbana nos quadros estaduais. Nas décadas seguintes, já no século XX, o desenvolvimento manteve curso ainda mais acelerado, como comprovam as realizações no campo de atividades diversas, refletidas na aparência elegante adquirida pela cidade. De modo inacreditável, a expansão física, com marcadas mutações, ocorreu de modo praticamente espontâneo, por agregação de trechos novos, nascidos da acessibilidade oferecida pelas linhas de bondes (CASTRO, 2011, p. 87).

Esse panorama é interessante para mostrar como Fortaleza foi se inserindo numa lógica de desenvolvimento capitalista estimulando a constante chegada de estrangeiros. Isso nos oferece elementos para pensarmos como aconteceu esse encontro de culturas, principalmente entre as europeias, e as locais. Nessa perspectiva, podemos entender que houve uma troca de experiências e as culturas em contato puderam ser transformadas numa via de mão dupla. A cidade se constitui no local em que essas trocas ocorrem, sendo, desta feita, agente que contribui também para essas transformações. Ao mesmo tempo, as cidades também foram transformadas pela maior inserção do capitalismo, e foi isto que ocorreu em Fortaleza entre os anos de 1860 a 1930. Todos esses fatores estavam colaborando para o surgimento de uma cidade, principalmente em sua parte central, bastante movimentada e com um comércio intenso.

Foi na segunda metade do século XIX que se estabeleceu em Fortaleza uma burguesia formada por cearenses e estrangeiros. Marco Aurélio Ferreira da Silva descreve essas mudanças sociais ocorridas:

Já no aspecto social, seguindo o caminho do desenvolvimento econômico, surgia na capital uma burguesia formada por cearenses e estrangeiros, sobretudo franceses e ingleses, associados ao comércio de exportação/importação, bem como uma mal definida heterogênea camada média composta de profissionais liberais, trabalhadores do comércio, farmacêuticos (boticários), proprietários de oficinas e armazéns, jornalistas, professores, uma burocracia civil e militar etc. Além destes surgiu, nas camadas baixas um número crescente de trabalhadores empregados ou à disposição de pobres urbanos (mendigos, prostitutas, domésticas, retirantes das secas etc.) (SILVA, 2009, p. 44).

Entre os anos 1860 e 1930, podemos observar em algumas cidades brasileiras processos de modernização, de ocupação e redefinição para os usos dos espaços públicos. Fortaleza também passou por esse processo. Como exemplos, podemos destacar grandes obras, como a construção de praças, passeios públicos, teatros,

cinemas e o alargamento de avenidas. O discurso republicano, após 1889, defendia a instauração de um maior convívio entre as pessoas e uma maior sociabilidade pública. Essas ações procuravam definir os lugares para os mais diversos sujeitos e grupos sociais. Estes também buscavam estabelecer seus usos nas diferentes áreas da cidade. Os locais destinados aos divertimentos também sofriam com essas ações, tanto por parte dos próprios frequentadores como do poder público.

Os investimentos europeus na América Latina cresceram bastante nesse período. O capital europeu buscava a ampliação do seu mercado fornecedor e, principalmente, consumidor. O “imperialismo”, como passou a ser chamada essa expansão das potências europeias, teve um grande impulso a partir de 1870. A América Latina trilhou o caminho da “[...] ocidentalização na sua forma burguesa” (CHALHOUB, 2001, p. 248). Para o autor, em seu livro *Trabalho, Lar e Botequim*, o Brasil cumpriu seu papel nesse contexto. O país, a partir da segunda metade do século XIX, especializou-se na produção do café para atender ao mercado europeu, tornando-se também um dos alvos dos investimentos das grandes potências daquele continente.

Foram os acontecimentos de 1888 e 1889, aqui no Brasil, que contribuíram para a entrada do país nessa economia capitalista mundial. Para Chalhoub,

[...] com a Abolição e o Advento da República, que parecem ter criado o quadro institucional adequado para colocar o país numa posição de maior destaque na divisão internacional do trabalho, atraindo assim os fluxos de capital e de força de trabalho que se encaminhavam do Velho para o Novo Mundo (CHALHOUB, 2001, p. 249).

Cresceram as exportações do Brasil para a Europa, bem como os investimentos estrangeiros no nosso país. Os empréstimos vindos de países europeus para as grandes cidades brasileiras também aumentaram significativamente, sobretudo entre as primeiras décadas do século XX. O Rio de Janeiro passou a receber a maior destinação desses recursos, que eram então aplicados, acima de tudo, em seu processo de reformulação urbana. Segundo Sidney Chalhoub, essas mudanças transformaram a cidade num importante centro cosmopolita, por onde as inovações chegariam ao Brasil.

Eram novas modas, costumes e produtos que entravam pelo porto da cidade e eram distribuídos ao resto do país. Desenhar esse panorama das modificações ocorridas no Rio de Janeiro nos leva a pensar sobre as mudanças ocorridas também em Fortaleza.

Não que as transformações da capital cearense tenham ocorrido de forma análoga às do Rio, mas podemos supor que o projeto reformador e modernizante elaborado pela elite carioca tenha se disseminado, junto com os produtos de seu porto, por todo o país. Foi lá que esse projeto reformador republicano iniciou-se e com a pretensão de abranger todos os setores da sociedade. Para Chalhoub, esse projeto poderia ser chamado de “totalizante”, pois buscava impor não só mudanças materiais, mas também culturais, bem como uma nova mentalidade burguesa, negando os costumes das camadas mais baixas da população e rejeitando o que não fosse moderno e parte do progresso (CHALHOUB, 2001, p. 252).

Chalhoub busca trazer para a cena das sociabilidades o mundo do lazer popular, dos bares e botequins. Esses locais de convivência dos trabalhadores, alvos de perseguição das autoridades policiais durante muito tempo, ofereciam ao pesquisador elementos para perceber o ambiente no qual se inseriam os trabalhadores nos seus momentos de folga. Longe da tentativa de definir o que era um lazer bom ou ruim, o trabalhador escolhia como seriam as suas diversões. Esses espaços foram por muito tempo estigmatizados pela imprensa e pelas autoridades como locais de vagabundos e desordeiros. Por trás desse modo de classificação explicitou-se a constante busca de imposição de uma lógica do trabalho que descartava o ócio e que queria induzir um lazer produtivo.

A análise do que acontecia nos botequins e bares, estabelecida por Chalhoub, é importante para entendermos as lutas em torno dos locais de lazer dos trabalhadores. Essa questão se mostrava fundamental para as autoridades, pois a separação entre lazer e trabalho não estava muito bem definida. Para a expansão capitalista se intensificar na sociedade do Rio de Janeiro, esses espaços teriam que estar bem separados. Os botequins, muitas vezes, eram frequentados em momentos não tão distintos dos horários de trabalho. A violência foi a solução para resolver a questão dos quiosques que vendiam bebidas, onde “[...] homens munidos de querosene e caixas de fósforo atearam fogo em inúmeros quiosques do centro da cidade” (CHALHOUB, 2001, p. 258).

Durante um espaço curto de tempo, ocorreram diversas mudanças sociais e no espaço físico da cidade de Fortaleza (novos prédios, praças e ruas). Aos poucos, as ofertas de diversões, lazer e uso dos tempos livres cresciam. O público para usufruí-los

também crescia, principalmente com a formação dessa burguesia e de uma camada média que tinha muito mais tempo e recursos para diversão do que os trabalhadores mais pobres. A consequência desse processo foi que as camadas mais altas da sociedade buscaram uma constante diferenciação dos populares. Os espaços dos lazeres e das diversões foram campos que serviram de embate para essa busca de distinção almejada pelas elites.

Silva (2009) descreve a população de Fortaleza, destacando essa camada de menor poder aquisitivo:

O que possuíamos era um predomínio de um povo de cara mestiça-parda, cuja maior parte era analfabeta e de hábitos, como falar alto, trajar simples (vestuário confeccionado com tecidos grossos de algodão), praticar jogos (o jaburu e o dos bichos), ir às festas regadas com a cachaça, namorar nas areias, jogar “conversa fora” sob árvores, banhar-se nas lagoas e rios, da jumentada (corrida de jumentos), preparar festas populares de marca africana (congada, reisados e batuques) etc. (SILVA, 2009, p. 79).

Ao mostrar esse quadro, o historiador procura demonstrar uma classe popular com valores e busca de diversões totalmente opostos à forma que a elite procurava impor. Esta última agia constantemente no intuito de controlar esses hábitos, que considerava estranhos à civilização:

Quanto à classe dominante, havia uma elite senhorial, que pouco a pouco, através de uma cultura letrada (com unidade de formação educacional), foi adquirindo caráter aristocrático. Uma recente elite com intenções de distinção e novos referenciais, possuindo como marca um imaginário de exclusão, que com um olhar preconceituoso e disciplinar procurou fundar uma nova sociabilidade em que se tentou excluir e obliterar o mundo popular (SILVA, 2009, p. 81).

Os jornais também nos trazem indícios de como as elites buscavam exercer o controle sobre os locais de sociabilidade. Esses veículos de comunicação muitas vezes servem de porta-voz à classe dominante e exprimem somente a visão que trata as camadas populares como culturalmente inferiores. O jornal *Diário do Ceará* de 16 de agosto de 1926¹² traz o seguinte comentário: “Onde a polícia deve agir”. A nota procura denunciar problemas ocorridos na casa de bilhares denominada “Cabaré”, trazendo a descrição do local: “[...] está repleta das mais variadas marafonas, do tipo mais

¹² Jornal *Diário do Ceará*, dia 16 de agosto de 1926. Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Setor de Periódicos.

repelente que se possa imaginar” (DIÁRIO DO CEARÁ, 1926). Aqui vemos claramente que o jornal procura denunciar as práticas de prostituição que ocorriam nesses lugares destinados ao divertimento dos trabalhadores. O intuito era de combater o “mau lazer”, fazendo com que os trabalhadores optassem por práticas civilizadas, que corroborassem com a visão das elites. Constantemente, os jornais traziam denúncias desse tipo. No mesmo dia, outra nota no mesmo jornal denunciou o frequentador de um cinema da cidade não explicitado, que teve um comportamento “deprimente”, segundo o jornal. De acordo com o periódico, foi um “[...] sujeito que urinou dentro do cinema, na cadeira mesmo” (DIÁRIO DO CEARÁ, 1926).

Ao tratar de forma específica essa tentativa de controle sobre as classes ociosas e perigosas, Francisco Linhares Fonteles Neto¹³ explica como a preocupação com o comportamento dos populares fez com que surgissem, em Fortaleza, algumas instituições filantrópicas que serviriam para a reabilitação dessas pessoas. Para ele, é interessante atentarmos à instalação dessas instituições:

Sirvam de exemplo o asilo Bom Pastor, criado e mantido pela Igreja Católica, em 1928, para a reabilitação das prostitutas arrependidas; e o reformatório para menores – Santo Antônio, 1928. Essas foram algumas instituições criadas para manter o controle das classes populares para torná-las aptas para o trabalho e produtivas (FONTELES, 2005, 43).

Percebemos que o intuito era exatamente o de preparar a população para enquadrar-se na lógica do trabalho implementada pelo capital, que se instalava em nosso estado de maneira mais incisiva naquelas primeiras décadas do século XX. Francisco Linhares procura estabelecer uma análise sobre a visão das autoridades municipais e quais as soluções para os problemas, como nesse relatório encaminhado ao presidente do estado em 1918:

Em uma verdadeira necessidade para o aproveitamento das energias e possível regeneração de um grande número de desocupados, vagabundos, desordeiros, gatunos profissionais, alcoólatras inveterados, e mais contraventores que infestam a nossa Capital e localidades mais populosas do interior, de cujas prisões são hóspedes habituaes.

Igualmente, para o extraordinário número de menores que perambulam pelas ruas, desocupados e entregues a vícios, jogos ou gatunagem, faz-se mister a

¹³ FONTELES, Francisco Linhares Neto. Vigilância, Impunidade e Transgressão: Faces da atividade Policial na Capital Cearense (1916-1930). Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História – UFC, 2005.

criação de um instituto disciplinar onde fossem os mesmos internados, prestando serviços em oficinas adequadas, em que adquiririam, com o hábito do trabalho, os conhecimentos indispensáveis para mais tarde proverem honestamente a própria subsistência; convertendo-se, assim, em elementos úteis à sociedade, indivíduos que por índole ou pelo meio em que viviam, estavam destinados a tornarem-se perniciosos¹⁴.

Para Francisco Linhares, havia o interesse das elites em exercer um controle completo também sobre as crianças. Em um trecho retirado da revista *Ceará Ilustrado* de 28 de janeiro de 1925, a preocupação voltava-se para as crianças que exerciam atividades de engraxates, baleiros, vendedores de jornais e revistas, e também com as que ficavam a “[...] entregar-se ao prazer do *football* nas praças, e do cara-ou-coroa nas calçadas” (CEARÁ ILUSTRADO, 1925). A vigilância visava extinguir, ou pelo menos frear, as práticas consideradas perniciosas por parte das elites. Nesse espaço agiam policiais, jornais e revistas. Para Linhares,

Procurava-se, ao máximo, restringir os hábitos dos populares, pois, para a elite de Fortaleza e as autoridades policiais, eram práticas delituosas ou que podiam gerar distúrbios associados aos jogos, prostituição, consumo excessivo de bebidas alcoólicas, representações de prazer, sociabilidade e lazer para os mais pobres (FONTELES, 2005, p. 53).

Através de trabalhos sobre os controles policiais em torno das populações pobres, podemos perceber uma série de práticas desses populares: são jogos os divertimentos citadinos como o futebol, ou o cara-ou-coroa praticados por crianças. São também evidenciados o costume de adultos de frequentar bares ou botequins, entregando-se ao prazer do álcool. Para o poder público, não era intenção principal, naquele momento, a oferta para a população de espaços para que se praticassem lazeres saudáveis. A preocupação era a de cercear e controlar as práticas consideradas delituosas e que degradariam o ser humano e sua convivência numa sociedade que buscava tornar-se moderna.

Percebemos que foram intensas, as transformações naquele momento de virada do século e das primeiras décadas do século XX em Fortaleza. Não custa enfatizar a

¹⁴ Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente do estado, Dr. João Thomé Saboya e Silva, pelo Chefe de Polícia Bel., José Eduardo Torres Câmara, em 31 de março de 1918. Fortaleza- CE. Estabelecimento Gráfico Mendes, p. 25.

maneira como essas mudanças se deram em um processo repleto de trocas culturais. A cidade era transformada pelas inovações e por novos moradores que chegavam. Alguns memorialistas estabelecem uma leitura muito particular desse processo, cabendo aqui também uma análise. Atentemos a esse trecho de Mozart Soriano Aderaldo (1993), em que o autor procura fazer uma leitura do momento em que Fortaleza passava pelas citadas mudanças:

É desse ano de 1909 o primeiro automóvel que tivemos iniciativa de real importância para o nosso progresso urbanístico. O calçamento característico de Fortaleza era feito de pedra tosca, que o espírito de nosso povo chamava de “cearalelepípedo”, em contraposição a paralelepípedo. Foi o automóvel que obrigou os administradores a melhorar a pavimentação da cidade (ADERALDO, 1993, p. 40).

São relatos como este que nos dão uma dimensão de como ocorreram essas trocas culturais na cidade do início do século XX. Percebemos a forma como a cidade se transformava em decorrência das inovações vindas de outros países. Esse trecho mostra que as ruas estavam sendo transformadas, servindo como lugares de encontros e de passeios onde se criavam novas sociabilidades. Nesse novo momento instaurado no século XX, a rua convidava os moradores a saírem de casa, eram novidades como os automóveis, cinemas, praças e teatros que ofereciam novas distrações para serem usufruídas nos tempos livres.

Destaca-se ainda a leitura de outro momento que Mozart Soriano aborda: a instalação dos cinemas na cidade:

[...] em 1921, foi inaugurado o Cine Moderno, frequentado pelas melhores famílias da terra, dando-se assim um novo passo para a alteração de costumes arraigados nos habitantes da cidade, até então excessivamente caseiros (ADERALDO, 1993, p. 42).

Aqui podemos perceber os signos de diferenciação estabelecidos de acordo com os locais de diversão. O cinema é tratado pelo autor como um espaço destinado a receber as “melhores famílias” da cidade. O que temos que perceber era quem realmente teria acesso a essas diversões. O valor dos ingressos cobrados e também a exigência de trajes para frequentar esses locais eram meios usados para buscar um público específico para essas diversões.

O Cine Moderno chegou a Fortaleza quatro anos depois da inauguração do Cine Majestic, inaugurado no ano de 1917. O Cine Politeama, segundo o mesmo autor, funcionava desde 1910. Mozart Soriano entende que essa gama de locais para as horas livres (cinemas, teatros, Passeio Público) contribuíram para modificar os hábitos da população de Fortaleza. Até então de hábitos muito caseiros, como as já citadas “rodinhas nas calçadas”. Eram constantes as novidades que aportavam em Fortaleza e mudavam o seu cotidiano, instaurando novas práticas de convívio entre os moradores e os frequentadores desses espaços.

Percebemos que os locais destinados ao lazer também adquiriam outras funções no seu dia a dia. O momento, antes era destinado somente ao descanso, vai aos poucos sendo preenchido pela prática de esportes ou de apostas, isso dentro das especificidades de cada grupo social e de acordo com os seus frequentadores. Nesses casos, observamos que os sujeitos, na busca pela manutenção de um *status* e no intuito de se diferenciar e de se fazer perceber no meio social, também utilizavam os momentos de lazer para esse fim. Essas ações ocorriam num momento em que diversas cidades do Brasil estavam entrando em contato com inovações tecnológicas, o que implicava numa ampliação dos espaços e de tempo para as práticas de diversão e lazer.

Todo um conjunto de inovações trazidas para o Brasil estimulou uma maior sociabilidade e também as práticas de lazer. Em Fortaleza, a chegada da iluminação a gás, no ano de 1867, já contribuía para que surgissem novos momentos para diversão. É importante frisar que a iluminação a gás carbônico permaneceu até a década de 1930, quando só então foi substituída pela elétrica. A noite surgia como mais um momento no qual práticas de lazer poderiam ocorrer. Os cinemas, já no século XX, surgiram como novos espaços de diversão noturna. A circulação na cidade também foi estimulada com novos transportes, como os bondes elétricos, que chegaram a Fortaleza no ano de 1913. Além dessas novidades encontradas em outras cidades brasileiras no período em questão, percebemos também a importação de produtos e mercadorias. A possibilidade de comércio entre o Brasil e outros países estimulou a vinda de comerciantes de diversas partes do mundo, principalmente de Londres e Paris, que estavam buscando novos mercados para os seus produtos. A chegada desses comerciantes causou mudanças também no cotidiano das grandes cidades brasileiras. Como afirma Fraya Frehse, “[...] esses indivíduos trouxeram consigo regras de comportamento corporal e de

interação social peculiares, que afluíram para as ruas centrais quando eles passaram a locomover-se por ali dia a dia” (FREHSE, 2011, p. 280).

Nicolau Sevcenko é um dos autores que estabelecem uma análise do período, mais especificamente os anos 1920. Ao analisar as transformações ocorridas em São Paulo, o autor aponta caminhos para a reflexão sobre o que ocorria em outras cidades brasileiras. Ele entende esse momento pelo qual passava a capital paulista como

[...] um processo de exacerbação de tensões, em curso de se tornar uma megalópole moderna. Os anos 20 assinalam uma etapa decisiva desse processo e têm particular significação pelas iniciativas de definição de um padrão cultural de identidades que caracterizam o período. Essas iniciativas, em parte deliberadas, em parte reativas e em parte surpreendentes até mesmo para os agentes que as assumiam, se destinavam, por um lado, a mediar os confrontos sociais que atingem ápices críticos nesse momento e, por outro, a reorganizar os sistemas simbólicos e perceptivos das coletividades, em função das demandas do ritmo, da escala e da intensidade da vida metropolitana moderna (SEVCENKO, 1992, p. 18).

Podemos entender que as transformações ocorridas no cotidiano não se fizeram em forma de imposição. As mudanças em torno do lazer e das diversões ocorreram em consequência de uma série de fatores gestados a partir da segunda metade do século XIX. As influências estrangeiras são importantes para a concepção desses novos costumes no Brasil, no entanto devem ser percebidas nas formas como foram sendo adaptadas pelos moradores locais. Dessa maneira, falar apenas em imitação seria deixar de lado o complexo processo de transformações nos quais os costumes e a cultura de um local foram afetados. Temos uma incorporação de hábitos europeus, mas não temos uma imitação direta. Essas peculiaridades têm que ser observadas em cada momento e cidades pesquisadas. Centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro às vezes mostram realidades diferentes das que ocorreram em Fortaleza nos mesmos períodos. Temos durante a passagem dos séculos XIX para o XX um conjunto de transformações sociais, políticas e econômicas que influenciaram culturalmente no Brasil de um modo geral.

2.2 Os significados do lazer na cidade

O conceito de lazer se gestou e se transformou de uma forma muito própria nesse período, adquirindo também uma relação diferente com o ambiente citadino, onde sua forma moderna ocorreu. A definição moderna de lazer, de acordo com Victor Andrade de Melo, foi mais claramente elaborada a partir do século XVIII, quando um modelo burguês de sociedade se estabeleceu na Europa, influenciando não só aquele continente, mas as diversas regiões do planeta, principalmente onde os europeus estabeleceram relações comerciais. Surgiu então uma nova divisão dos tempos, que se configura de acordo com a fábrica. Com a instalação dessas fábricas, as cidades também foram transformadas. Apareceram, nos centros urbanos, novos locais de convivência. É com essa concepção dos novos tempos de trabalho que percebemos transformações e definições do que seriam esses tempos livres (MELO, 2010, p. 15-16).

Ainda dentro dessa reflexão, Melo procura referência em E. P. Thompson para as transformações ocorridas em torno desse conceito com o advento da Revolução Industrial:

Se a diversão tem sido buscada por homens e mulheres desde as épocas mais remotas, a ideia de lazer como algo marcadamente distinto do trabalho, um direito de todos e exercido em momentos delimitados, parece ser recente. A partir da Revolução Industrial, e mais incisivamente no século XIX, observa-se um processo de artificialização do tempo do trabalho, que progressivamente se afastou do ritmo da natureza e passou a ser ditado pelas marcas do relógio cada vez mais difundido (MARZANO; MELO, 2010, p. 10,11)¹⁵.

É nas cidades modernas, no entorno do ambiente das fábricas, que se constituem as formas modernas de lazer no entendimento de autores como Joffre Dumazedier. Foram, sobretudo, os operários que encararam os momentos de não trabalho como um direito. Para escapar das suas rotinas, esses homens e mulheres elaboraram novas formas de diversão. Esses momentos também foram agregados, aos poucos, à indústria capitalista. Para Thompson, “[...] na sociedade capitalista madura, todo tempo deve ser

¹⁵ E.P. Thompson aborda essa questão no livro *Costumes em Comum*, mais especificamente no capítulo 6, intitulado *Tempo, Disciplina e Capitalismo Industrial*. Entre outras reflexões, Thompson entende que a inserção para o capitalismo industrial foi um processo longo, e que o controle do tempo do trabalhador era condição imprescindível para que esse sistema fosse instaurado.

consumido, negociado, utilizado; é uma ofensa que a força de trabalho meramente passe o tempo” (THOMPSON, 1998, p. 298).

Certamente essas mudanças e transformações que permitiram o surgimento de práticas de lazer consideradas modernas não ocorreram de uma forma automática. Tanto o processo de inserção da sociedade capitalista no Ceará e em Fortaleza como, em consequência, o estabelecimento de novas formas de diversão foram procedimentos longos. Thompson, ao analisar o desenvolvimento econômico, entende que este não se gesta sozinho, e que junto dele ocorrem mudanças culturais (THOMPSON, 1998, p. 304). Fortaleza passou por esse processo, com transformações que podem ter sido lentas ou mais aceleradas.

Outros autores buscaram compreender o momento em que surgiram as divisões nítidas entre trabalho e lazer. De acordo com Joffre Dumazedier,

Alguns consideram que o lazer existia em todos os períodos, em todas as civilizações. Não é o nosso ponto de vista... O tempo do fora do trabalho é, evidentemente, tão antigo quanto o próprio trabalho, porém o lazer possui traços específicos, característico da civilização nascida da Revolução Industrial (DUMAZEDIER, 2008, p.25).

Dumazedier compartilha das teorias de Thompson e busca tratar de um momento bem específico, entendendo que as características do lazer mudaram com o advento da sociedade burguesa da Revolução Industrial. De acordo com sua análise, as mudanças na concepção do lazer são ao mesmo tempo causa e consequência das transformações que ocorrem no indivíduo que surge nas sociedades modernas e tem necessidades bastante diversas. Não é mais o chefe de família que decide as formas de lazer dos seus parentes. Aos poucos, as vontades dos membros começaram a surgir. Dumazedier procura entender esse embate e de que forma todo esse processo tende a induzir a novas práticas de lazer. Assim, essas não servem apenas como momento para o descanso do trabalhador, mas se configuram nesse novo momento trazendo valores em si mesmas (DUMAZEDIER, 2008, p. 58).

As escolhas dos indivíduos sobre os seus lazeres são, para o referido autor, resultado de uma série de processos que orientam a busca de cada vez mais tempo liberado em direção ao lazer. Para ele, o que ocorre é

[...] uma nova necessidade social do indivíduo, a dispor de si para si mesmo, a gozar de um tempo cujas atividades antigamente eram em parte impostas pela empresa, pelas instituições sócio-espirituais, sócio-políticas ou familiares (DUMAZEDIER, 2008, p. 57).

Podemos perceber que o autor cada vez mais elege a subjetividade dos indivíduos como força propulsora na elaboração desses novos lazeres, chegando a falar de uma ética do lazer que, para ele, “[...] não é a da ociosidade que rejeita o trabalho, nem da licença que infringe as obrigações, mas a de um novo equilíbrio entre as exigências utilitárias da sociedade e as exigências utilitárias da pessoa” (DUMAZEDIER, 2008, p. 59).

Desta maneira, vemos surgir possibilidades de escolha, onde as mais diversas formas de lazer oferecem aos indivíduos inúmeras opções para a sua prática. Gostos e vontades dos sujeitos ditam agora essa necessidade de usufruir do tempo livre. As mais diversas motivações para uma prática de lazer vêm à tona, sejam elas a procura por descanso, diferenciação, distinção, consumo, entre outros motivos. Algumas formas de lazer incitam o consumo, que também estava sendo gestado naquele momento. Dumazedier corrobora a visão de autores que entendem o consumo e o lazer como parte de uma mesma realidade, esta realidade que emerge com a sociedade moderna e não é resultado apenas da sociedade industrial; surge também como resultado do sistema capitalista de produção, de distribuição e de consumo.

Victor Andrade de Melo compreende que esse consumo não fez parte somente da realidade das elites. Os populares também estavam tendo acesso a essas práticas. Consumir o lazer também estava fazendo parte dessa realidade. Novos espaços para o lazer surgiam, muitos deles para uso exclusivo das elites. Mas mesmo com a busca desse exclusivismo, camadas mais baixas da população buscavam usufruir desses novos meios. O autor analisa que “as construções simbólicas de distinção não eram negadas e sim reelaboradas com a criação de locais restritos: a multidão estava junta, mas em espaços específicos, cada vez mais divididos de acordo com as posses e as classes”. (MELO, 2010, p. 52) O Passeio Público, construído na cidade de Fortaleza no ano de 1880 pode servir de exemplo para essa questão, como explica Mozart Soriano Aderaldo

Ressaltemos que no Passeio Público havia três alamedas, conhecidas como avenidas: - Caio Prado, olhando para o mar; a do centro, denominada Carapinima, fronteira à porta principal da Santa Casa; e a Mororó, mais

próxima do calçamento da Rua João Moreira. Nelas se observa uma separação voluntária das classes sociais: numa alameda a grã-finagem; na outra, a classe média; e na terceira as domésticas (ADERALDO, 1993, p. 34)¹⁶.

Mesmo com a busca por uma diferenciação espacial por parte das elites, esse processo de distinção não se deu de uma forma completa. As influências entre os gostos das classes ocorriam em sentido de mão dupla. Tanto as elites influenciavam as camadas mais baixas, como essas também tinham influência sobre as elites. Melo percebe que “[...] gesta-se uma cultura híbrida, uma notável troca de símbolos e elementos” (MELO, 2010, p. 52).

A diferença estabelecida entre o lazer e o ócio é fundamental para a compreensão do conceito que queremos problematizar nesse trabalho. Assim como o lazer, a noção de ociosidade sofreu mudanças ao longo dos séculos. Depois de muito tempo constituindo uma das grandes virtudes do homem, foi com a ascensão da burguesia que a ociosidade passou a ser vista de uma forma negativa. O modo de vida burguês condenou o ócio, pois este não condizia com as novas formas de comércio e de indústria que estavam sendo gestadas, principalmente no século XVIII. Mas foi sobretudo no século XIX que esse ócio foi condenado. É nesse mesmo período que o lazer ascende, fazendo parte da vida do trabalhador. Dumazedier entende esse movimento como ambíguo. Enquanto o ócio está em declínio, a noção de lazer passa a fazer parte da vida do proletariado e de suas reivindicações (DUMAZEDIER, 2008, p. 54).

Melo percebe uma série de elementos e razões que contribuíram para que o sentido da ocupação do tempo livre mudasse no decorrer do século XIX, citando entre elas:

[...] a separação mais clara entre o local de trabalho e a residência, o que implica mudanças de costumes; o fato de que a mulher deixara o mercado de trabalho e se tornara administradora do lar, controlando mais os gastos; a redução das horas de trabalho, uma conquista dos próprios trabalhadores, e um relativo aumento de salário; a escolarização crescente, o acesso à leitura e à escrita, que ampliou as possibilidades de diálogos culturais (MELO, 2010, p. 53).

¹⁶ O Passeio Público, construído no fim do século XIX ainda permanece como um dos monumentos históricos da cidade de Fortaleza. Hoje, encontra-se conservado o “primeiro plano”, citado por Mozart Soriano Aderaldo como o trecho reservado para as “elites”.

Mesmo entendendo essas causas citadas como imprescindíveis para a conceituação do lazer, temos que estar atentos para como essas transformações, dentro de um recorte espacial muito específico que é a cidade de Fortaleza, ocorreram no início do século XX. Entende-se que as influências de outras cidades do Brasil e até mesmo de outros países foram grandes naquele local. Mas as especificidades desse processo ocorrem de diferentes maneiras em cada momento. A busca dos elementos que informem de que maneira esses processos ocorreram em Fortaleza é que motiva a presente pesquisa. Nessa passagem entre os séculos XIX e XX, encontramos dados que mostram como Fortaleza se insere na dinâmica do comércio internacional. As novas formas de lazer, inspiradas e adaptadas de outros locais são signos que fazem transparecer mais claramente essa inserção. O lazer pode ser percebido como mais um desses símbolos das transformações temporais nas quais inclui o Brasil, e, por que não dizer, o Ceará na nova dinâmica de diversões modernas das aglomerações urbanas (MARZANO, 2010; MELO, 2010, p. 12 e 13).

Grande parte dos teóricos que tratam do lazer elege o século XIX como o momento em que essa prática sofre suas transformações mais significativas. Alain Corbin, um desses estudiosos, reúne uma coletânea de textos que enfocam mais especificamente essas transformações¹⁷. Ele elabora suas análises sobre o lazer tendo em vista as transformações sofridas por este elemento e por outros que influenciaram suas transformações. O tempo e as noções de tempo estabelecidas com a modernidade são, para esse autor, definidores da concepção moderna de lazer. Como resultado de uma mais clara definição e separação do tempo vivido e do tempo do trabalho, surge uma necessidade de elaboração de novas lógicas de emprego desses tempos. Com as regras para o trabalho estabelecidas de forma mais bem definida, houve uma divisão dos tempos destinados para cada atividade. O resultado desse processo é um grande espaço destinado aos tempos livres (CORBIN, 2001, p. 5). O que Corbin propõe não é estudar a história dos tempos livres e nem tampouco que se estudem as formas como se deram as

¹⁷ A referida obra é *História dos Tempos Livres*, organizada por Alain Corbin. São diversos os autores que tratam do lazer e das diversas questões que o envolvem. Grande parte dos textos fala especificamente dos séculos XIX e XX. Entre os autores que participaram da coletânea estão Roy Porter, André Rauch, Julia Csörgö, o próprio Alain Corbin.

lutas para sua aquisição. O que lhe interessa é a forma com a qual os sujeitos inventam maneiras para o uso desse tempo. Como o próprio autor define:

O nosso projecto consiste portanto em seguir a invenção das maneiras de imaginar, utilizar ou simplesmente viver uma gama de tempos disponíveis que pouco a pouco se vão inserindo na vertente temporal das sociedades ocidentais, entre 1850 e 1960. Para o levar a bom termo convém evitar o anacronismo. Com efeito, é impossível fazer a história dos lazeres sem conhecer, nem que seja sumariamente, a maneira como os tempos sociais eram outrora entendidos, representados, simbolizados, utilizados; sem discernir o modo como eram elaboradas as estratégias e conduzidas as lutas com vista a medi-los, a controla-los e dominá-los. Importa, enfim, evitar confundir ingenuamente tempo de não-trabalho com tempo de lazer, tendo em conta a multiplicidade dos tempos condicionados ou de antemão comprometidos (CORBIN, 2010, p. 5-6).

É na busca de evitar os anacronismos sugeridos por Corbin que devem ser observadas as formas bem específicas de lazer que estavam sendo praticadas no início do século na cidade de Fortaleza. A maneira como o lazer estava se relacionando com as noções de tempo ganho ou tempo perdido é resultado de processos definidos na mais específica divisão do tempo na sociedade. Cabe a nós entendermos os processos de luta e resistências para o estabelecimento dessa nova divisão dos tempos. O tempo da modernidade sugere a compreensão de novos valores. Além de locais, para a diversão, os lazeres, os jogos e as festas, os tempos passam a ser definidos. O controle das autoridades para com essas práticas tende a se tornar maior. A busca de definição dos lazeres e diversões permitidas e proibidas permeia as ações das autoridades municipais do início do século em Fortaleza.

Para Corbin,

Em todos os países do Ocidente impõe-se no século XIX a distinção entre práticas de lazer consideradas enriquecedoras, que relevam da esfera do amadorismo, e distrações consideradas respeitáveis, empobrecedoras ou demasiado ligadas ao profissionalismo. Esta tensão, de ordem ética, entre a busca do lazer “racional” e a do divertimento sem finalidade moral caracteriza desde cedo o debate tal como se estabeleceu além-Mancha, ao mesmo tempo que a ideologia que valoriza o trabalho está no seu apogeu (CORBIN, 2001, p. 8).

O processo de construção do que são práticas de lazer em Fortaleza não necessariamente percorreu o mesmo caminho na Europa. As próprias relações de

trabalho e estabelecimento da configuração dos novos tempos de trabalho e tempos livres têm que ser observadas em suas especificidades. É comum, no relato de memorialistas, o elogio ao lazer “respeitável”, como, por exemplo, o surgimento dos cinemas, que, para Mozart Soriano Aderaldo,

[...] deu grande impulso ao progresso da cidade, não só no que tange a sua construção, toda de ferro, a exemplo do Mercado e do Teatro José de Alencar, como relativamente ao costume que criou de fazer com que as famílias passassem a sair de suas casas e não se limitassem às rodinhas de calçadas” (ADERALDO, 1993, p. 41).

Percebemos o elogio ao lazer direcionado para esse novo local de sociabilidades, o cinema, ao mesmo tempo que as práticas populares, como o costume de ficar nas calçadas, são consideradas uma forma de atraso, diferente do ato de ir ao cinema, que era uma ação ligada ao progresso. Corbin identifica, na Europa, uma constante tentativa de controle e do lazer do outro. Essa identificação do que seria um lazer superior e do que seria um lazer inferior não era exclusividade dos ingleses tratados por Corbin. A forma como Mozart Soriano descreve as formas de lazer exemplifica essa questão.

Sebastião Ponte entende que em Fortaleza, na primeira década do século XX, ocorreu a busca pela implementação, por parte das elites burguesas, de um processo cosmopolita-civilizatório¹⁸. Esse processo, segundo o autor, significa uma série de ações postas por uma elite política e comercial na busca de disciplinar a si e às camadas mais baixas da população. Os Códigos de Posturas Municipais mostram de modo mais específico as ações dos poderes públicos dedicando esforços para que o controle e disciplinamento dos costumes fossem efetuados. Ao fim do século XIX, podia-se perceber a criação de alguns clubes e associações em Fortaleza. Eram clubes literários, espaços de recreação e reuniões, a exemplo da Recreação Familiar Cearense, Clube Cearense e Clube Iracema, todos criados antes da virada do século. O nascimento desses clubes mostra que a necessidade de locais para o lazer surgia bem antes do recorte temporal dessa pesquisa.

São diversos os processos que fazem com que as mudanças em torno do lazer ocorram. O crescimento da industrialização, do comércio e o surgimento da burguesia

¹⁸ De acordo com o autor essa euforia que surgia no seio das elites sociais e intelectuais de Fortaleza tinha como objetivo “transformar a Capital à imagem e semelhança dos grandes centros urbanos do País e da Europa Ocidental”. Para o autor esse processo que teve início ao fim do século XIX se aperfeiçoa entre os anos de 1902 e 1930 (PONTE, 2010, 144).

agem influenciando a constituição dos lazeres modernos. Após analisar a concepção do lazer moderno na sociedade inglesa, Roy Porter estabelece a seguinte reflexão

Examinamos dois processos, essenciais que se relacionam não apenas com o tempo livre, mais num sentido mais lato, com a economia do desejo, a comercialização e o consumo. Por um lado, a industrialização e a burocratização da sociedade de massas na era industrial, tendem inevitavelmente para uma certa uniformidade. Por outro, o princípio da diferenciação que, como sublinhou Pierre Bourdieu, é o meio pelo qual a elite defende a sua distinção (PORTER, 2001, p. 57).

Esse autor nos oferece outra perspectiva para a análise da sociedade do lazer. Porter entende que as práticas de esporte e de lazer servem como modos de distinção. Lança mão da perspectiva de Pierre Bourdieu, em sua análise das práticas esportivas e do seu conceito de distinção, para demonstrar que as elites buscavam, através das suas práticas esportivas e de lazer, a diferenciação das camadas mais populares ¹⁹.

Julia Csergo (2001) observa as noções de lazer construídas em uma cultura cidadina bem específica que é a cidade de Paris. Para ela “[...] falar da história dos lazeres, isto é, dos contornos, das percepções e dos usos de um tempo livre de atividades obrigatórias em Paris, em nada se assemelha a falar dos lazeres numa cidade qualquer” (CSERGO, 2001, p. 140). De acordo com a autora, as cidades, inclusive grandes metrópoles como Paris, constroem temporalidades muito próprias. Os grandes aglomerados urbanos possuem diversas temporalidades e agem de uma forma muito mais incisiva no cotidiano das pessoas, principalmente se compararmos com o dia a dia de moradores de pequenas cidades do interior. Como já foi citado, a instalação e construção de alguns equipamentos ditos modernos em Fortaleza no início do século XX tendem a modificar essas temporalidades na cidade. A instalação de bondes, cinemas, teatros e lugares para passeio estimulam que as pessoas saiam de suas casas e passem a conviver em espaços comuns. Autores como Sebastião Rogério Ponte²⁰ trataram com bastante propriedade o momento em que Paris era influência e modelo para a capital do estado do Ceará.

¹⁹ Pierre Bourdieu apresenta sua análise do campo esportivo na obra: *Como é possível ser esportivo?* Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

²⁰ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: Reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. 3 ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2001.

Julia Csargo observa ainda as elites burguesas se relacionando com essas novas práticas de lazer. Para ela, o lazer permite uma série de apropriações e, na Paris moderna, isso não se define apenas pela forma simples de aproveitar o tempo livre.

É assim que, segundo o modelo impulsionado pelas elites burguesas, as atividades de tempo livre inscritas na nova cultura “democrática do lazer se institucionalizam através de uma organização industrial e comercial do divertimento (CSERGO, 2001, p 166).

É também através dos estudos sobre a sociedade parisiense que podemos observar a gestação de uma sociedade do consumo que elabora novos locais para as diversões. Os grandes *boulevards*, os cafés e as ruas comerciais serviram de inspiração para as grandes cidades que estavam com o mesmo intuito de transformarem-se em modernas. Muitos são os autores que corroboram a ideia da influência que a cultura parisiense do século XIX exerceu sobre várias cidades no mundo, no Brasil, e também em Fortaleza. Essa influência se manifesta nos costumes, nos modos de vestir, nas construções e também nas formas de exercitar o seu lazer. Essa adaptação dos costumes e modos de viver parisienses foi se fazendo de uma forma bem específica em diversas partes do mundo; assim podemos refletir de que forma os costumes locais também influenciaram nessa construção.

2.3 O lazer como instrumento civilizador

Para Sebastião Rogério, foi entre os anos de 1902 e 1930 que Fortaleza atingiu o seu ápice em termos de uniformidade urbana se concretiza. A série de remodelagens iniciadas na segunda metade do século XIX, fazendo com que a cidade chegasse ao esplendor da sua modernidade (PONTE, 2010, p. 144). A reconstrução das praças, que teve o seu início em 1902, mostrou que o poder público continuava implementando ações no meio urbano. Dessa forma, a intenção dos governantes era que a cidade permanecesse adquirindo os valores desejados com o fim do modelo monárquico e o advento da República. Foi no meio urbano que se pôde verificar a concretude ou não de valores como a cidadania e a igualdade, almejados e prometidos com a chegada da República.

Em sua dissertação sobre as sociabilidades e o lazer na primeira década do século XX ²¹, Carla Manuela da Silva Vieira refere-se ao artigo de José Piza(1907) que destaca:

Fortaleza entre outras cidades nordestinas como Salvador e Recife, apontando qualidades da capital. Entre o asseio das ruas e os “parques no centro da cidade” (os jardins das praças), aparecia como diferencial, “oferecendo ao visitante forasteiro um cunho especial”, o Passeio Público, com suas três avenidas que o compões e “as diversas sociedades” que as frequentavam (VIEIRA, 2012, p. 68).

O que chama a atenção da autora é a forma como o cronista elogia a urbanidade atrativa que Fortaleza possuía, sendo uma cidade bastante agradável ao visitante, propícia aos passeios. Ele ainda mostra a divisão que existia no Passeio Público, que em suas três avenidas comportavam as diversas sociedades. Esse espaço servia ao lazer das classes baixas e altas da sociedade. Às classes mais baixas era reservado o espaço mais perto da praia; já à classe alta era reservada a Avenida Caio Prado, a principal daquele local.

Depois de vivenciar uma série de mudanças no campo político, econômico e social iniciadas no início da segunda metade do século XIX, Fortaleza e sua população adentraram o século XX tendo contato com um modelo civilizador importado da Europa, principalmente de Paris, padrão da ideia do moderno e do civilizado. O anseio e a busca pela civilização e pela modernidade aconteceriam nesses diversos campos onde se estabelecia a sociabilidade. Era nas relações comerciais, no modo de vestir, nos costumes e nas práticas culturais diárias que se buscava deixar para trás o passado colonial. Os novos espaços públicos que surgiam, como as praças, avenidas, teatros e cafés, faziam parte desse processo de inserção e de busca pela civilização. Através desses locais, os populares buscavam participar das novas dinâmicas citadinas, como lemos em Sebastião Rogério Ponte:

Sob o influxo desse processo de desenvolvimento econômico e urbano e lento mas constante, e animado pelo estreitamento do contato com o capitalismo moderno e da maior presença de estrangeiros na Cidade, engendrou-se uma euforia cosmopolito-civilizatória no seio das elites sociais e intelectuais da Fortaleza, objetivando transformar a Capital à imagem e semelhança dos grandes centros urbanos do País e da Europa Ocidental. Tal

²¹ Dissertação de Mestrado com o título: *Sociabilidade e Modernidade nos Espaços de Lazer da Capital Cearense no Início do Século XX (1901 a 1910)*, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2012.

implicava, para além do exercício e da aprendizagem das práticas e posturas civilizadas por parte das próprias elites fortalezenses, tentar modificar o comportamento público e privado da população, levando-a a respeitar regras de convívio e condutas ditadas pelos novos padrões da sociabilidade urbana (PONTE, 2010, p. 144).

O que podemos perceber através dessas análises é que Fortaleza possuía uma pequena, mas considerável oferta de lazes para seus habitantes. Podemos dizer que as práticas de lazer eram um dos meios usados para que os sujeitos exercessem sua sociabilidade. Norbert Elias e Eric Dunning entendem sociabilidade como uma das atividades exercidas no tempo livre dos sujeitos. Essas atividades que podem estar ou não relacionadas diretamente ao trabalho, como, por exemplo, visitar colegas de trabalho, ir a um bar, um clube, a um restaurante ou festa. Em resumo “[...] estar com outras pessoas sem fazer nada demais” (ELIAS; DUNNING, 1982, p. 109). O que os dois autores pretendem é estabelecer uma série de categorias para que se estudem as atividades praticadas no tempo livre. De acordo com suas análises, as atividades exercidas no tempo livre não significam exatamente atividades de lazer. Assim, o tempo livre é dividido entre cinco esferas: 1) trabalho privado e administração familiar; 2) repouso; 3) provimento das necessidades biológicas; 4) sociabilidade; 5) a categoria das atividades miméticas ou jogo. Para Elias e Dunning, essas atividades se “[...] confundem e se sobrepõem de várias maneiras, mas que, todavia, representam categorias diferentes de atividades, que até certo ponto, levantam problemas diferentes”. (ELIAS; DUNNING, 1982, p. 107) O que os autores buscam é diferenciar as teorias que colocam as categorias tempo livre e lazer como sinônimos. Assim, conforme essa análise, o lazer é uma das atividades exercidas dentro do tempo livre.

Podemos perceber, dentre as diversas práticas, as ditas civilizadas e as populares. Mesmo com a oferta de novas formas de lazer, continuavam a existir as práticas de tempo livre das classes mais simples, como os “sambas de areias”, as “corridas de burro”. Essas atividades não se enquadravam nos padrões das elites, por não ser esse o modelo de lazer civilizador que elas pretendiam. O que se impunha era romper com o passado colonial e considerado atrasado. Para Vieira (2012), pode-se notar que práticas modernas de sociabilidade conviviam com outras ainda antigas, como as citadas anteriormente. Isso mostra que o processo modernizante era, nesse início do século, uma tentativa que não havia se tornado concreta.

Mesmo com essa simultaneidade de temporalidades, em que o desejo de “modernidade” por parte das elites convivia com as práticas tradicionais das populações mais simples, via-se que os governantes e a classe dominante de Fortaleza buscavam implementar seu desenvolvimento civilizador. A intenção era de a Capital rompesse com as práticas de lazer tradicionais e buscasse um lazer mais civilizado. Tais formas de lazer surgiam não se sobrepondo a outras práticas populares. Na realidade, percebemos que essas tentativas das elites de controlar as populações mais pobres também se estenderam às práticas exercidas no tempo livre. Seria interessante, pois, que o processo de imposição de restrições também se estendesse ao campo do lazer. Assim, o controle social e o controle do Estado passaram a moderar as diversas relações sociais (ELIAS; DUNNING, 1982, p. 111) Para esses autores,

As funções específicas do desporto, teatro, corridas, festas e de todas as atividades e acontecimentos de uma maneira geral associada ao termo lazer, em especial de todas as atividades miméticas e dos acontecimentos do mesmo gênero, tem de ser estabelecidas relativamente a esta ubiquidade e estabilidade de controle das excitações. É com esta polaridade que nos preocupamos aqui. Sob as formas de lazer, em particular os da classe mimética, a nossa sociedade satisfaz a necessidade em público a explosão de fortes emoções – um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social, como sucede com as excitações de tipo sério (ELIAS; DUNNING, 1982, p. 112).

Na opinião desses autores, o lazer tem uma função bem específica, de certa maneira diferente das teorias que o explicam como uma forma de alívio das tensões do dia a dia. Assim, ao procurar as diferentes atividades como peças de teatros, jogos, cinemas, os sujeitos buscam experimentar emoções específicas dentro daquela própria atividade. A categoria dos lazers miméticos estimula de uma forma peculiar, trazendo uma tensão agradável aos seus praticantes ou espectadores²². Podemos pensar, então, quais as atividades de lazer vivenciadas na cidade de Fortaleza dentro desse recorte de tempo que propomos para a análise.

Já citamos diversos equipamentos instalados desde o fim do século XIX que procuraram estimular uma espécie de sociabilidade como as novas avenidas, praças e clubes. Através desses equipamentos, mas também das corridas de cavalo realizadas no

²² Elias e Dunning entendem que as atividades miméticas de lazer são uma forma de representação do mundo real, ou seja, é através dessas atividades que as pessoas experimentam sensações fora das premeditadas rotinas racionais da vida.

Campo do Prado, das caminhadas no Passeio Público, dos concertos e das peças realizadas em pequenos teatros, como o São José, podemos perceber quais eram os tipos de lazeres ofertados e praticados pela população de Fortaleza. Assim, percebemos que se formava uma rede de sociabilidade em torno de formas de lazeres específicos, característicos desse período de inserção capitalista, que proporcionou uma série de transformações na sociedade de Fortaleza.

À medida que os jornais noticiavam o início dessas brincadeiras populares, nesses mesmos periódicos começavam a surgir campanhas contra essas formas “perigosas” e “perniciosas” de festejo. Vieira (2012) percebe esses discursos dos articulistas em relação aos costumes populares. Para a autora, a fala desses, “[...] além de repugná-lo como péssima propaganda aos ares de civilização da cidade, fazia-o em defesa da moral e o respeito às famílias” (VIEIRA, 2012, p. 132). Ela ainda afirma que todas essas práticas de brincadeiras festivas remontavam, aos olhos das autoridades, ao passado escravista brasileiro. A intenção dos articulistas e do poder público era afastar essas imagens do ideal civilizatório da República. Assim,

Percebe-se, portanto, a maneira como diversos articulistas dos jornais diários consideravam as ‘brincadeiras do povo’: espaços perigosos para a sociedade de Fortaleza que se pretendia civilizada e moderna, espaços onde ‘vícios repugnantes’ a sua moral estariam potencialmente presentes, sempre aptos a manchar a imagem que se construía para a cidade. Dessa maneira urgia-se extirpar essas formas de sociabilidade provinciana e atrasada do meio, em favor daquelas que, ao contrário, ‘serviam como escola de costumes’, locus privilegiado para a cultura e a civilização: os espaços teatrais (VIEIRA, 2012, p. 133).

Segundo Vieira (2012), Fortaleza possuía alguns modestos teatros desde a segunda metade do século XIX, que recebiam pequenas peças e pequenos concertos de grupos vindos de outros estados. No início do século XX os Teatros Iracema e João Caetano eram os mais frequentados e os que mais exibiam espetáculos. A situação modesta dessas casas incomodava as elites, que mais uma vez encontravam nos jornais espaço para tecer críticas e reivindicar uma casa de espetáculo condizente com outras do país e do mundo. Para Carla as classes abastadas entendiam que as artes cênicas significavam importantes veículos de “cultura e civilização do período” e os teatros serviam como espaços onde as elites poderiam ver e serem vistas. (VIEIRA, 2012, p. 138)

Em 1908 a vontade dessas elites começa a se concretizar, pois o então Presidente do Estado envia mensagem à Assembleia Legislativa tendo em vista “uma verdadeira aspiração popular a construção de uma casa de espetáculos nessa capital”. Aprovada a mensagem, foi feita a encomenda de Paris do teatro de ferro. (VIEIRA, 2012, p. 146) Dessa forma, os anseios por locais de diversão tão pretendidos pelas elites foram atendidos pelo poder público. As grandes cidades brasileiras possuíam uma espécie de conjunto arquitetônico na sua urbe que as colocavam como cidades “adiantadas”. O teatro era um desses equipamentos. No caso de Fortaleza, iniciava-se a construção de um grande teatro, pois os pequenos que já existiam na cidade não ofereciam conforto ao público nem estrutura aos espetáculos.

O Teatro José de Alencar teve sua construção finalizada no ano de 1910. Observando mensagem enviada pelo Presidente do Estado em 1º de julho do referido ano, podemos perceber a importância daquele equipamento para a tentativa de modernidade empreendida pelo poder público:

Entre as obras empreendidas pelo Estado, devo mencionar, em primeiro lugar, as do Theatro José de Alencar, á Praça Marquez do Herval, as quaes tenho sido iniciadas em junho de 1908, ficaram concluídas em dias do mês findo.

O theatro, como vos disse em outra mensagem, obedece aos thypos dos theatros jardins, sendo composto de quatro secções. A primeira compreende o vestibulo, com três grandes portas em arco; -ladeiam-n’o a direita o botequim e a bilheteria á esquerda.

Esta secção apresenta a fachada principal para a praça Marquez do Herval, em dois pavimentos; filia-se ao estylo corinthio, caracterisado por por quatro columnas desta ordem, que se levantam no corpo central, recebendo o entablamento decorado segundo os preceitos do mesmo estylo. A secção, bem como as duas extremas térrea, está no primeiro plano; as outra duas demoram noutro reentrante.

O pavimento superior possui no centro um janelão com sacada de granito; nella estão gravadas as armas do Estado, tendo ods lados duas janellas estreitas com peitoril.

Nos dois corpos lateraes abrem-se duas janellas igualmente dispostas, com sacadas de ferro. Essas janellas, assim como a central, em arco abatido, pertencem aos estylo Rensacença. Vê-se finalmente, a cornija superior encimando-a uma platibanda em frontão interrompido mostrando em relevo uma cabeça de mulher emmoldurada numa concha. Nos pontos extremos erguem-se duas estatuetas: as deusas da Sciencia e da Arte.

Este pavimento é destinado ao *foyer*: tem 18 metros por 7, com excellente disposição acustica de modo a ser utilizado para concertos, conferencias e sessões litterarias.

A segunda secção é occupada pelo jardim com as seguintes dimensões: 24 metros de frente por 18 de fundo. Cortando o centro do jardim, suspende-se um passadiço de ferro, que liga o *foyer* aos camarotes.

A terceira secção é inteiramente de ferro e aço. Compõe-se da sala de espetáculos, que , firmada em 46 columnas de ferro com travejamento de aço, é disposta assim: 1º o pavimento térreo, occupado pelas cadeiras (1ª e 2ª

ordem) com corredores lateraes e ampla vista para o jardim; 2º o pavimento das frisas, ou amphitheatro, em fôrma de ferradura, sacando do plano dos camarotes cerca de 2''',80; 3º o pavimento dos camarotes, em número de 19 ao todo, (destinando-se o do centro ao Presidente do Estado) com vastos corredores lateraes; 4º o pavimento das torrinhas ou geares.

Estes pavimentos deitam para o jardim, apresentando uma rendilhada fachada de ferro, com espaçosas e elegantes escadas. A fachada está dividida em três secções: a central encerra o grande salão, fechando o frontispicio numa graciosa aza de cesto; nas duas outras, em pequenos arcos abatidos, se acham os corredores lateraes. A coberta das secções é de zinco escamado.

O theatro tem accommodações para mil expectadores, aproximadamente, em todos os seus quatro pavimentos.

A caixa do theatro, isto é, o palco, os camarins (em 2 pavimentos e em número de 12), os corredores, etc. teem uma altura elevadissima, podendo subir o panno de boca e as vistas do scenario sem enrolar, como se uza nos melhores theatros.

O material foi fabricado pela importante casa Walter Max Farlane & C.º, Sarracen Fondry, Glasgow, na Inglaterra.

O custo de todas as obras elevou-se á somma total de 553:084\$497, assim discriminada: construção do edificio, inclusive pintura e decorações 469:336\$663; scenographias 27:000\$000; mobiliario 17:866\$984; instalação electrica 11:974\$250; instalação a gaz carbonico 8:906\$600; administração 18:000\$000.²³

A mensagem do Presidente do Estado mostra o poder público implementando um projeto que atendia essa demanda das elites. O poder público mostrava também sua intenção de oferecer aos moradores da capital instrumentos de civilidade. A nova casa de espetáculos possuía divisões e regras para o seu uso. Norbert Elias e Eric Dunning consideram que, para o estudo do lazer, é necessário que se verifiquem quais são as necessidades de lazer desenvolvidas em uma sociedade e também quais os fatos desenvolvidos em cada sociedade. Na Fortaleza do início de século, podemos verificar o surgimento de necessidades de lazer por parte da população, ao mesmo tempo em que as relações sociais se tornaram mais complexas, o aumento do comércio, a instalação de fábricas e indústria, a chegada de capital estrangeiro, estrada de ferro, energia elétrica. O contato com populações estrangeiras e novos costumes provocavam a transformação dos costumes da população local e as práticas de lazer foram sendo reinventadas a partir do surgimento de novas demandas da população.

Em tal contexto podemos pensar no lazer e, mais especificamente, no lazer esportivo como parte daquelas transformações. Assim, destacamos que algumas das atividades esportivas exercidas pelos fortalezenses entre os anos de 1910 e 1930 fizeram parte desse processo civilizador e de inserção numa nova dinâmica temporal.

²³ Mensagem do Presidente do Estado Antonio Pinto Nogueira Accioly dirigida à Assembleia Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1910.

Sebastião Rogério Ponte discorre brevemente sobre alguns esportes que começavam a ser praticados já na segunda metade do século XIX. Muitos sofriam influência de países europeus, mais precisamente França e Inglaterra. O pioneirismo de alguma dessas atividades era da elite fortalezense, como explica o autor:

Acompanhando os clubes elegantes, espaço privado de lazer burguês, vieram as recreações esportivas – de resto recomendadas pelo saber médico – e praticadas em territórios urbanos conquistados pelas elites da Capital: o *skatingrink* (1877), patinação no Passeio Público; o *bicycle sportive* (1900), ciclismo nas praças, e o *turf* (1895), corrida de cavalos no Campo do Prado, área vizinha ao Bairro do Benfica, onde se localizavam grandes chácaras (PONTE, 2010, p. 151).

Citando essas práticas esportivas o autor destaca o local onde ocorriam mostrando que eram espaços aos poucos conquistados pelas elites para as suas atividades de lazer. Não eram apenas os espaços privados reservados para esse grupo. As atividades de desporto que chegavam da Europa, a exemplo das citadas, eram praticadas ao ar livre. Com isso, as praças e os parques foram inicialmente indicados para essas atividades. Já as práticas de *turf*, citadas pelo autor, tinham locais específicos e pouco afastados, assim o Campo do Prado foi um dos locais em que ocorreram essas corridas de cavalo.²⁴

A definição do campo das práticas de lazer em Fortaleza passa pelo estudo dos locais onde eram praticadas. Ocorriam lazeres nos espaços públicos e privados. Cada prática ia se adaptando, assim como os seus frequentadores, às mais variadas áreas da cidade. A experiência de usufruir dos espaços públicos aos poucos ia se tornando comum na cidade. Para a elite fortalezense, a preocupação era manter a diferença em relação aos pobres da cidade. A ocupação de determinados locais, como o novo Teatro José de Alencar, os cafés, Passeio Público e os clubes elegantes mostrava a escolha tanto de espaços mais luxuosos, como indicava a preferência por lazeres diferenciados, como os jogos de xadrez e as peças de teatro. Para a população mais pobre restavam os lazeres comuns, as festas, os carnavais na rua, as corridas de cavalo e burro, entre outras. Desta forma, o campo dos lazeres ia sendo definido nas primeiras décadas do século XX.

²⁴ Campo do Prado: local onde aconteciam corridas de cavalo no Bairro do Benfica. BARROSO, Francisco de Andrade de. *O Benfica de ontem e de hoje*. Fortaleza, 2004.

A determinação efetiva do que eram lazeres luxuosos com influência europeia, e do que eram práticas tradicionais populares, não pode ser feita sem atentarmos aos seus praticantes que muitas vezes transitavam entre as práticas de lazer luxuosas ou populares. A classe social a qual pertenciam não determinava obrigatoriamente a sua preferência por um determinado divertimento. A transição dos sujeitos entre as práticas luxuosas e populares é que tem que ser percebida para compreendermos as práticas específicas desse período histórico na cidade de Fortaleza.

3 O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO TEMPO LIVRE – OS BONDES E OS FINS DE SEMANA COMO ATORES DO PROCESSO

Um dos maiores problemas das grandes cidades atualmente é a maneira como os moradores e os trabalhadores vivem e aproveitam os seus tempos livres. Uma das reivindicações dos trabalhadores, arquitetos e urbanistas ou dos diversos segmentos sociais que pensam a vida na cidade são as boas formas de ocupação e de atividades que podem ser desenvolvidas no meio urbano que influenciam nas formas de viver o dia a dia da cidade e podem transformar o cotidiano. A intenção dos urbanistas e intelectuais em geral é que as práticas dos habitantes da cidade contribuam para uma vida saudável e sem estresses. Essa forma de ocupação está diretamente relacionada à maneira como são aproveitados os tempos livres no meio urbano. Muito além da redução de jornada de trabalho, de melhores condições trabalhistas, observamos reivindicações que dizem respeito a melhores formas de relação dos moradores nas cidades no seu tempo livre. Melhores formas de se relacionar com a cidade significam, principalmente, melhores maneiras de inserção dos cidadãos nas diversas atividades cotidianas. É nesse conjunto de atividades cotidianas, sobretudo nos momentos de tempo livre, que as atividades de lazer se manifestam.

Observamos que cada vez mais a cidade vem servindo como caminho para o deslocamento do trabalhador até o seu local de trabalho. Nos horários de *rush* as vias públicas parecem cada vez menores, devido à quantidade de automóveis que as ocupam. Fortaleza é um exemplo de cidade que tem suas calçadas cada vez menos ocupadas por pessoas, e as suas ruas encontram-se cada vez mais tomadas por automóveis. O lazer parece, nessa situação, um tipo de ocupação permitida somente a um privilegiado contingente de sujeitos. Os tipos de divertimentos e ocupações que quero trazer para contribuir com esse debate são os que estão relacionados com a cidade e o lazer que se apropriam do meio urbano. E isto vai desde a atividade esportiva praticada em uma praça, praia ou parque até o simples ato de caminhar despreziosamente em uma calçada. A grande maioria de trabalhadores não pode usufruir desse tipo de lazer e parece estar fadada a aproveitar o lazer de massa, dominado pela televisão e, cada vez mais, pela internet.

Portanto, o que tem sido objeto de discussão nos dias de hoje sobre a relação entre cidade, tempo livre e o lazer é a maneira como os sujeitos relacionam e se inserem nesse conjunto de práticas cotidianas de uma maneira harmoniosa. Raquel Rolnik observa duas maneiras antagônicas de observar a questão da relação do lazer com a cidade. Uma primeira concepção tem a ideia de lazer como “[...] um privilégio de consumo real de prazer, da cidade e do tempo” (ROLNIK, 2000, p.180). Dessa maneira, a cidade é vista como um local de conexão de pontos que permite e sugere algumas rotas para se chegar aos locais onde existe o prazer. E este pode ser encontrado tanto no espaço doméstico (televisão, internet e família) quanto nos espaços onde se consomem meios culturais ou esportivos.

A autora cita outra posição, que é a de analisar a questão a partir da perspectiva que “[...] vê o lazer encarnado na cidade, estreitando a relação de uns cidadãos com os outros, ou seja, um lazer com funções pessoais e sociais, identificado com a dimensão pública de cidade” (ROLNIK, 2000, p. 180). Nesse caso, o lazer passa a ter relação primordial com a qualidade de vida. E nesse contexto de cidades cada vez mais populosas é necessária uma maior integração dos moradores com os espaços. Essa integração tem relação com o princípio da vida na cidade. Esse viver na cidade tem relação com os modos de se relacionar das diferentes pessoas e “[...] também por sua participação de um contrato social que tem caráter público; contrato tácito baseado na palavra e na persuasão, na não-violência e na não-força” (ROLNIK, 2000, p. 182).

Ao observar as muitas formas com que os sujeitos se relacionam, ou não, com os espaços públicos nos dias de hoje em Fortaleza, compreendemos que há cada vez mais um distanciamento em relação ao espaço público. Esse modelo claramente privilegia a privatização da vida e se torna hegemônico. Rolnik entende que a melhora do espaço público passa por uma política que não seja excludente e que respeite as diferenças. Um processo de inclusão que tende a “[...] organizar, defender e fomentar a convivência entre pessoas diferentes”. Esse tipo de política tende a diminuir a segregação, as diferenças buscando com que prevaleça a solidariedade e a coletividade (ROLNIK, 2000 p. 184)

Percebemos que as questões relacionadas com o lazer estão diretamente ligadas à administração do tempo nas cidades. Diversos trabalhadores a caminho do trabalho,

lojas abrindo suas portas em horários quase simultâneos e apitos de fábricas são exemplos de ações que marcam os tempos de um grande centro. Essas ações nem sempre foram comuns aos moradores dos meios urbanos, mas aos poucos tornaram-se parte do dia a dia. Crianças caminhando para um jogo de futebol no fim da tarde depois da aula, uma peça de teatro ou um baile noturno em um clube também contribuem para uma nova espécie de configuração dos tempos urbanos. À medida que Fortaleza cresceu fisicamente e em número de habitantes, no início do século XX, o processo de transformação dos tempos urbanos tendeu a se estabelecer acentuadamente no cotidiano daquelas pessoas que entraram em contato com as novidades.

Sebastião Rogério busca dar conta desse processo quando analisa “a febre das novidades” causada pelas inúmeras inovações que surgiram tanto na cidade quanto no costume dos seus habitantes. Para o autor, um conjunto de novidades parecia representar o “[...] aformoseamento e o Progresso da Capital no Século XX” (PONTE, 2010). E os próprios moradores, neste caso os da classe mais abastada, buscavam criar a sua própria representação desse progresso. Todas essas novidades estavam presentes em um álbum de fotografias, *Álbum de Vistas do Ceará*, editado em 1908 pela casa Boris Frères & Cia. Lá estavam presentes “[...] as praças remodeladas, jardins públicos, ruas alinhadas com bondes, transeuntes, sobrados e estabelecimentos comerciais, Passeio Público e Parque da Liberdade e seus elegantes frequentadores, Estação Central Ferroviária, mansões e fachadas art nouveau, cafés, templos, escolas, porto, praias, lagos etc.” (PONTE, 2010, p. 141). Fica evidente, portanto, a intenção de trazer na publicação apenas a parte que significava progresso e modernidade.

Ao percebermos algumas atividades praticadas no cotidiano da Fortaleza do início do século XX começam a surgir questões relacionadas ao que Thompson (1998) problematiza. Como certos setores da sociedade fortalezense se apresentavam em relação aos tempos de trabalho e lazer nesta época? Os tempos se encontravam internalizados, conforme problematiza Thompson? Quais os tempos que estavam dispostos e influenciavam no cotidiano dos moradores? O tempo do relógio era dominante? O tempo das fábricas, o soar das suas buzinas indicavam a saída e entrada de trabalhadores? Da abertura do comércio, quando as portas se abriam era hora de comprar, hora de vender e de trabalhar? O tempo dos bondes que passavam levando um

grande número de pessoas juntas para uma determinada região da cidade? Até que horas esses bondes circulavam?

Até que ponto, e de que maneira, essa mudança no senso do tempo afetou a disciplina de trabalho, e até que ponto influenciou a percepção interna de tempo dos trabalhadores? (THOMPSON, 1998, p. 269).

O processo analisado pelo autor na formação dessa nova “natureza humana” com essa internalização do tempo capitalista pode ser observado no contexto estudado? Quais as especificidades desse processo na Fortaleza do início do século XX? Podemos perceber essa questão que Thompson traz sobre o tempo:

Se a transição para a sociedade industrial madura acarretou uma reestruturação rigorosa dos hábitos de trabalho – novas disciplinas, novos estímulos, e uma nova natureza humana em que esses estímulos atuassem efetivamente –, até que ponto tudo isso se relaciona com mudanças na notação do tempo? (THOMPSON, 1998, p. 269).

As sociedades camponesas que Thompson descreve têm essa dimensão, e o controle do tempo se dava por uma orientação pelas tarefas. Nas sociedades camponesas esse controle e orientação pareciam ser eficazes. Mas estamos falando de uma sociedade em que essa adaptação a um novo tempo como orientação estava em processo, em que essa circulação de bondes é relativamente nova e onde a iluminação noturna é uma novidade de poucos anos. Em boa medida, havia um clima de deslumbre, de uma população seduzida pelas possibilidades criadas pela tecnologia e é evidente que não se pode desprezar o fato inovador de uma iluminação noturna que permitia um prolongamento do dia em algumas horas e contribuía para que a cidade tivesse uma vida social noturna.

Thompson explica a vivência do tempo no contexto dessas comunidades coloniais como orientação pelas tarefas. Ele explica que essa é a orientação mais eficaz nessas sociedades. A exigência de um tempo para o trabalho pode nos parecer desumana. A compreensão é de que essa ruptura com hora de trabalho marcada aconteceu de uma forma desumana e com alguma violência.

Marilena Chauí (2012), por seu turno, entende que em um determinado momento a humanidade foi sendo influenciada por transformações advindas do capitalismo. A autora busca mostrar como aos poucos, principalmente a partir da metade do século XIX grande parte da humanidade pode ser classificada como

“sociedade administrada”. E nesse processo foram os trabalhadores que tiveram os seus tempos sociais mais vilipendiados. Assim Chauí explica que

Além de controlar o corpo e a mente dos trabalhadores por meio da ‘gerência científica’ ou da chamada ‘organização científica do trabalho’, a sociedade administrada também controla as conquistas proletárias sobre o tempo de descanso, ou o chamado ‘tempo livre’. A indústria cultural, a indústria da moda e do turismo, a indústria do esporte e do lazer estão estruturadas em conformidade com as exigências do mercado capitalista e são elas que consomem todo o tempo que Lafargue esperava que fosse dedicado às virtudes da preguiça (CHAUÍ, 2012, p. 100).

A questão aqui também é observarmos se o processo de industrialização ocorrido em grande parte do mundo ocorreu de forma análoga no Brasil. Ainda assim, podemos perceber que ele não ocorreu de forma homogênea. O crescimento das cidades brasileiras não aconteceu de forma igual às cidades europeias. Em algumas análises sobre o lazer, as autoras e os autores costumam buscar uma relação direta do processo ocorrido na Europa com o ocorrido no Brasil. Ou então costuma-se observar o Rio de Janeiro e São Paulo como centros irradiadores de cultura, práticas e costumes. Esse tipo de análise faz com que se percam particularidades, especificidades e formas diferentes de construções de tempos sociais e, por consequência, a construção do tempo livre.

Ao citarmos a palavra lazer, ou fazermos referência a uma atividade específica de lazer, quase sempre estamos também tratando de um tempo específico, ou seja, de uma ação específica, que aos olhos da nossa sociedade se manifesta em um tempo determinado. As significações de lazer fazem quase sempre referência a um tempo e às atividades possíveis nesse tempo, principalmente no tempo livre. Já é direta a associação que nossos contemporâneos fazem do tempo livre com trabalho, e, principalmente, de como os tempos livres têm referência com o tempo liberado do trabalho. A historiografia e as análises sociológicas que têm como objeto as práticas de lazer as colocam como uma das atividades possíveis aos sujeitos dentro de um leque de atividades praticadas nos momentos de tempo livre. São atividades que procuram trazer principalmente a satisfação pessoal e o prazer do indivíduo que a pratica dentro de uma sociedade específica.

A preocupação, nesse capítulo, é observar como estavam sendo construídos e quais os tempos disponíveis para o divertimento e o lazer no cotidiano de Fortaleza no

início do século XX. Mas, além disso, como esses novos tempos sociais foram introjetando-se nas práticas cotidianas. Como se operava, se é que se operava, a divisão entre os tempos de lazer e os de trabalho. É possível identificar claramente essa divisão no período estudado? Quais agentes contribuíram para a construção dessa possível e desejada divisão? Ao buscar responder essas perguntas, esse capítulo terá como intenção perceber os tempos sociais presentes e em construção na Fortaleza do início do século XX. Para responder a essas perguntas e ser bem-sucedido na construção das respostas é importante ter a noção de que esses tempos eram o resultado de disputas entre os sujeitos que agiam no cotidiano da cidade. E é observando as suas necessidades diárias que vamos encontrar as ações que resignificaram o cotidiano e ajudaram a moldar a maneira específica com que a cidade construiu o seu tempo livre.

Dentro dessas disputas e de seus recortes dentro da cidade, entende-se que o sistema de bondes elétricos é um dos agentes que nos permitem entender como o processo de construção dos tempos das cidades ocorreu. Ao ter hora para sair e para chegar em uma determinada estação o bonde acaba por criar um novo tempo, servindo também como meio de orientação dentro da cidade. Muitos se adaptaram ao horário desse sistema de transporte, tanto passageiros quanto funcionários. Não só ao horário, mas também às suas regras. A fala de alguns cronistas, escritores e um acordo trabalhista dos anos 1930 nos permitem analisar como esse transporte colabora com as transformações dos tempos sociais.

Nos jornais analisados desse período é comum observarmos as notícias sobre atividades de diversão que ocorriam nos fins de semana. Geralmente os sábados e domingos estavam repletos de atividades esportivas. Para o segundo tópico desse capítulo, buscamos trazer a análise do processo de como o fim de semana veio a ser dedicado, naquele período, como momento para as práticas de tempo livre. Nesse caso específico, as notícias sobre jogos de futebol, corridas de cavalo, lutas de boxe são necessárias para as análises das atividades onde os sujeitos se colocavam como espectadores nos momentos de lazer. É interessante que não sejam deixadas de lado as atividades ocorridas durante a semana, como algumas lutas de boxe, jogos de rua e jogos de cartas que atraíam atenção de muitos praticantes e das autoridades de segurança. Nem mesmo é possível que se deixem de lado os passeios nos parques, que

ocorriam em horários bem específicos, como o momento seguinte logo após as missas dominicais.

A análise ocorre basicamente em torno da busca dos usos e dos costumes e de como os sujeitos de uma cidade constroem os tempos sociais. Assim, percebemos a importância que setores de uma sociedade estabelecem a esse tipo de lazer e como eles vieram a construir um tempo específico para esse momento. Dessa maneira, é através da construção das práticas dos tempos livres e do tempo dedicado a elas que vamos perceber quais as influências e as especificidades dessas atividades na Fortaleza do início do século XX. Também poderemos entender como o tempo livre e o lazer foram atores e como foram atingidos por uma inserção cada vez maior do processo capitalista na sociedade cearense e fortalezense. Portanto, abordaremos, no presente capítulo, como a sociedade buscava construir determinadas práticas de lazer, sofrendo influência de um novo tempo e construindo também esse tempo para essa atividade no meio de um processo tão específico de transformações físicas e sociais. Para Robert Eza Park,

Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitido por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana (PARK, 1916, p. 29).

3.1 Deixa o bonde nos levar

“Pelo descanso dominical

Rio, 23 – Os empregados do commercio dirigiram ao Prefeito Prado Júnior uma representação contra os patrões que não obedecem ao descanso dominical, obrigando-os a trabalhar durante o dia, em escriptas e arrumações de lojas.”

(Notícia do jornal O Nordeste de 24 de novembro de 1928)

A notícia acima foi veiculada em um dos jornais de grande circulação em Fortaleza, no fim dos anos de 1920. O fato noticiado vem na primeira página de *O*

Nordeste como uma notícia de destaque. Ao falar de reivindicação de trabalhadores e de descanso dominical, a notícia nos coloca em contato com uma realidade cada vez mais presente naquele momento em diversas cidades do território nacional. Essas necessidades dos trabalhadores, que denunciavam uma lógica perversa do trabalho, ao serem noticiadas em jornais de grande circulação nas capitais passavam a ser conhecidas por outros trabalhadores. As notícias desses movimentos de trabalhadores chegavam pelos jornais e também pelo porto da cidade de Fortaleza, onde entravam e saíam estudantes que, ao voltar, muitas vezes do Rio de Janeiro, traziam suas impressões da capital nacional com as suas mais diversas novidades.

A busca por melhores condições de trabalho é um dos elementos nesse cotidiano de diversas transformações urbanas. Enquanto as cidades se transformavam, os sujeitos habitantes nessas cidades também se modificavam. As grandes jornadas diárias de trabalho com suas horas extensas passavam por questionamentos dos trabalhadores. As longas semanas de trabalho, nas quais nem os sábados nem os domingos eram poupados também eram alvos das reclamações. Assim, os movimentos dos trabalhadores em cidades como o Rio de Janeiro viravam notícia em todo o país.

Ao citarmos a luta dos trabalhadores é interessante não deixar de lado os outros sujeitos que compõem e que também transformam o cotidiano da cidade. Não só o trabalhador contribuía para a transformação desse meio urbano, mas também podemos observamos como transeuntes, comerciantes, agentes do estado e crianças agiam juntamente nessas mudanças. O trabalhador que lutava por melhores condições de trabalho era um dos elementos em destaque, constituinte dessas transformações que consolidaram Fortaleza como um polo econômico e um mercado de trabalho urbano.

Para a notícia acima é interessante destacar a questão do “descanso dominical” e o que essa reivindicação expressava dentro da análise que propomos em torno da constituição dos tempos livres da sociedade fortalezense no início do século XX, além de observarmos como, aos poucos, esses momentos vieram a ser aproveitados como possibilidade de um horário de descanso e também como alvo de reivindicações.

As práticas de tempo livre vão se transformando juntamente com mudanças físicas que ocorrem na cidade. Sem uma pesquisa mais aprofundada é incerto afirmar que, na Fortaleza do século XVIII, os sujeitos praticavam um lazer mais saudável, ou

que dedicavam uma parte maior do seu dia ao envolvimento em atividades que ocorriam fora do trabalho. A análise sobre as referidas práticas tem que levar em consideração a maneira como a sociedade buscava construir os tempos sociais de acordo com as possibilidades que surgiam.

Com isso é interessante perceber como os novos componentes presentes nessa cidade que se desenhava sob influência do sistema capitalista agiam, modificando e transformando o lazer e o tempo livre de Fortaleza. As fontes analisadas nesse trabalho, jornais, revistas ou as memórias desses narradores do cotidiano permitem que se sobressaíam os conflitos e arranjos que fizeram com que se transformassem os tempos da cidade, e que as divisões entre o tempo de trabalho e do tempo livre se definissem de uma maneira específica.

No primeiro capítulo pudemos observar como algumas transformações econômicas e espaciais foram agentes modificadores no modo de viver dos sujeitos na cidade de Fortaleza. Cada prédio novo construído, cada automóvel adquirido por um comerciante na cidade, assim como as novas formas de trabalho e de entretenimento contribuíam para uma transformação mais geral que afetava a forma com que a população percebia o mundo ao seu redor. Mesmo sendo esse mundo uma cidade cuja população girava em torno de 80 mil habitantes²⁵. Nesse segundo capítulo o foco será a forma como os tempos sociais da cidade foram transformados juntamente com essas modificações no cotidiano e de que maneira, como resultado dessas transformações, podemos identificar mais objetivamente o surgimento de um tempo específico para o lazer dentro do tempo livre. Para que essas transformações se concretizassem, os modos como estavam divididos o tempo do trabalho e o tempo livre também precisaram se transformar.

As transformações acontecem colaborando para que o tempo esteja dividido, para que a lógica do trabalho seja a que ordena o conjunto dessas atividades e transformações. Apesar disso, o lazer também surge como uma atividade que contribua

²⁵ Sebastião Rogério Ponte descreve aquele momento como os “agitados anos 1920, quando a cidade já se encontrava ziguezagueada por uma multidão de quase 100.000 habitantes [...]” (PONTE, 2010, p. 170). Já Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho coloca que “o senso de 1920 indica 78.536 habitantes, ao passo que em 1929 o Relatório da Prefeitura Municipal estabelecia uma estimativa em torno de 117.000.” (SILVA FILHO, 2002, p. 29)

para essas mudanças e que sofra com essas transformações. E, no presente capítulo, a análise que faremos é para entender como o tempo específico para as práticas do lazer surgem nesse momento, entendendo esse “surgimento” como o resultado de transformações físicas e sociais e como o resultado de disputas e lutas entre os sujeitos. Outros elementos ajudam na fruição dos diversos tempos como o tempo para o trabalho, orações, descanso e divertimentos. Muitos autores entendem que foi nesse momento que o tempo para usufruto do lazer passou a ficar cada vez mais restrito a uma parte do dia ou durante uma parte do fim de semana.²⁶

As modificações nas formas de se vivenciar os tempos livres acontecem em conjunto e em razão das diversas transformações ocorridas no âmbito da economia e no meio físico da cidade. O que o início do século XX apresenta de novo, não só em Fortaleza, mas em outras capitais brasileiras, é a soma de uma série de elementos que permitem uma gestão e uma internalização diferente dos tempos sociais. A forma como a cidade vai se configurando em torno de um comércio e de um porto bastante ativo sugere que os tempos em torno dessas atividades venham a ser rearranjados pelos sujeitos que se encontravam em contato com essas atividades. Os novos tempos para o lazer, como, por exemplo, o fim do dia ou o fim de semana, começavam assim a se apresentar e se tornar momentos praticáveis para o tempo livre, de certa forma mais comuns.

As fábricas com seus apitos marcavam, no ambiente citadino, a hora que diversos trabalhadores se locomoviam juntos para exercer uma determinada atividade. Os bondes que com seus horários diários, passaram a levar homens e mulheres para um dado local e em determinada hora também contribuíram para a formação de uma espécie de cidade do capital²⁷.

De outra forma, as novidades determinavam a extensão do dia. Percebe-se isso no caso da iluminação noturna, que permitiu que algumas áreas da cidade recebessem o transeunte ou a pessoa que queria transitar à noite. Comumente, era somente nos dias de lua cheia que esses horários noturnos de passeios eram ocupados. Antes da iluminação,

²⁶ Esse tipo de reflexão pode ser observada nas análises de THOMPSON (1998), GOMES (2008) e ELIAS & DUNNING (1992).

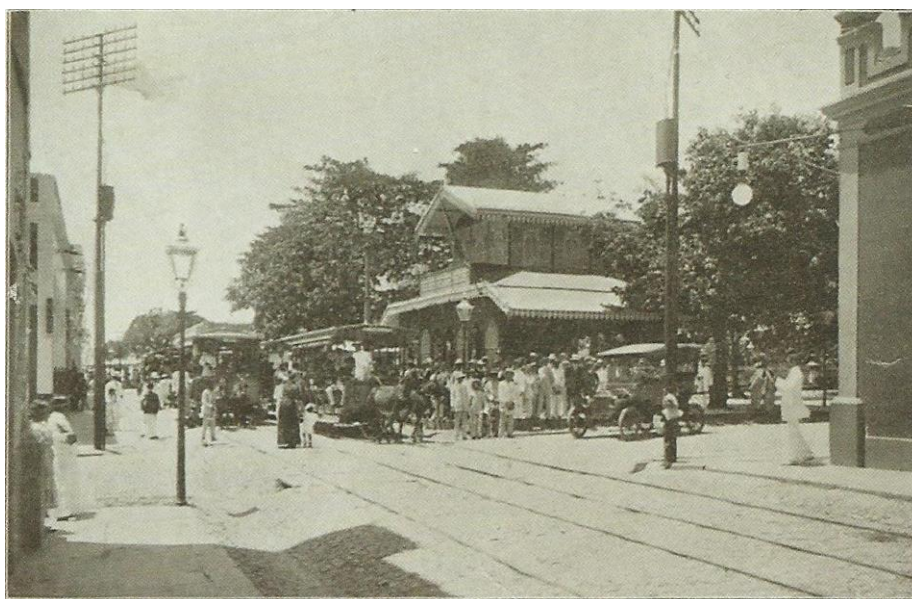
²⁷ LEFEBVRE, Henri. *A Cidade do Capital*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

os moradores tinham que aproveitar os poucos dias do mês em que o luar iluminava as ruas e praças para fazer serenatas ou passeios. Com a iluminação noturna em Fortaleza, que primeiro funcionou a óleo de peixe, depois a gás e depois se tornou elétrica, o horário noturno dedicado ao lazer não ficou restrito apenas a alguns dias do mês.

Esses novos elementos ajudaram a absorver novas formas de lazer e de aprimoramento do tempo livre. Essa adaptação não ocorreu de forma pacífica. Na realidade, o processo de transformações em torno do lazer ocorre embebido em uma trama de avanços e recuos, de adaptações e de vivência dos costumes diários. Por mais que em determinados momentos esses processos pareçam sofrer uma aceleração, é papel do historiador decifrar os diferentes ritmos de introjeção de novos costumes. Um dos contribuintes para essa nova realidade foram as alterações físicas da cidade, que possibilitaram o surgimento ou intensificação das diversas atividades praticadas nos tempos livres.

Uma das transformações físicas que mais ajudaram na mudança de percepção do tempo social foi a instalação na cidade do sistema de bondes elétricos em 1913; permaneceram até meados dos anos de 1940 como o principal meio de transporte de Fortaleza. Seus trilhos percorriam principalmente a parte central da cidade, chegando até bairros mais distantes.

Figura 1 – Bondes de burro e automóvel



Fonte: Arquivo Nirez

Antes esse transporte era puxado por cavalos ou burros e já conseguia contemplar uma parte significativa da cidade. Em 1912²⁸, a empresa de transporte responsável pela instalação dos bondes adquiriu 30 (trinta) bondes de passageiros e 1 (um) de carga. Isso nos mostra a dimensão de crescimento populacional e físico da cidade e a sua demanda por um transporte de massas. Os bondes deixaram, então, de ser puxados por força animal e a força elétrica e passou a ser a propulsora. Esse fato passou a influenciar nas temporalidades da cidade e na forma com que os sujeitos calculavam os seus tempos de deslocamento. Essa nova força propulsora permitiu que os tempos de deslocamento fossem calculados com mais exatidão. Até a própria empresa, ao divulgar algumas regras de condutas nos bondes, também divulgava as velocidades dos seus carros: “Art. 12 – A velocidade dos carros elétricos será no máximo de 18km/h, podendo, nas linhas de ‘arrabaldes’ atingir 25 km por hora” (SAMPAIO, 2010, p.35).

Para o historiador Sampaio (2010), em sua pesquisa sobre o processo de instalação dos bondes elétricos na cidade de Fortaleza, essa transformação veio a modificar as temporalidades da cidade. A possibilidade de ter uma melhor noção de tempos de deslocamentos dos bondes e de velocidade no percurso modificou as formas de vivenciar a cidade. Para ele

Agora que o sistema era elétrico, o percurso, antes movido pela força animal, poderia ser feito de uma maneira mais rápida e precisa, mantendo uma relação maior entre controle do tempo e espaço urbano. As primeiras linhas, sempre partindo do mesmo local, a Praça do Ferreira, poderiam ter seu percurso calculado. Dentre as linhas com os maiores percursos, se encontra a Alagadiço, com aproximadamente 5.400 metros feitos no tempo de 28 minutos (SAMPAIO, 2010, p. 36).

A forma de pensar os trajetos em um espaço de tempo previamente calculado era um pouco mais complicada quando se tratava de bondes de tração animal. Com os bondes elétricos, as expectativas da população aumentaram. Para Sampaio (2010), era como se a confiança em relação ao transporte público aumentasse. Apesar dos entraves que porventura viessem a acontecer, como a falta de energia ou os possíveis descarrilamentos, os bondes tinham hora para sair e uma velocidade média com que

²⁸ “O sistema de bondes elétricos iniciou-se em 1913, sendo administrado pela empresa inglesa The Ceará Tramway Light and Power Company Ltda., em substituição ao de tração animal, que trafegava desde o final do século XIX. A Companhia Ferro Carril, que administrava os serviços dos bondes, foi vendida para a Light em 1912.” (SAMPAIO, 2010, p. 13)

percorriam as distâncias. Isso proporcionou novas formas de pensar os tempos para uma parte da população de Fortaleza. Além disso, a introdução dos bondes no espaço citadino fez com que os moradores mudassem a sua percepção não só em relação ao transporte, mas também ao restante da cidade.

Para Georg Simmel, são diversos os elementos que atuam na forma como os sujeitos vivem na cidade. Para o autor, é como se existisse uma técnica para se viver nesse espaço, como se a vida dos mais diversos sujeitos integrada com os elementos da cidade se integrassem mutuamente. Essa integração faz com que elementos que antes não eram tão comuns, como a pontualidade, velocidade e “calculabilidade” sejam assimilados às vidas dos moradores da cidade. Assim, o autor explica que

[...] a técnica da vida metropolitana é inimaginável sem a mais pontual integração de todas as atividades e relações mútuas em um calendário estável e impessoal. [...]. Pontualidade, calculabilidade, exatidão, são introduzidas à força na vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana e não estão apenas muito intimamente ligadas à sua economia do dinheiro e caráter intelectualístico (SIMMEL, 1950, p. 17).

Como já foi observado, os bondes elétricos foram um desses elementos que fizeram com que se mudassem as perspectivas e percepções sobre os tempos da cidade. É interessante termos em mente que, para esse processo acontecer, não existe um ponto inicial e que, mesmo os bondes, quando puxados por animais, já tinham influência sobre os tempos da cidade. O que os bondes elétricos fizeram foi acentuar essa percepção, ou, como afirma Simmel, essa “calculabilidade” em relação aos tempos da cidade. E também é necessário pensar que esse processo não tem um fim ou percorre um caminho lógico, mas continua a ocorrer; em algumas horas esse processo se acentua e, em outros, reduz-se.

Falar do tempo é, de certa forma, falar das percepções e das sensibilidades. O tempo do sujeito que vivia em Fortaleza no início do século XX era também o resultado de um conjunto dos estímulos aos quais estava exposto. A distância — que passou a ser encurtada por um bonde elétrico e o tempo com que esse bonde atravessava essa distância — passou a ter uma relação direta com o comportamento e com a forma de o fortalezense se portar no meio urbano. Essas mudanças contribuíram para a experimentação de novas formas de convivência, que iam desde o “encurtamento” das distâncias até a possibilidade de se percorrer um trecho da cidade observando o

percurso, além de poder fazer isso do lado de sujeitos que não fizessem parte do seu dia a dia. Até mesmo o ato de esperar o bonde passar numa determinada hora significava uma experiência nova.

Todas essas novas ações permitiram que se construísse ou que mesmo se destacassem alguns novos tempos urbanos, que o tempo para algumas atividades, muitas vezes fluido, passasse a ser bem mais sistematizado. Robert Eza Park entende que

A cidade, como Oswald Spengler observou recentemente tem sua cultura própria: “A cidade é, para o homem civilizado, o que é a casa para o camponês. Assim como a casa tem seus deuses lares, também a cidade tem sua divindade protetora, seu santo local. A cidade, como a choupana do camponês, também tem suas raízes no solo (PARK, 1916, p. 29-30)

Muito do que normalmente consideramos como a cidade – seu estatuto, organização formal, edifícios, trilhos de rua, e assim por diante – é, ou parece ser, mero artefato. Mas essas coisas em si mesmo são utilidades, dispositivos adventícios que somente se tornam parte viva da cidade quando, e enquanto, se interligam através do uso e costume, como uma ferramenta na mão do homem, com as vitais residentes nos indivíduos e na comunidade (PARK, 1916, p. 30).

Os bondes e as percepções sobre eles mostram a maneira com que a população de Fortaleza buscou se adaptar aos novos elementos que surgiram no seu meio social. Por mais que a adaptação pudesse parecer rápida, deixou rastros que nos mostram como foram essas transformações. Até para nós mesmos, hoje em dia, ao surgir inovações tecnológicas, o hábito nos faz parecer que essas mudanças são comuns ou até mesmo que elas não são tão significativas. Parece que já fazem parte da nossa vida há um tempo. Que tipo de modificações aqueles novos recursos tecnológicos do início do século XX suscitavam? Podia ser estranheza, incômodo, preocupações ou esperança no futuro. Essas perguntas e respostas nos convidam a refletir, principalmente, sobre como foi essa adaptação aos novos tempos sociais. Aos poucos vemos o tempo sistemático e a lógica do trabalho se impondo ao meio urbano e aos sujeitos. Para Simmel,

Tais traços também devem colorir o conteúdo da vida e favorecer a exclusão daqueles traços e impulsos irracionais, instintivos, soberanos que visam a determinar o modo de vida de dentro, ao invés de receber a forma de vida geral e precisamente esquematizada de fora (SIMMEL, 1950, p. 17).

[...] os mesmos fatores que assim redundaram na exatidão e precisão minuciosa da forma de vida redundaram também em uma estrutura da mais alta impessoalidade; por outro lado, promoveram uma subjetividade altamente pessoal (SIMMEL, 1950, p. 18).

As diferentes formas de se vivenciar as atividades de tempo livre e de lazer decorrem também da subjetividade que resultou desse processo. O lazer aparece como uma atividade desinteressada onde o sujeito escolhe a atividade de acordo com suas preferências e possibilidades. Observamos que com a ajuda dos bondes elétricos até mesmo os locais para a moradia deixaram de ser preferencialmente as áreas centrais da cidade. Sampaio analisa que

Com o prolongamento dos trilhos, essa necessidade de habitar o centro propriamente dito, fosse por questões de trabalho ou de lazer, entre outras, não era mais uma coisa de primeira ordem. Isso estava posto tanto para a classe mais abastada quanto para a classe menos favorecida (SAMPAIO, 2010, p. 39).

No ano de 1925 ocorreu uma revolta de uma parte da população de Fortaleza por conta do aumento da passagem dos bondes e da alteração do horário das viagens. Os bondes pertenciam à Ceará Tramway Light and Power, empresa que cuidava da iluminação pública e dos bondes elétricos. Os aumentos e mudanças de horário não agradaram a população, que se revoltou, quebrando bondes, fechando o comércio de Fortaleza, principalmente da região da Praça do Ferreira, e suspendendo as aulas do Liceu do Ceará, o que provocou o recolhimento dos bondes e grande movimento policial. Para Sampaio “salários baixos, condições inadequadas de trabalho e jornadas diárias massacrantes, foram motivos pelas paralisações”. (SAMPAIO, 2010, p. 80)

O fato é interessante para termos ciência da importância do novo tipo de transporte para a cidade de Fortaleza que, nesse momento, já havia se tornado a sétima cidade brasileira em números populacionais. Os bondes elétricos já circulavam há 12 anos e serviam para levar grandes contingentes populacionais tanto para os locais de trabalho, e de comércio quanto para os de lazer e divertimento. A revolta dos moradores ocorreu exatamente porque, nos momentos do dia em que mais se precisavam de bondes, a empresa colocava em circulação os bondes de primeira classe, que eram aqueles com passagens mais caras.

Sampaio observa algumas greves do sistema e como estas vieram a afetar o cotidiano da cidade e dos usuários do transporte coletivo. A greve de 1925 é interessante de ser citada, pois ocorreu numa época em que a Light buscou aumentar as

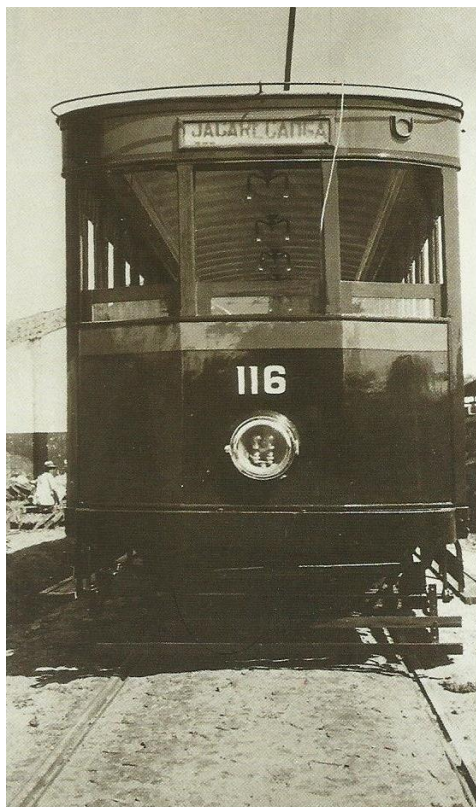
passagens com a promessa de melhorar o serviço dos bondes: aumento das linhas de bondes, da quantidade de carros e também do serviço de iluminação pública, que ficava a cargo da mesma empresa. Para Sampaio,

Outro problema frequente dos bondes era com relação à higiene no interior do veículo. As leis municipais eram fixadas em cartazes na parte interna do veículo. Nelas estavam contidas as normas para se portar naquele espaço. Era proibido cuspir, fumar e adentrar ao veículo descalço. Com relação à higiene, talvez fosse a principal reclamação por parte da classe abastada, o que fez com que aumentasse a pressão para que a companhia inglesa adotasse bondes de segunda classe, para tentar separar socialmente os usuários. Quando não existia essa separação, o choque social acontecia constantemente. Mesmo depois da divisão, essa separação não se concretizou como a elite desejava (SAMPAIO, 2010, p. 68).

Observamos que a busca por uma distinção social atingiu o principal transporte de massas de Fortaleza naquele período. Os chamados “bondes de segunda classe” serviam não só para separar os menos favorecidos, por terem uma passagem mais barata, mas atingia áreas que antes não eram abarcadas pelo transporte público. Assim, os chamados “arrabaldes” viravam cada vez mais uma opção de moradia para uma classe cada vez menos favorecida, que, por ter menor condição econômica, veio a habitar os locais mais distantes do centro da cidade, que naquele momento era o principal local de comércio, de trabalho e também de opções de lazer.

Benfica e Jacarecanga foram algumas das opções de moradia para a elite quando esta começou a deixar a área central da cidade. Essas duas áreas, desde o início contempladas com as linhas dos bondes, passavam por alguns problemas, principalmente devido ao número dos bondes. Os de 1ª linha, que eram mais caros e serviam a uma classe mais abastada, tinham um número maior que os de 2ª linha. Isso acarretava problemas como atrasos e tratamento aos passageiros.

Figura 2 – Bonde 116, Jacarecanga



Fonte: Arquivo Nirez

Os bondes naquele momento serviam como um elemento componente de um anseio modernizador por parte das classes dirigentes da cidade de Fortaleza. Era como se com a chegada daquele novo meio de transporte o tempo arcaico e colonial que ainda estava presente na cidade pudesse ser superado. A proibição de se andar descalço nos bondes de 1ª classe nos mostra o quanto parte da população ainda se encontrava em contato com hábitos não tão “modernos”. O contraste dos diferentes tempos, evidencia que o “anseio modernizante” desejado pelas elites encontra, no dia-a-dia, dificuldades para se concretizar.

De acordo com Nicolau Sevcenko,

No afã do esforço modernizador, as novas elites se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajustamento em conformidade com padrões abstratos de gestão social hauridos de modelos europeus ou norte-americanos. Fossem esses modelos da missão civilizadora das culturas da Europa do Norte, do urbanismo científico, da opinião pública esclarecida e participativa ou da crença resignada da infalibilidade do progresso. (SEVCENKO, 1998, p. 27).

Uma das intenções do novo regime que se instaurava era deixar a herança colonial, e tudo que significava atraso, no passado. O progresso, a modernidade, era uma espécie de fim almejado e desejado pelas classes dirigentes. Cujas intenções eram implementar um conjunto de mudanças que enquadrassem o país numa série de transformações culturais, tendo como expoente as potências industrializadas da Europa. Fica evidente que o sistema de transporte, no caso específico os bondes elétricos, também iria sofrer adaptações por conta desse processo.

Nicolau Sevcenko enxerga uma série de fatores que indicam que a sociedade brasileira do período estava passando por transformações bem maiores do que a simples reforma das instituições políticas. Reformas urbanas, crescimento econômico e uma tímida, mas crescente industrialização, constituíam novos elementos que estavam povoando o cotidiano das cidades. Alguns desses elementos ainda apareceram de forma acanhada no cotidiano fortalezense. Mesmo assim é possível avistarmos o que o autor chama de “efeito globalizante” e “bando de ideias novas” que atuavam naquele momento no país. Sevcenko afirma que era papel das elites servir como intermediadoras desse processo maior de “introdução do país em novos padrões de consumo”. Para o autor,

A elite dominante, com raízes no Velho mundo, procurou impor seus padrões e seus fins a uma natureza e a populações que tratava como meros instrumentos de seus projetos maiores. Seu recurso para efetivar esses fins eram códigos rígidos e sistemas de racionalidade, aplicados com vistas a modelar os comportamentos e as práticas, desde o âmbito geral até os recônditos da intimidade e da consciência de cada habitante do país (SEVCENKO, 1998, p. 40).

Foi nesse contexto da inserção dessas diversas inovações tecnológicas, das ações que buscavam satisfazer os anseios modernizadores das elites e dos embates resultantes desse processo complexo que observamos as mais diversas cidades do país como parte de um processo maior integrantes da economia internacional. Sevcenko identifica esse período como parte do contexto de uma revolução científico-tecnológica. É interessante termos ciência de que, embora semelhanças apontem para esse tipo de análise, o autor coloca que isso aconteceu de uma forma “[...] muito particular nesta parte do mundo” (SEVCENKO, 1998, p. 541). Afirma ainda que, conforme as pesquisas do historiador britânico Eric Hobsbawm,

A América Latina, nesse período sob estudo, tomou o caminho da ocidentalização na sua forma burguesa e liberal com grande zelo e ocasionalmente grande brutalidade, de uma forma mais virtual que qualquer outra região do mundo, com exceção do Japão (SEVCENKO, 1998, p. 541).

Dentro desse contexto da economia internacional, decorrente de uma nova dinâmica, foram processadas uma série de transformações também em cidades como Fortaleza, mudanças que irão afetar diretamente os modos de vida e as noções de tempo e espaço das pessoas, bem como os modos de percepção dos objetos e do mundo ao seu redor. Para Sevcenko, uma das particularidades desse momento histórico é que um conjunto grande de pessoas, nas mais diversas partes do mundo, pôde envolver-se de um modo “[...] tão completo e tão rápido num processo dramático de transformação de seus hábitos cotidianos”. O autor chega a colocar que até mesmo os reflexos instintivos e os modos de percepção passaram a ser afetados (SEVCENKO, 1998, p. 07-08).

Ao tratarmos do sistema de bondes elétricos, instalado em Fortaleza na segunda década do século XX, observamos um elemento da inserção da cidade nessa dinâmica mundial identificada pelos autores anteriormente citados. Esse transporte também contribuiu para que ocorresse mudança na percepção dos tempos. A experiência da pontualidade, do cálculo dos tempos e distâncias aparecia como uma novidade naquele momento. O que dizer da ação de atravessar a rua com mais atenção para evitar o perigo de ser atropelado? Sem falar da experiência proporcionada pelos bondes, que é o deslocamento de diversas pessoas juntas no mesmo horário e, muitas vezes, para a mesma parte da cidade.

Essas foram algumas das sensações que surgiram como novidades e fizeram com que a vida na cidade passasse a se modificar, e pelo menos no caso dos bondes, essa experiência não se colocava apenas a uma parte da população, acabando por afetar diferentes segmentos sociais. Isso fica evidente no caso relatado por Sampaio (2010), segundo o qual um comerciante viu seu funcionário ser proibido de entrar num bonde de 1ª classe por não estar usando sapatos e relatou o ocorrido a um jornal da cidade.

O transitar dos bondes, o comércio em atividade, o caminhar das pessoas na cidade fez com que se estabelecesse uma espécie de segunda natureza no habitante urbano. Para Sevcenko,

Se por um lado, porém a velocidade das máquinas urbanas modernas exigia uma redobrada precaução, pelo outro ela se incorporava ao próprio subconsciente das pessoas e, inevitavelmente, como toda manifestação de adesão aos condicionamentos modernos, virava um sinal de distinção daqueles que mais ostensivamente os exibiam (SEVCENKO, 1998, p. 550).

Sampaio (2010) observa uma série de problemas relacionados aos horários dos bondes, principalmente na diferença com que eram tratados os bondes e os passageiros de primeira e de segunda classes. Para ele

As reclamações estavam pautadas também nos horários aos quais circulavam a segunda classe. Como esses bondes seriam utilizados pela maioria da população, sobretudo por estudantes e empregados, necessitava-se que eles partissem nos horários adequados, ou seja, por volta das sete da manhã e das seis da noite, horário de entrada e saída do serviço, respectivamente. Outro assunto, era a deficiência dos carros de segunda, que em vez de saírem simultaneamente com os veículos de primeira, se distanciavam um do outro, algumas vezes, de mais de vinte minutos, causando transtornos à população (SAMPAIO, 2010, p. 85).

O que afetava diretamente o cotidiano dos trabalhadores era o fato de os carros de segunda classe existirem em números bem menores que os de primeira. E por estarem sempre lotados de passageiros ou atrasados, faziam que os trabalhadores fossem obrigados a pagar uma passagem mais cara nos bondes de primeira classe. Também acontecia de esses trabalhadores voltarem para casa a pé depois de uma jornada de trabalho.

O acordo trabalhista que pôs fim à greve dos funcionários da empresa de transporte de bondes foi encaminhado pela empresa Ceará Tramway Light and Power Company LTD ao Desembargador Olívio D. Câmara no dia 17 de maio de 1932. O documento de 23 páginas, que se encontra no Arquivo Público do Estado do Ceará, oferece a análise de um panorama em relação ao serviço dos bondes e ao cotidiano daqueles trabalhadores. Ao longo do documento observamos, principalmente, regras concernentes ao horário de trabalho da companhia, o que afetava diretamente o horário de saída dos bondes. Outro ponto que podemos destacar é a exigência de certas posturas por parte dos condutores dos bondes.

Através do acordo de trabalho concebido logo após a greve dos trabalhadores, podemos perceber uma série de novas regras que vieram reger aquele transporte. O bonde representava na cidade mais do que um simples meio de transporte para deslocamento entre um ponto e outro da cidade. Naquele momento se apresentava como

um local de sociabilidade que, como os cinemas e os teatros, por exemplo, era obrigado a estabelecer determinadas regras de condutas. Todavia, mais do que esse simples deslocamento, os bondes serviam como uma nova forma de experimentação de tempos sociais que eram permitidos em virtude de novos elementos da urbanidade que os cidadãos de Fortaleza poderiam vivenciar naquele momento. Os horários fixos de passagem permitiam que muitas pessoas se deslocassem em um mesmo instante. Isso proporcionava novos encontros, novos assuntos, uma interação maior entre os moradores da parte central da cidade que usufruíam desse meio de locomoção. Mesmo assim é bom lembrar que o valor da passagem é mesmo um divisor entre os que podem andar ou não nesse transporte.

As linhas que os bondes percorriam mostram uma série de atividades que giravam não só em torno do trabalho, mas também das diversões. Nos fins de semana os bondes circulavam normalmente, o que permitia que se frequentassem bares mais distantes, como os do Benfica onde aconteciam rodas de viola e os chamados sambas de areia. Era também nesse Bairro, ao redor do campo do Prado, onde ocorriam algumas corridas de cavalo, as chamadas provas de turfe, além das primeiras partidas de futebol, que muitas vezes concorriam com as corridas de cavalo, causando até problemas para alguns clubes quando essas atividades se chocavam no calendário das atividades esportivas da cidade. Podemos observar como os bondes agilizavam o transporte de espectadores para os eventos:

O Maguary organizou para amanhã, uma animada tarde desportiva. Auto omnibus e bondes especiais transportarão, da praça ao Alagadiço os que já se acham ansiosos por assistir a tarde desportiva de amanhã (O NORDESTE, 1928, p. 07).

O que pode ser destacado das experiências em torno de um sistema de transporte é que diversas atividades desenvolvidas na cidade estavam sofrendo transformações. E tal como afirma Sevckenko (1998), essas atividades envolveram, pela primeira vez na história da humanidade, um contingente tão grande de pessoas. Isso acabou por criar novos hábitos e novas construções sobre os tempos sociais. Ao mesmo tempo em que alguns tempos se subtraem e parecem estar perdidos, outros são transformados e passam a surgir como possibilidade para usufruto. O lazer comum a nós nos tempos de hoje, como uma das práticas possíveis no tempo livre dos sujeitos, para alguns autores, começa a se configurar nesse momento. É a partir dessas novas configurações dos

tempos sociais que as práticas de lazer passam a se tornar comuns na vida das pessoas e a aparecer como desejáveis. Assim, surgem como parte do cotidiano, tendo uma hora específica do dia ou da semana, o que passa a ser mais comum no fim de semana, como nos dias atuais.

3.2 Apropriações do tempo livre

“Toda pessoa tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e férias periódicas remuneradas.”

(Declaração Universal dos Direitos Humanos – 1948)

“Art. 6º. São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados na forma desta Constituição

Art. 7º. São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:

XV- Repouso semanal remunerado, preferencialmente aos domingos.”

(Constituição Federal, 1988)

“Renner é condenada por trabalho escravo e terá de pagar multa de 2 milhões.”

(Portal iG, 2014)

Os artigos da Constituição Brasileira, da Declaração Universal dos Direitos Humanos e a notícia sobre a loja acusada de trabalho escravo nos convidam a refletir sobre como a sociedade vem, ao longo dos anos, reelaborando e construindo sua ideia sobre o lazer e os tempos livres. Mesmo se tornando lei de um país, no caso da Constituição do Brasil, ou como resultado de um acordo nas Nações Unidas, não podemos dizer que o mundo inteiro siga a mesma regra em relação às atividades construídas no tempo livre. Isso fica evidente, principalmente, quando nos damos conta de que em muitos locais ainda não são respeitadas leis trabalhistas e muitos trabalhadores ainda são encontrados em condições de trabalho escravo, como no caso citado da loja de departamentos em São Paulo. Interessa-nos refletir sobre o fato de que

cada sociedade, em seu determinado tempo histórico, elabora e constrói valores em torno do trabalho e também dos seus tempos livres. É a forma de elaboração dos seus tempos sociais, e o tempo livre como um deles, que explica também como uma sociedade formulou as construções em torno dos tempos sociais.

Para Gilles Pronovost (2011), uma das abordagens mais clássicas da sociologia do lazer, que “[...] tomou emprestada para tratar do seu objeto de estudo”, foi a noção de tempo livre. A abordagem costuma distinguir diversas categorias do tempo social (trabalho, escola, religião etc.), e dentro da divisão estabelecida encontram-se as atividades de tempo livre, que podem ser colocadas como atividades distantes de obrigações. Ou ainda, como o autor coloca, “O conteúdo do tempo livre refere-se essencialmente a atividades dotadas de atributos distintivos: liberdade, satisfação pessoal, criatividade, ludicidade etc.” (PRONOVOST, 2011, p. 25).

Essa perspectiva de análise adotada por Pronovost é a que observamos mais comumente quando são analisadas as práticas de lazer no início do século XX nas cidades brasileiras.²⁹ O ponto chave desse entendimento é que “[...] o tempo dedicado ao lazer tenha sido objeto de uma diferenciação, de uma especificação progressiva desde a Revolução Industrial” (PRONOVOST, 2011, p. 25). São vários os aspectos que corroboram essa forma de compreensão, que vão desde a centralidade adquirida pelo tempo industrial nesse momento até a prioridade assumida pelo trabalho como valor imprescindível na sociedade. Assim, o tempo livre configura-se como um ganho em contrapartida ao tempo do trabalho, e também como objeto de constantes lutas políticas (PRONOVOST, 2011, p. 25).

Christianne Lucce Gomes (2014) também faz uma importante análise sobre as questões dos tempos livres e do surgimento do lazer moderno. De acordo com a autora, não é interessante refletir sobre as práticas de lazer como uma atividade resultante do processo de industrialização, ocorrido principalmente a partir do século XVIII. Para ela, as práticas de lazer adquirem configurações em diferentes momentos da história da humanidade. O que deve ser analisada é a forma como os indivíduos procuraram

²⁹ Alguns trabalhos que trazem as análises sobre as cidades brasileiras consideram as transformações do lazer como consequência de um processo resultante das transformações por conta da Revolução Industrial. Verificar em: MELO, Victor Andrade de. (org.) **Os esportes e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

elaborar um tempo para essas atividades em cada momento histórico, e, em consequência disso, os valores que cercavam essas atividades. Como a própria autora explica,

[...] por isso, abraçamos uma compreensão de lazer como necessidade humana e dimensão da cultura.. Nesse sentido, as análises sobre os conceitos e teorias do lazer e da recreação não podem ser tratadas como universais e globalizantes, e devem ser contextualizados, considerando o dinamismo e a diversidade sociocultural latino-americana (GOMES; ELIZALDE, p. 125).

Segundo Gomes, o que deve ser analisado e contextualizado é o lazer como uma das dimensões do tempo livre, na forma que surge dentro das especificidades de cada tempo histórico e de cada sociedade. Assim, para que tenhamos o entendimento da questão como uma problemática histórica, “[...] o lazer necessita de ser estudado no seio do contexto cultural de que faz parte” (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 125).

Aos poucos, as transformações ocorridas em Fortaleza nos permitem analisar as práticas sociais, observando como ocorreu a constituição dos tempos livres nesse contexto específico. Gomes aponta duas correntes sociológicas que explicam o lazer da forma como é comum para nós hoje em dia, e explica que a corrente que trata da constituição dos tempos livres e o consequente desenvolvimento das atividades de lazer em torno do tempo do trabalho muitas vezes não é satisfatória. Essa corrente de pensamento tende a observar o surgimento e o desenvolvimento do lazer como uma consequência direta da industrialização. O que Gomes propõe é que essa análise seja feita não existindo um aspecto da sociedade mais importante que o outro, como, por exemplo, o trabalho em relação ao lazer.

Ainda segundo Gomes, a rígida divisão dos tempos com uma melhor definição da jornada de trabalho fez com que as análises predominantes entendessem esse período da industrialização como o de surgimento do lazer. Para a autora, a importância desse momento na análise sobre o lazer é que, por conta de uma melhor definição do tempo de trabalho, o tempo de lazer passou a ser mais bem definido. E assim ele adquiriu características que nos são comuns até os dias de hoje.

Portanto, a análise dos tempos livres, dos divertimentos e das práticas de lazer na cidade de Fortaleza nas primeiras décadas do século XX tem que levar em conta a realidade local e as transformações sociais ocorridas naquele momento. O que estava

em curso, de acordo com Lilia Moritz Schwarcz, “[...] era um processo inédito, que implicava acelerada transformação do espaço urbano e sua eleição como um novo lócus das representações (SCHWARCZ, 2012, p. 22). Para a autora, fica evidente que esse processo não se concretizou uniformemente em todo o Brasil e nem em todas as capitais dos estados. Essas transformações urbanas, com influências de costumes europeus e inovações tecnológicas contribuíram para que outros tipos de transformações viessem a ocorrer. É a partir da reflexão sobre os tempos sociais que determinadas questões devem ser analisadas.

Em algumas revistas que circularam nos anos 1920, podemos observar como alguns locais da cidade ganharam destaque como locais de lazer. Um desses é a Praia de Iracema, escolhido para usufruto do tempo livre e que inspirou um pequeno texto publicado na revista *Bataclan*, no ano de 1926:

Esbatida de luz e estuante de vida e de beleza, pelo tumultuar da elegância que a percorre em brincos e passeios, desde que rompe o sol até que o luar, todo, se derrame sobre a terra, envolvendo-a em branda e cariciosa luminosidade, a Praia de Iracema vibra na mais intensa effervescência, pelos dias e noites de verão como suave refrigério da canícula e dilecto refúgio da poesia.

Animada pelo prestígio da alegria ambiente, em que se desborda a alma feliz da multidão, refeita do cansaço da labuta quotidiana, extrema-se em sorrisos de bondade, ao perpassar dos curiosos e banhistas, confundindo-se num mesmo e doce regojizo (BATACLAN, 1926).

O autor do texto diz que a Praia de Iracema servia como refúgio no Verão, quando os fortalezenses podiam se refrescar do intenso calor dos dias mais quentes. Outro ponto interessante é a forma através da qual o autor colocava a praia como opção para descanso da labuta do cotidiano. Assim, vemos como os espaços da cidade e os tempos eram, aos poucos, reinventados. A revista, que veicula o pequeno texto sobre a praia, ficou em circulação na cidade de Fortaleza durante o ano de 1926, e era basicamente uma revista de costumes locais. Entre outros temas, destacava a moda, propagandas de lojas e, frequentemente, textos com os costumes locais.

Outra publicação que nos mostra Fortaleza como uma cidade moderna e de bons costumes, pronta para receber os visitantes dos mais diversos locais, é o Guia da Cidade de Fortaleza. Assim, de acordo com a publicação, a cidade encontrava-se recheada de atrativos em sua urbe, com parques, praças e praias que estavam disponíveis para receber visitantes nas mais diversas horas do dia.

Passeio Público: Jardim localizado na Praça dos Mártires, em meio a Rua Doutor João Moreira, no princípio das ruas Barão do Rio Branco, Major Facundo e Floriano Peixoto, deste logradouro público se descortina belíssima vista sobre o porto de Fortaleza. Ponto de reunião das famílias cearenses, pelas manhãs e às noites, nesse aprazível e pittoresco recanto da cidade, existe um excelente restaurante do Sr. Amarílio Normando, figura devéras popular e conceituada, entre os freqüentadores do Passeio Público, em razão da sua agora proverbial amabilidade. Possui, ainda, esse jardim um parque de brinquedos, instalado pelo já referido arrendatário do restaurante do passeio público e destinado às creanças que ahi afluem, diariamente, para seus folguedos ao ar livre. O Passeio Público é, portanto, um dos locais mais atraentes da nossa urbs (GUIA DA CIDADE DE FORTALEZA, 1927 apud FREITAS, 2012, p. 33)

Idalina Maria Almeida de Freitas, em sua tese de doutoramento, busca dar destaque à forma como os equipamentos eram mostrados no Guia da Cidade de Fortaleza: como lugares bem frequentados, sempre bem atendidos pelo sistema de transporte e dispostos geograficamente perto uns dos outros, facilitando o passeio pela cidade. A autora assim coloca:

É possível observar o requinte com que eram anunciados esses principais símbolos construídos na cidade, além do zelo e da manutenção de lugares destinados a uma parcela da população, o que evidencia o tipo de cidade e o mapeamento que estavam sendo construídos, bem como quais pontos eram submetidos à ‘geografia da coação’, problematizando os discursos oficiais (FREITAS, 2012, p. 38).

Outro local em destaque nesse Guia da Cidade de Fortaleza, editado na década de 1920, foi o chamado Parque da Liberdade, hoje conhecido como Parque das Crianças, uma extensa área na região central de Fortaleza. O Guia o descreve como um local para o passeio para “as ilustres famílias da região”, com a vantagem de estar próximo a uma igreja.

Parque da Liberdade: É esse outro dos logradouros públicos da capital cearense que mais merece visita dos forasteiros, assim como costumam fazer, quotidianamente, as illustres famílias residentes nas suas imediações. Possui o parque da Liberdade um bellissimo lago, em meio as suas largas e bem traçadas alamedas, sombreadas por frondosas árvores, sendo tapetadas por luxuriante relva, as margens do já mencionado lago, em o qual existe um barco á disposição dos visitantes. Servido pelos bondes de estação e a cinco minutos da Praça do Ferreira, o parque da Liberdade defronta, em seu portão principal, com o imponente templo do Sagrado Coração de Jesus, um dos mais importantes da cidade (GUIA DA CIDADE DE FORTALEZA, 1927 apud FREITAS, 2012, p. 34)

Em um momento em que a praia e os banhos de mar ganhavam destaque como local para os divertimentos da cidade, a Praia de Iracema também ganhou destaque no referido Guia:

Praia de Iracema: É innegavelmente o recanto mais pittoresco da cidade de Fortaleza, a bellíssima praia de Iracema, em a qual, pelas manhãs e as noites, bem como em todo o correr do dia, afluem numerosas pessoas, sequiosas do ar puríssimo que, ali se respira e do panorama maravilhoso que á beira do mar se descortina. Possuindo um eccellente restaurante, servido por pessoal competente o conhecido e bem freqüentado Restaurante Beira Mar a praia de Iracema com seus naturais encantamentos, attrae, quotidianamente, ás suas alvas areias, toda uma grande multidão, composta não apenas, de forasteiros, mas também, de brilhantes figuras da sociedade cearense (GUIA DA CIDADE DE FORTALEZA, 1927 apud FREITAS, 2012, p. 36)

Através desses guias e relatos, vemos que naqueles anos se empreendeu a tentativa, por parte de um segmento letrado de mostrar Fortaleza como cidade civilizada, preparada para receber visitantes e pronta para ser usufruída nos tempos livres dos trabalhadores.

Nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, de acordo com os relatos de alguns memorialistas, grande parte das atividades de lazer dos segmentos abastados eram realizadas em locais fechados. Os clubes, cinemas e teatros eram espaços comuns de sociabilidade desses sujeitos. Para grande parte da população, restava se colocar como plateia para esses eventos. De acordo com Eduardo Campos (1985), essa plateia que se formava do lado de fora desses eventos - teatros, cinemas, clubes, casamentos - era chamada de “sereno”, “[...] denominação dada à assistência que fica postada no lado de fora do edifício onde se realizam cerimônias sociais, especialmente bailes” (CAMPOS, 1985, p. 16).

Era como se a esse povo que não tinha condições de entrar nos lugares “chiques” restasse apenas a condição de plateia. As diversões realizadas fora desses locais não eram consideradas lazeres condizentes com as classes mais abastadas. Enquanto esse panorama não sofresse uma transformação e a rua viesse a ser considerada como um local para usufruto dos lazeres também de uma elite, a divisão, não somente a espacial, perpetuava-se, inclusive durante as festas carnavalescas:

Terão sido os anos de 1890 a 1899 os mais aliciantes para os que, por motivos econômicos ou sociais, não podendo frequentar os salões dos clubes

diversionais, concorriam para engrossar o sereno, institucionalizando-o (CAMPOS, 1985, p. 19).

É nas primeiras décadas do século XX que esse panorama se transforma e passa a influenciar nos costumes em torno das práticas de tempo livre. Após o processo de urbanização, da criação de parques, do “surgimento” da praia como um local para o lazer, essa “plateia” passou a ocupar não mais o lado de fora desses eventos. Os eventos chiques continuam a ocorrer dentro de clubes, salões de festas, teatros e cinemas, mas também a rua passou a ser um local próprio para esses divertimentos.

Agora “o sereno” não se encontrava mais somente do lado de fora dos eventos, mas lado a lado, nos bondes, parques e praças da cidade. A separação se institucionalizou por outros meios. Era o modo de vestir, de se portar, ou até mesmo de usar um calçado que fazia com que as distinções sociais se estabelecessem. Às vezes, essa separação se dava por conta da divisão das classes estabelecida pelos bondes ou pela divisão, muitas vezes desejada, dos níveis do Passeio Público. Foi dessa forma que a cidade se transformou para receber os diversos segmentos sociais, já que nesse momento os tempos e os espaços estavam em constante transformação.

As práticas dos tempos livres de um determinado período sofreram transformações e poderiam ser consideradas o espelho das configurações nas quais estavam inseridas. O modo como uma determinada sociedade faz uso do seu tempo fora do trabalho reflete as maneiras de inserção e as formas com as quais essa sociedade age na transformação desse mundo. Não basta pensarmos numa determinada prática de lazer e tentar buscar suas origens, ou simplesmente entender as influências externas que trouxeram à prática dessa atividade. As atividades de tempo livre podem ser pensadas como uma elaboração constante que sofre diversos tipos de influências. Para Roberto da Matta,

O fato é que tempo e espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens. Sobretudo o tempo, que é e simultaneamente passa, confundindo a nossa sensibilidade e, ao mesmo tempo, obrigando a sua elaboração sociológica (DA MATTA, 1997, p. 31).

Importa considerar quais os tempos sociais específicos estavam dispostos para a população de Fortaleza nessas décadas iniciais do século XX. Por ser um período de expressivas mudanças e transformações, esses momentos do dia a dia ainda não estavam

bem fixados e determinados para a população, por mais que aparecessem definidos em publicações, como revistas, guias e jornais. É necessário que se entenda que essas determinações dos tempos nem sempre partiam de uma autoridade maior, de leis; eram geradas também pela da população, com suas práticas cotidianas. Observamos que se estabelece uma construção dos tempos sociais através de um conjunto de atividades elaboradas no cotidiano. De acordo com Da Matta,

Mas o ponto que desejo demonstrar é o seguinte: as atividades que demarcam o tempo, ou ajudam a construí-lo provendo uma base para a noção de duração diferenciada e de passagem, são as atividades que ocorrem sempre em espaços distintos. Há um sistema de contraste ou de oposição no espaço, ou melhor, na constituição do espaço como coisa concreta e visível; assim como há atividades igualmente distintas (DA MATTA, 1997, p. 32).

Não há dúvidas de que é isso que inventa o tempo e o espaço como categorias sociológicas e não mais como conceitos filosóficos dotados de conteúdo homogêneo e único. No caso do tempo, o contraste mais abrangente talvez seja o que pode ser estabelecido entre as rotinas diárias e as situações extraordinárias, anômalas ou fora do comum, mas socialmente programadas e inventadas pela própria sociedade. Estas situações se definem pelo que usualmente chamamos de festas, cerimoniais, rituais e solenidades (DA MATTA, 1997, p. 35).

Para o aludido autor, é o contraste entre as situações rotineiras e as extraordinárias que permite que o tempo se transforme. Resta-nos entender se o lazer tal como foi configurado nesse momento de transformações sociais e urbanas se coloca como uma “atividade rotineira” ou “fora do comum”. Parece-nos claro que, cada vez mais, para as autoridades e para os diversos agentes que interagiam para uma maior inserção do capitalismo, era interessante que as atividades de lazer passassem a fazer parte das ações comuns ao cotidiano. Inserir essas atividades de tempo livre no contexto de um modo de vida urbano e capitalista era necessário para que elas integrassem a rotina daqueles novos tempos. Os lazeres fazendo parte do mundo de novidades, do mundo moderno ao estilo europeu parecia ser o ideal nesse contexto de mudanças. A ordenação dessas atividades deveria se constituir sem abalar os comportamentos aceitáveis. Esse processo se configurou de uma forma bem sutil ao longo dos tempos, mas é inegável que também apontou para uma absorção de hábitos de lazer mais sofisticados naquilo que se considerava tempo livre.

As transformações propostas pela elite da cidade de Fortaleza não se empreendiam somente no meio físico da cidade. Ao lado das transformações físicas, a

classe dominante buscava o ajustamento dos diversos tipos de moradores a esse novo tempo que se propunha. É como se o discurso dos produtores de espaço (elites, urbanistas), que sempre visavam à “felicidade do homem e as suas necessidades”, fosse uma espécie de discurso falso ou mascarado. O que esses produtores de espaço buscavam na verdade era uma “[...] racionalidade, visando tornar a sociedade mais racional” (LINHARES, 1992, p. 176).

José de Arimateia Vitoriano de Oliveira, ao analisar esse processo, entende que a busca por essa racionalidade tinha o intuito de tornar única a cidade que se “modernizava”. Entretanto, o processo desejado de unicidade teve poucos resultados concretos. Assim, o autor explica que

Com o intuito de tornar mais racional a sociedade que se modificava por causa da inserção da modernidade e seus produtos, a racionalidade estaria associada também à repressão e a própria racionalidade (razão) se constituiria num aspecto da modernidade. Daí depreendermos que a reforma urbana por qual passou Fortaleza, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX, exigia para seu êxito um controle social extensivo a todos aqueles que destoavam da utilização dos produtos da modernidade (OLIVEIRA, 2012, p. 16).

E é exatamente quando se quebra a racionalidade e a rotina que os produtores dos espaços demandavam que se observa que os processos desejosos da modernidade não se concretizaram de uma forma homogênea (OLIVEIRA, 2012). Alguns processos crimes indicam que essa população de bairros mais afastados, ou os trabalhadores da cidade, demoraram a se enquadrar nessas novas regras de sociabilidade. E em alguns momentos de tempos disponíveis observamos esse contingente da população subvertendo essa ordem.

No livro *Fortaleza Descalça* observamos uma série de descrições da Fortaleza mais distante do centro das grandes novidades do período. Otacílio de Azevedo busca trazer memórias de uma cidade que demorava a se enquadrar nas diversões colocadas como modernas e estabelecia de acordo com suas práticas as suas diversões. Assim, o autor relembra que “Eu trabalhava duramente a semana inteira à espera do domingo. Quando ia para o Mata Galinha cantar e recitar.” (AZEVEDO, 1980) São essas memórias que aos poucos vão mostrando como a cidade que não parecia estar integrada aos novos tempos mostra a sua face, como quando o autor coloca que um dos seus locais preferidos para as diversões era o “Café do Pedro Eugênio que ficava na segunda

seção da Linha do Benfica” (AZEVEDO,1980). Aí vemos o bonde como referência a um local de diversão mais distante do centro. São indícios de que esses sujeitos se utilizavam dos bondes não só para o trabalho, mas também para os seus momentos de diversão.

Aos poucos os bondes são inseridos em todo o cotidiano da cidade, que parecia se acostumar com esses equipamentos elétricos. Ou, como fala Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho, é como se tivesse ocorrido “[...] uma certa acomodação do ouvido às sonoridades maquinicas inscritas há poucos anos na paisagem urbana” (SILVA FILHO, 2006, p. 21). Parece que não só uma acomodação dos ouvidos, mas também dos outros sentidos, ou até mesmo uma internalização daqueles novos tempos sociais. Silva Filho entende que

[...] entre a alvorada do século XX e os anos 1930, abre-se uma distância em termos de experiência histórica, que a marcação cronológica tende a escamotear ou atenuar, especialmente no que tange às transformações perceptivas que se processariam no cotidiano das populações urbanas (SILVA FILHO, 2006, p. 21).

Corroboramos com a ideia do autor quando ele entende que a “percepção dos sujeitos” se constrói e se constitui dentro de uma perspectiva histórica. Que essas percepções em relação ao meio em que os sujeitos vivem se transformam, não se constituindo uma “faculdade biológica intemporal” (SILVA FILHO, 2006, p. 21). É nesse sentido que procuramos analisar as transformações dos tempos sociais, procurando partir do entendimento de que esses tempos foram aos poucos se internalizando como resultado de um processo longo que sofria influências de uma série de fatores. Essa constituição se dá com um “aprendizado longo, adaptação contínua e socialização complexa” e

[...] é preciso ter em conta a imbricação de temporalidades, valores e modos de ser que conferem à sensibilidade das pessoas movimento, referencial, transformação e uma certa ordem (incontornavelmente precária) disposta a extrair coerências temporárias de uma miríade de estímulos (SILVA FILHO, 2006, p. 22).

Um cidadão cearense, por exemplo, que vinha do interior para a capital nos anos 1920, encontrava uma cidade bastante transformada e diferente do mundo ao qual ele era acostumado. Ruas largas, a reforma e construção de praças e parques, um porto em funcionamento, iluminação pública noturna, os bondes, pessoas passeando nas ruas

eram novidades encontradas por um grande número de migrantes que chegavam à cidade, fugindo da seca ou por outros motivos. Rapidamente essas inovações tinham que ser absorvidas por esses cidadãos. Mas se enquadrar nessas novidades não era fácil, e se acostumar dentro dessa citada “miríade de estímulos” muitas vezes era um processo complicado.

Para as classes dirigentes ou para os produtores dos espaços a sociedade deveria ser enquadrada em uma lógica do mundo do trabalho. Em consequência disso, os tempos liberados do trabalho também, pois “[...] o tempo de não-trabalho é considerado o maior inimigo do trabalho, pois com base em ideias disseminadas desse período, ‘o trabalho enobrece o homem, o ócio não!’” (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 22).

A racionalidade desejada pelas classes dirigentes, como a imprensa, o Estado, ou a polícia, por exemplo, estava diretamente ligada a uma pontualidade que deveria estar ligada a uma calculabilidade dos tempos sociais. É evidente que a população de Fortaleza daquele momento não assimilou de maneira uniforme esses estímulos, fazendo com que essas práticas se traduzissem nas suas ações diárias. O processo de absorção, enquadramento e assimilação de estímulos está em constante construção, e quanto mais elementos novos surgem, mais isso faz com que o processo nunca estacione. Antônio Luiz nos auxilia quando explica:

[...] um acesso ao – e também parte do – mundo social e natural, um elo complexo que nos situa em determinado ambiente sem contudo nos dissolver inteiramente nele, pesquisar as formas de sensibilidade proporciona um melhor entendimento histórico sobre como homens e mulheres avaliaram e produziram o espaço habitado, teceram um imaginário da cidade, cunharam regulações para a existência coletiva, lidaram com a potência e os limites de seus corpos, acolheram ou repeliram os equipamentos técnicos, dispuseram enfim dos estímulos externos como sinais da passagem do tempo vivido (SILVA FILHO, 2006, p. 29).

Na análise de Silva Filho (2006), seu entendimento e sua leitura sobre a cidade colocam a experiência humana como resultante de uma série de estímulos diários. O autor sintetiza esses estímulos citadinos que corroboram para uma “experiência humana irreduzivelmente polifônica” (SILVA FILHO, 2006, p. 33). O autor procurou, então, investigar quais os esforços, estratégias mobilizadas pelas elites e gestores municipais que buscaram excluir, naquele contexto, os comportamentos que não se enquadravam nos padrões de civilidade. Ou ainda, como o mesmo explica, a sua intenção de

[...] deslindar como os poderes voltados à empreitada da modernização procuram dirimir o antigo e seus rastros sonoros (que viram ruídos), tentando formular uma tessitura harmônica e bem afinada (SILVA FILHO, 2006, p. 33).

Marinho e Pimentel (2010) se apoiam nos estudos de Padilha (2004) para explicar o seu entendimento das questões dos tempos sociais elaborados pelas sociedades. Para eles,

[...] é importante lembrar que a história humana é evidenciada pela construção histórica do tempo, bem como das formas de medi-lo. Justamente por isso, as maneiras de organização do tempo retratam a organização dos grupos sociais. As sociedades sempre se organizaram em “tempos sociais”, isto é em tempos que determinam as atividades sociais: o tempo para o trabalho, o tempo para a família, o tempo da educação, o tempo para a religião e assim por diante (PADILHA, 2004 apud MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 22).

De certa forma, é como se as configurações sociais desse período que estamos estudando contribuíssem para uma maior divisão ou segmentação desses tempos sociais. É nessa cidade em ascensão onde observamos um crescimento do comércio, um processo de industrialização se gestando, uma maior organização do meio urbano e, conseqüentemente, um maior controle dos hábitos sociais que os tempos se dividem ao mesmo tempo em que se internalizam nos sujeitos desse meio urbano. Segundo Gerbara (2005), também citado por Marinho e Pimentel (2010), a mensuração do tempo se estabeleceu como uma espécie de controle social.

Entendemos que esses autores não colocam diretamente o surgimento dos lazeres e dos tempos disponíveis como consequência da industrialização ou do sistema capitalista. Na realidade, eles destacam que houve um processo de transformação desses tempos em virtude de um maior avanço do capitalismo, e que esse processo foi primordial para a “organização social do mundo moderno”. Outro resultado desse processo foi a configuração das práticas de lazer na forma como as conhecemos hoje em dia. Para esses autores,

A industrialização exigiu uma maior sincronização e controle do tempo, no trabalho e também fora dele; diferentemente das sociedades pré-industriais, em que o limite entre tempo de trabalho e de não-trabalho era muito menos demarcado (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 23).

Qualquer tempo desocupado, em razão dessas transformações e dos ideais disseminados, parecia surgir como um momento ou um espaço para a subversão. Era o vício da bebida, do jogo, ou qualquer outra espécie de prática social que, ao não se enquadrar na ordem vigente, deveria ser combatida ou colocada para fora do meio urbano. Às elites era interessante disseminar valores que afastassem os trabalhadores do jogo, da bebida ou de qualquer espécie de vício. Importava apresentar a cidade como um local ideal para o passeio, para os esportes, contemplação da natureza etc. No terceiro capítulo desse trabalho procurarei discutir algumas práticas de jogos que eram controladas ou não e aceitas pelas autoridades policiais.

Ao ócio eram atribuídas as mais diversas ideias negativas, disseminadas em jornais, revistas e através das autoridades policiais. A vagabundagem e pequenos delitos eram diretamente ligados aos ociosos. Esse combate se acentuava quando a cidade de Fortaleza recebia muitos migrantes fugidos da seca, por exemplo. Era como se as classes ociosas não fizessem parte do mundo moderno que continuava a se gestar, pois quando

[...] a racionalidade moderna e a lógica produtiva se tornaram hegemônicas, atribuindo ao tempo livre caráter econômico, mercantil, metódico, rígido e contabilizado, o ócio transformou-se em prática sem qualquer indicativo de valor (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 24).

É um procedimento difícil, de acordo com as fontes estudadas, perceber se de alguma maneira os relógios afetavam diretamente as vidas dos sujeitos que moravam em Fortaleza naquelas primeiras décadas do século XX. A questão é que naquele momento não era só o relógio que contribuía para que os comportamentos se transformassem. Existia uma série de elementos que acabavam por participar dessa transformação, como os já citados bondes e seus horários de chegada e de partida. Além disso, é importante frisar a velocidade com que eles atravessavam a cidade, encurtando distâncias e fazendo com que os passageiros ganhassem tempo. Também contribuía para a divisão dos chamados “tempos sociais” os apitos das fábricas e os horários de comércio, de aulas, de proibição de bares abertos e de corridas de cavalos.

Todos esses momentos eram ao mesmo tempo construídos pelos sujeitos como processos que se internalizam como aprendizagens sociais. Norbert Elias (1998) é outro autor que procura entender esse processo de internalização e construção dos tempos

sociais. O debate em torno dessa questão se justifica porque é no contexto dessas transformações que o tempo para o lazer se gesta. O lazer, ou o tempo livre, como os conhecemos hoje, não estava completamente configurado, mas vinha sofrendo transformações constantes e adquirindo características especiais desde a virada do século XIX para o século XX.

Elias, no seu livro *Sobre o Tempo*, entende que

[...] o nosso saber resulta de um longo processo de aprendizagem, que não teve um começo na história da humanidade. Todo indivíduo constrói a partir de um patrimônio de saber adquirido, o qual ele contribui para aumentar (ELIAS, 1998, p. 10).

Às classes abastadas, às elites, ao Estado cabia entender esse processo como um caminho para o moderno ou para o progresso. É como se para eles sobrasse o papel de mediador dessas transformações. Os entraves para esse processo estavam justamente em uma camada de trabalhadores e de sujeitos que parecia demorar a se enquadrar nessa caminhada na busca de um futuro luminoso. No caso desse trabalho é necessário que se entenda como esse processo de enquadramento ocorreu nos âmbitos das atividades de tempo disponíveis. Pois mesmo com o esforço das elites em disciplinar, educar e cercear as práticas ditas “indesejáveis” eram esses trabalhadores que continuavam a subverter os espaços e os comportamentos desejados, muitas vezes como modernos.

Um dos exemplos de que essas camadas continuavam reelaborando seus próprios modos e suas próprias velocidades para uma “adaptação” eram as brigas ocorridas em alguns lugares da cidade, muitas vezes os desejados pelas elites como lugares modernos e prontos para os bons lazeres, como no caso o Passeio Público. O estabelecimento do senhor Normando, já citado anteriormente no *Guia da Cidade de Fortaleza* como um espaço agradável pronto para receber as famílias cearenses, dessa vez aparece como palco para uma pequena desavença entre seus frequentadores. O caso foi assim relatado no processo 1926/06: “réu e vítima embriagados após uma cervejada no Café Normando (Passeio Público) travaram brigas, a empurrões e bengaladas”.³⁰

Frequentemente eram noticiadas brigas e os jornais endossavam a repressão. É relevante notar que a repressão aos maus comportamentos era mais intensa nos locais

³⁰ O referido caso encontra-se no Arquivo Público do Estado do Ceará no Fundo Arquivístico: Tribunal de Justiça, na Série de Ações Criminais; na Sub-série: ferimentos; Caixa: 12. Processo de nº 1926/06.

onde a elite não frequentava, como os bares mais perto de fábricas ou nas praias, e até mesmo nos “sambas de areia”. Para as classes dirigentes era como se as camadas mais pobres tivessem mais dificuldade em se enquadrar na aceleração daqueles novos tempos e daquele progresso. Para eles, que eram mais lentos em acompanhar esse processo, o que restava era a repressão e uma tentativa de educação. Mas mesmo sofrendo essas pressões, os trabalhadores enquanto não “*desaprendem de produzir o seu próprio tempo*”, ainda teimam em contribuir com suas práticas na construção desses novos tempos em transformação. (CORBIN, 2001, p. 12)

Pensar os tempos disponíveis é pensar os usos e as ocupações em torno das atividades ocorridas nos tempos liberados. Evidentemente o descanso também aparece como forma de ocupar esses tempos disponíveis. Mas também é verdade que o cotidiano é mais complexo e é justamente na sua vivência que os sujeitos criam as formas de se produzir os tempos livres. Corbin entende que “*produzir tempo não equivale a libertar o seu uso*” (CORBIN, 2001, p. 13). Ou seja, é na ocupação desses tempos livres que se produz cultura, onde se constroem as realidades de cada grupo de sujeitos e onde as práticas urbanas se constituem.

Thompson ao analisar o início do processo de industrialização entende que uma série de fatores externos que contribuíram para a construção dos novos hábitos dos trabalhadores. O autor explica que

“Por meio de tudo isso – pela divisão de trabalho, supervisão do trabalho, multas, sinos e relógios, incentivos em dinheiro, pregações e ensino, supressão das feiras e dos esportes – formaram-se novos hábitos de trabalho e impôs-se uma nova disciplina de tempo. A mudança levou às vezes várias gerações para se concretizar, sendo possível duvidas até que ponto foi realizada.”(THOMPSON, 1998, p. 299)

Para Thompson “as sociedades industriais maduras de todos os tipos são marcadas pela administração do tempo e por uma clara demarcação entre trabalho e vida”. (THOMPSON, 1998, p. 300) Por mais que não possamos analisar a Fortaleza do início do século XX como uma “sociedade industrial madura”, diversos elementos nos permitem entender aquele contexto como um momento em que essas disciplinas em torno do tempo se constituíam e passavam a influenciar o cotidiano.

Alain Corbin entende que a passagem do século XIX para o século XX marca a mudança nos modos de vivenciar o tempo. Onde o tempo de relativa lentidão, flexível e

maleável foi sendo substituído por um tempo previsto, rígido, ordenado. Ao mesmo tempo em que surge esse tempo que pode ser medido, desperdiçado ou recuperado, surge também a reivindicação e a luta por um tempo livre, um tempo pessoal. Identifica-se então um duplo processo, que mostra que esse tempo de lazer torna-se também um tempo previsto, organizado, agitado. O lazer não significa apenas descanso ou um momento em que não se pratica nenhuma atividade, ele configura-se também na lógica do tempo como mercadoria. Ainda mais quando as cidades passam a se configurar de uma forma diferente em torno dessas atividades.

A reformulação dos ritmos de trabalho começa a impor uma nova distribuição dos tempos sociais. É no século XIX que se elabora uma indústria de divertimentos citadinos. É sobre esses divertimentos citadinos que se dará o foco do Capítulo 3, onde, através de algumas atividades praticadas nos tempos livres de Fortaleza, poderemos perceber o que buscavam os sujeitos por trás dessas práticas.

4 DE QUE FORMA SE DEU O USO DOS TEMPOS LIVRES EM FORTALEZA?

Mary Del Priore (2009) observa que, até bem pouco tempo, obras que trouxessem em seu conteúdo principal a análise das práticas do lazer e até mesmo a História do Esporte seriam raras ou causariam estranhamento em alguns meios. Essa lacuna na historiografia brasileira não ocorria devido a uma maior ou menor relevância dessas atividades no cotidiano das práticas em nosso país, até porque festas, diversões, jogos e esportes são bastante presentes na formação da sociedade brasileira. No entanto, essa atitude foi se modificando em razão do contato dos historiadores brasileiros com a chamada “Nova História Cultural”. Essa nova possibilidade de abordagem foi importante para que a atenção sobre as diversas práticas dos sujeitos se tornassem parte constituinte na análise histórica de uma sociedade (PRIORE; MELO, 2009, p. 9).

Um olhar atento sobre qualquer jornal ou revista de Fortaleza dos anos 1910 ou 1920 encontra uma grande quantidade de notícias, sobre jogos de futebol, corridas de cavalo ou luta de boxe ocorrendo na cidade. Isso para citar os jogos ou atividades consideradas organizadas ou civilizadas pelas autoridades públicas, o que nos leva a algumas questões em torno dessas atividades: Esses elementos esportivos ou de lazer que constituíam algumas atividades de tempos disponíveis em Fortaleza nos trazem indícios satisfatórios para tentarmos explicar ou colocarmos a capital cearense, do início do século XX, como uma cidade onde se praticavam atividades de lazer? Que valores eram atribuídos para as atividades praticadas nos tempos livres na cidade naquele momento? De que modo o lazer foi entendido e utilizado por uma parte da sociedade, juntamente com o trabalho, como uma atividade ordenadora e controladora daquele meio social?

De início, essas questões surgiram e foram a base para a análise deste capítulo. Evidentemente, é nas práticas dos sujeitos que são constituídas as realidades sociais e onde as construções culturais ocorrem. A proposta de análise visa o entender do lazer como um campo de construção da cultura de um povo e que é, através dele, que os sujeitos se permitem também contestar as ideias hegemônicas e os intuitos modernizantes de uma elite nas primeiras décadas do século XX em Fortaleza. Era

através dessas práticas que, conforme podemos observar, os sujeitos buscavam atividades que satisfizessem os seus desejos internos e pessoais; também era por meio delas que podiam buscar momentos de prazer e satisfação. A particularidade percebida é que muitas das motivações para as práticas de uma atividade específica de lazer resultam de um desejo e de uma vontade própria de cada sujeito.

Podemos observar, através das análises de Christianne Luce Gomes, que, em determinados momentos, tanto as diversões e os lazeres quanto o trabalho foram utilizados como instrumentos e atividades de controle social. A autora explica que

Assim sendo, trabalho e lazer foram concebidos como eficientes mecanismos de controle moral e social, colocados a serviço de determinados interesses encaminhados para a aceitação, por parte da maioria, da condição de exploração/dominação a ela imposta pelos segmentos hegemônicos (GOMES, 2008, p. 44).

Esse tipo de atitude evidencia nas fontes que consultamos, um discurso sistemático implementado em jornais e revistas com apoio incisivo do aparato policial da cidade. Através desses discursos e ações podemos perceber a tentativa de estímulo de diversas atividades de lazer consideradas civilizadas, enquanto às desviantes cabiam a crítica da imprensa e o combate pela força policial. Por trás dessas ações, observamos as manifestações culturais de lazer “[...] serem moldadas de acordo com os padrões preestabelecidos” (GOMES, 2008, p. 44), e os cuidados em torno delas lazer se intensificaram no período em destaque. A valorização das atividades organizadas em clubes ou por iniciativa de associações de “senhores elegantes” passou a fazer parte de forma mais sistemática no cotidiano da cidade, e seu “calendário esportivo” sendo divulgado nas páginas dos jornais.

Todo esse processo de construção do ideário hegemônico sobre as atividades de lazer parte da ideia da necessidade que se construiu no período de negação do ócio como atividade socialmente aceitável. Ao ócio estavam ligadas as ideias de vício, preguiça, luxúria que não condiziam a implementação de atividades de comércio e instalação de pequenas indústrias na cidade de Fortaleza. Esse discurso hegemônico incorporado pelas elites dirigentes, além de negar o ócio, procurava caracterizar o lazer como uma atividade complementar ao mundo do trabalho. Gomes entende que “[...] paradoxalmente, a intensa dedicação ao trabalho foi valorizada. O trabalho foi,

gradativamente, revestido dos princípios capitalistas, os quais acabaram influenciando também os novos significados conferidos ao lazer na modernidade” (GOMES, 2008, p. 44).

Este capítulo tem o intuito de traçar o panorama da elaboração dos valores em torno das práticas de lazer, esporte, diversão e diversas formas com as quais os sujeitos buscaram construir seus momentos de tempos disponíveis. As análises dessas práticas nos permitem observar o modelo que as classes dirigentes procuravam implementar. O lazer, nos discursos veiculados em revistas e jornais, precisava estar ordenado de acordo com uma lógica que privilegiasse o trabalho como atividade principal na sociedade. O meio urbano crescente em equipamentos e população heterogênea necessitava de uma ordem, ao mesmo tempo em que era preciso a construção de novos espaços de lazer e estabelecimento de novas maneiras de se portar nesses locais.

Ao perceber esse crescimento, as classes dirigentes implementaram diversas ações na tentativa de moldar tanto os espaços como os sujeitos que os ocupavam. As praias, os parques e as praças foram aos poucos se consolidando como locais propícios ao lazer contemplativo e ao descanso. Eram atividades que não envolviam tanta ação ou movimento, mas que privilegiavam o contato social, a observação da natureza e, principalmente, o descanso em relação ao trabalho. Ao valorizar e tentar construir o espaço para o descanso como antítese ao trabalho, as classes dirigentes reafirmam a ideia hegemônica do contexto, que consistia em cada vez mais centrar as atividades sociais no mundo do trabalho. Os sujeitos também precisavam ser enquadrados nessa lógica. Os textos analisados da Revista *Ba-ta-clan*, no primeiro tópico deste capítulo, nos permitem perceber que essa ideia hegemônica estava sendo implementada. Aquele espaço, principalmente o da Praia de Iracema, surgia como lugar propício à contemplação do “lunar” e da brisa do mar. Era privilegiada, nesse sentido, a ideia de um lazer compensatório, que servisse para que o trabalhador recuperasse as energias gastas no dia de trabalho.

O Passeio Público era também considerado como um desses locais propício ao passeio, contemplação da natureza e experimentação das sociabilidades. Nas revistas, seu público era retratado como “jovens e formosas senhoras” e “senhores elegantes”. A Revista *Ba-ta-clan* promovia até concurso com votação em suas páginas para a escolha

dos senhores e senhoras mais elegantes. Era incentivado também o passeio no domingo pela manhã, no horário após a missa. Para as revistas era interessante mostrar o primeiro plano do Passeio, local “reservado” ao *footing* das classes mais nobres. É necessário observar que, mesmo com toda esse empenho para que esses espaços fossem ocupados por um público elegante e que existissem horários propícios a esses passeios, não era somente dessa forma que eles eram aproveitados. A análise de Nicolau Sevcenko, e a percepção das diferentes maneiras com que aquele processo de “*modernização*” e de “*inserção capitalista*” atingiu as diferentes camadas da população, nos mostram qual era a tentativa de lazer que as elites buscavam implementar. O que não quer dizer que esse processo de implementação de atividades saudáveis, realizadas fora do horário de trabalho, sempre se concretizou. Aceitar que a construção dos espaços e das ideias em torno das práticas de tempo livre se deu somente pela tentativa de importação de modelos pelas elites é deixar de compreender uma série de outras formas de diversão e lazer que ocorriam naquele meio urbano. Às elites restava reservar os espaços, implementar discursos na imprensa e tentar adequar o lazer da cidade de Fortaleza o projeto de modernização com o seu modelo importado do continente europeu.

A análise do segundo tópico busca priorizar como foram elaboradas algumas práticas esportivas na cidade de Fortaleza, principalmente nos anos 1920, ou seja, como se deu essa organização da sociedade no que diz respeito à valorização do jogo e das atividades esportivas. Mais uma vez a análise de Sevcenko nos auxilia a compreender que, naquele momento, houve uma busca cada vez mais intensa por movimento dos corpos, uma espécie de ativismo social. Esse processo pode ser entendido como desdobramento da inserção daquelas novas temporalidades advindas com os novos equipamentos tecnológicos e transformações urbanas. As teorias de Norbert Elias e Eric Dunning sobre as atividades esportivas e de lazer nos instigam a refletir sobre como as realidades sociais influenciam nas transformações de cada contexto. Assim, as várias transformações e as notícias sobre diversas atividades esportivas veiculadas nos jornais da cidade permitem observar a criação de um calendário esportivo.

Para autores como Vigarello (2001), a organização de um calendário próprio é imprescindível para a constituição das práticas esportivas naquele contexto histórico. Para o autor, o fim do século XIX e início do século XX puderam observar os esportes e os jogos se desvinculando de um calendário festivo ou religioso. Esse passo foi

importante para a consolidação do esporte como uma atividade de direito próprio e também contribuiu para que os tempos para atividades de lazer e de trabalho se dividissem mais efetivamente. Os periódicos nos mostram que além de um calendário próprio das atividades esportivas se instituía, uma maior organização em clubes e associações. Essa forma de organizar as atividades esportivas era reflexo das tentativas de organização também do meio urbano. Era necessário vinculá-las a uma série de valores produtivos, e isso pôde ser observado em organizações de lutas de boxe e de corridas de cavalos realizadas pelo Jockey Club Cearense. Toda essa regulamentação dos esportes, bem como a imprensa os noticiando, contribuíram para a consolidação dessas atividades inseridas nas transformações urbanas naquele momento.

A análise de Elias e Dunning (1992) nos ajudam a entender as funções das atividades realizadas em tempos disponíveis, como os esportes e os lazers. Em *A Busca da Excitação*,³¹ os referidos autores nos explicam que as atividades que trazem uma espécie de prazer e de tensão agradáveis são necessárias para uma sociedade que começa experimentar uma mudança na rotina do seu cotidiano. O tópico três desse capítulo procura refletir em torno dessa teoria sobre o processo civilizador e como a busca da excitação é elemento importante para esse processo. Para os autores, as atividades de lazer trazem em sua constituição elementos de atração para que os sujeitos as pratiquem. Nesse sentido, Norbert Elias entende que as atividades de lazer não se constituem em decorrência do trabalho ou servem para o alívio das tensões que ele causa. Para o autor, o lazer desenvolve elementos próprios de tensão que são buscados em momentos de tempos disponíveis. A atração pelo jogo, a preferência por atividades esportivas e busca por sociabilidades são ações que fazem parte do espírito lúdico dos sujeitos.

Mais uma vez é nos jornais que encontramos algumas proibições sobre jogos desenvolvido no meio urbano de Fortaleza. Enquanto as atividades esportivas realizadas num espaço próprio ou num horário fora do tempo de trabalho eram incentivadas, os jogos de rua, considerados ilícitos, eram combatidos pelas autoridades. Isso nos permite

³¹ Os autores reivindicam uma teoria do lazer que possibilite o seu estudo como eixo central. O campo do lazer, para esses autores, é entendido como um espaço onde se buscam emoções controladas. Nesta obra, elaboram estudos que dizem respeito à busca da excitação, desenvolvimento do esporte, sobre a violência, entre outros.

compreender que, mesmo com todo o esforço da imprensa e das classes dirigentes para implementar lazers modernos e sadios para a população, esse processo não se concretiza de forma homogênea. É através das formas de repressão realizadas pelo aparato policial que percebemos que os jogos de rua, as brincadeiras nas praças e cafés também atraíam um público. E esse público não “respeitava” os horários de não trabalho. As apostas e os jogos se realizavam em momentos em que muitos poderiam estar trabalhando. Para Elias, essa busca por atividades que trazem uma espécie de tensão faz parte da necessidade de renovação emocional, fundamental para o momento em que o autocontrole passa a fazer parte de um contexto social.

É no entendimento da teoria do Processo de Civilização, de Norbert Elias, que entendemos ao mesmo tempo essa Busca da Excitação, realizada através das atividades de esporte e de lazer, e também esse controle das emoções, imprescindíveis para a constituição do “mundo civilizado”. De acordo com alguns autores, foi em meio àquelas transformações sociais mais efetivas que Fortaleza passou a experimentar um processo de controle e desaprovação sobre os comportamentos. Assim, desenvolveu-se um controle externo e um autocontrole interno nos sujeitos. Esse autocontrole, para Elias (1992), é um dos elementos do Processo de Civilização, e essas restrições passam a fazer parte da natureza do ser humano. A organização desse tópico nos permitirá entender as atividades de lazer e de esporte se moldando para cumprir novas funções sociais. As atividades de tempo liberado, dentro das quais se situam os lazers e os esportes são analisadas assim, longe da ideia hegemônica que as colocam como auxiliar do mundo do trabalho. A teoria elisiana nos permite perceber e analisar, ao longo do terceiro capítulo, como essas atividades de lazer e tempo livre foram parte da construção de um espaço onde as emoções, que aos poucos pararam de fazer parte do cotidiano, tivessem um espaço próprio para serem experimentadas.

4.1 No tempo livre: O que fazer?

“Supremo encanto de Fortaleza”: é dessa forma que se inicia o texto publicado na segunda metade da década de 1920, e nos mostra uma entre tantas outras maneiras como era adjetivada a Praia de Iracema. Desta vez o texto que aparece em uma revista

que circulou em Fortaleza no ano de 1926³², repleta de ilustrações e pequenas notícias, é interessante para que se tenha, principalmente, um retrato das sociabilidades da Fortaleza daquele início do século XX. Também podemos observar qual o desejo da imprensa ao retratar a cidade em suas páginas daquela forma. Com isso, jornais com as suas notícias e seus colunistas, assim como as revistas ilustradas com suas fotografias e textos nos dão uma perspectiva dos comportamentos de uma parte dos sujeitos que se empenhava em desfrutar da vida social na cidade. Além disso, nos mostra como uma classe dirigente procurava impor formas, as que julgavam corretas, de usufruir os tempos disponíveis. Ponte ao analisar as revistas que circulavam em Fortaleza no período coloca que,

“Tanto a Ba-ta-clan como a Jandaia, revistas voltadas para a celebração do mundanismo elegante, e por isso mesmo, preocupadas com a assepsia e conforto urbanos, também não deixaram de problematizar a Capital em termos de saneamento, saúde e segurança pública. O considerável número de matérias sobre tais assuntos evidencia a centralidade dessas questões e reforça a feição urbano-civilizatória dos dois periódicos.” (PONTE, 2010, p. 172)

Para que a revista, prestes a circular, recebesse a atenção do público, alguns anúncios foram veiculados informando aos leitores sobre a nova publicação. No dia 05 de Julho de 1926, o Jornal *O Diário do Ceará*, traz em uma de suas páginas a notícia sobre a Revista *Ba-ta-clan*, que passava a circular na cidade naquele ano. A notícia assim trazia a novidade:

“Ba-ta-clan

Sob a direção de Mr. Butterfly, nome amplamente conhecido na imprensa diária como cronista elegante e secretariado por d. Casmurro, circulou sábado o número primeiro de uma nova revista social denominada <Ba-ta-clan>, ilustrada pelo lápis do apreciado artista Queiroz.

É de propriedade da Empresa Cearense de Annuncios.

É uma publicação interessante, ao sabor do nosso meio elegante e que está fadada a vasta popularidade. Assim effectivamente desejamos.” (REVISTA BA-TA-CLAN, 1926).

Esse texto intitulado “Praia de Iracema”, destaca essa Praia como um local propício da cidade a ser usufruído em diversos momentos do dia, corroborando a ideia

³² Revista Ilustrada que circulou em Fortaleza na década de 1920, e era destinada ao público feminino. Encontram-se disponíveis na Biblioteca Pública Menezes Pimentel os números de 1 a 19, editados entre os meses de julho a dezembro de 1926. A revista era produzida em Fortaleza pela Empresa Cearense de Annuncios, com sua sede na Praça do Ferreira.

contida no Guia da Cidade de Fortaleza, citado no segundo capítulo desse trabalho, e que coloca a praia como um local de sociabilidade e de entretenimento. Através do texto podemos perceber uma série de costumes que estavam em voga: a praia servia para o passeio de “curiosos” ou atraía os banhistas, mas que também era local de “descanso”.

Supremo encanto de Fortaleza!...

Esbatida de luz e estuante de vida e de beleza, pelo tumultuar da elegância que percorre em brincos e passeios, desde que rompe o sol até que o luar, todo, se derrame sobre a terra, envolvendo-a em branda e cariciosa luminosidade, a Praia de Iracema vibra na mais intensa efervescência pelos dias e noites de verão como suave refrigério da canícula e dilecto refugio da poesia.

Animada pelo prestígio da alegria ambiente em que se desborda a alma feliz da multidão, refeita do cansaço da labuta cotidiana, extrema-se em sorrisos de bondade, ao perpassar dos curiosos e banhistas, confundindo-se num mesmo e doce regozijo (REVISTA BA-TA-CLAN, 1926).

Podemos destacar, no primeiro trecho do texto, a forma como era incentivado o passeio na praia. Ao mesmo tempo em que se podiam observar comportamentos, o autor, ou a autora sugeria novas formas de sociabilidade. Aquele local aparece como um espaço propício para descansar “do cansaço da labuta”. Podemos notar que, nesse trecho, o lazer é colocado como uma atividade oposta ao trabalho; que seria interessante que fosse praticado em momentos de descanso quando os trabalhadores pudessem ser compensados pelo trabalho árduo de alguma forma, como, por exemplo, por meio da contemplação de uma praia ou do banho de mar.

Em outro trecho, destacamos a forma poética como a Praia é descrita: de uma maneira singela, através de uma metáfora do corpo feminino, onde as pessoas possam ser acolhidas e sentir prazeres que só um período de repouso poderia oferecer. O texto continua:

Parece até que o mar já não entoa o seu eterno refrão de maguas, e, antes num ésto ardente, canta um hymno de glória à deusa do prazer.

E as ondas revestidas das gazes das espumas bailam bailados plenos de vivacidade, rythmando os passos leves da choréa com vozes vindas do coração do oceano.

A ouvi-las, como as sereias mythologicas, quem lhes resiste ao delicioso apello?...

Nem há senão correr ao encontro delas, braços abertos para um grande abraço, e, atingindo-as, finalmente aperta-las, num frêmito de gozo e de volúpia, numa deliciosa sensação de suave reconforto aos nervos alquebrados pelo trabalho, ou pelas fortes vibrações do espírito.

E repousados ambos – cérebro e corpo – do excesso e da fadiga, aos embalos dulcíssimos das vagas acolhedoras e carinhosas, como as deusas da lenda encantadora, que inspirador, então, nos não parece, cada vez mais o

irresistível encantamento do mar e da nossa praia, plena de vida e de esplendor, rebrilhante de sol ou batida de luar!
 - Maravilha da natureza! Supremo encanto de Fortaleza, ó deliciosa Praia de Iracema! (REVISTA BATACLAN, 1926).

A partir desse texto é possível identificar que existia, por parte das classes que estavam procurando escrever sobre a cidade, uma tentativa de colocar o trabalho como atividade principal no seio daquela sociedade. A partir dessa contextualização, o lazer se constituía como atividade secundária. É interessante entendermos as práticas de lazer numa constante construção. Essas atividades, enquanto são construídas, vão sofrendo influências e tentando modificar as realidades em que se gestam. Esse processo se dá no contexto de cada sociedade em que elas são geradas. Os comportamentos se transformam juntamente com a cidade e vice-versa.

Naquele momento, nos anos 1920, a população de Fortaleza já estava próxima de chegar aos 100 mil habitantes; crescia em estrutura urbana além do contingente populacional. “Cresceram o fluxo de pedestres, de pobres e de delitos”. (PONTE, 2006, p. 78) Para além daquelas reformas urbanas retratadas nos capítulos anteriores, era necessário agora outro tipo de reforma, no caso, a educação dos corpos no meio urbano. Foi nesse contexto que Sebastião Rogério observou uma série de transformações, onde Fortaleza

Com o centro atribulado com a aglomeração de gente, carros, barulhos e tensões, as elites se transferiram para áreas mais tranquilas, rumando sobretudo para o litoral leste, uma vez que nos anos 20 o banho de mar ganha status de lazer. Os poderes municipais abriram avenidas, pavimentaram ruas e fizeram mais calçadas para dar vazão ao trânsito. Foi preciso redesenhar as praças centrais cujas dimensões e amplos jardins gradeados emperravam a movimentação de pedestres e carros (PONTE, 2006, p. 78).

Esse processo ocorre como uma espécie de continuidade às transformações ocorridas desde a segunda metade do século XIX. É nesse constante ajustamento de corpos que a cidade permanece em transformação intensa. É nesse cotidiano que se desenrolam as tramas e onde as práticas urbanas se sobressaem, construindo as identidades da cidade. Para Sebastião Rogério, o momento não foi mais de tantas transformações físicas. Para o autor, “[...] a ordem a partir de então não era mais civilizar a capital a todo custo e sim organizar racionalmente os espaços para disciplinar a intensificação dos fluxos urbanos” (PONTE, 2006, p. 78).

As pesquisas em jornais, revistas e literatura elaborada por memorialistas sobre a cidade de Fortaleza, nos oferecem um panorama de como estavam se constituindo as atividades de lazer e tempo livre naquele nas primeiras décadas do século XX. Os passeios ao ar livre, além de terem se tornado possíveis graças às novas configurações urbanas que ocorriam na cidade desde as últimas décadas do século XIX, também passaram a ser estimulados por médicos locais. No fim do século XIX, os momentos de lazer das classes mais abastadas se davam em espaços como as praças e os parques e passaram a ser vistos pelos médicos como necessários à saúde. Segundo Sebastião Ponte, os saberes médicos passaram a estimular os passeios à medida que condenavam o sedentarismo. Principalmente às mulheres era dirigido o conselho médico que indicavam “o movimento e o exercício como medidas indispensáveis à saúde”. Para o autor, todo esse processo fazia parte de uma “cruzada médico-social, então muito vigente nas principais cidades brasileiras, e que se colocava a favor de uma nova ordem urbano-civilizatória, mas contra seus “excessos”. (PONTE, 2012, p. 64)

Partidas de futebol, corridas de cavalo, lutas de boxe surgiam, com suas competições, nas páginas dos jornais em circulação na cidade. *O Nordeste*, *O Diário do Ceará* constantemente tinha suas páginas preenchidas com placares, com relatos de excursões de equipes de Futebol e com notícias sobre a organização de campeonatos, que eram bastante diversos. Muitas vezes os jornais traziam debates sobre os problemas que ocorriam em equipes que tentavam se organizar para as competições.

Podemos citar como exemplo desse processo de esportização a notícia veiculada no jornal *O Nordeste*, de 27 de novembro de 1928, intitulada de “O Fortaleza, vítima do TURF”:

“Corre insistentemente o boato de que no seio do “Fortaleza” reina o mais completo desanimo.

Os jogadores do tri-campeão da cidade alegam que a directoria do tricolor desapareceu por completo.

Todas as vezes que começa a temporada hípica, o “Fortaleza” passa serias privações, porque os seus dirigentes se voltam todos para as corridas de cavalos.

Em 1924, o tricolor contou somente com os seus jogadores para levantar o campeonato.

O anno passado, se não fora o dissolvimento do “Maranguape”, o “Fortaleza” não tinha tomado parte no campeonato, porque estava desfalcado de todos os recursos esportivos. Jogou até o meio do campeonato com as camisas dos maranguapenses.

Actualmente reina a mesma falta de recursos, segundo dizem, porque o “Fortaleza” é um victima do “turf”.

OS JOGADORES DO FORTALEZA VÃO TRATAR de ASSUMPTO IMPORTANTE

Amanhã à noite reunir-se-ão na casa do “sportsman” Moacir Machado, os jogadores do Fortaleza, tri-campeão da cidade. Sobre essa reunião correm várias versões. Dizem uns que os tricolores estão dispostos a fazer o que já fizeram em 1924: levantar o campeonato independente da diretoria.

Trataremos brevemente do assumpto, logo que para isso estejamos munidos de dados comprobatórios.” (O NORDESTE, 1928).

Esse tipo de notícia é interessante para que possamos perceber de que forma os esportes estavam se constituindo na cidade. Mesmo os clubes de futebol que tinham uma diretoria e participavam de campeonatos realizados por uma associação passavam por dificuldades em sua organização. Aos jornais cabia noticiar essas questões ao mesmo tempo em que criticavam a desorganização dos clubes. Ao mesmo tempo, essas notícias mostravam outras atividades esportivas acontecendo na cidade, como as corridas de cavalo (“turf”) e como os calendários das atividades das competições estavam organizados. As notícias dos jornais, por mais que trouxessem como foco as competições esportivas, acabavam por falar sobre o público para essas atividades. Pois era para o público e para os torcedores, a quem interessavam, principalmente, aquelas notícias.

Essa mudança de panorama a respeito do incentivo às práticas esportivas se configura em um momento em que, com o crescimento da cidade e também com o aumento da população, os modos de se portar no meio urbano e de vivenciá-lo também se transformavam. Instauravam-se novas maneiras de desfrutar os espaços públicos e as rodas de calçadas na frente das casas não eram os únicos locais propícios às vivências. Em fotografias das praças da cidade, ou das ruas principais de Fortaleza, podemos observar uma grande quantidade de encontros dos sujeitos. Nas fotografias, como as que fazem parte do Arquivo Nirez e que estão presentes em almanaques ou livros como *Ah, Fortaleza!*, podemos observar os bondes e suas linhas, que percorriam os caminhos para o trabalho e para os locais de sociabilidade. As praças, com um comércio crescente se estabelecendo nos seus arredores, surgiam e eram remodeladas pelos poderes públicos. O intuito era que esses locais se apresentassem propícios à sociabilidade que aos poucos se tornava pública.

Uma classe dirigente agia nesse contínuo processo de reformulação do meio urbano. Muitas vezes o seu “projeto” esbarrava nas práticas de trabalhadores, ou simplesmente na cultura popular. Essas camadas mais populares da cidade, morando em

bairros mais afastados do centro ou não, nem sempre se enquadravam nos costumes desejados pelas elites. A análise das transformações sob a ótica do usufruto dos tempos livres nos permite perceber quais os discursos produzidos em torno dessas atividades; como essas eram vistas tanto pelas elites como pelos mais pobres; e, principalmente, quais eram os valores atribuídos às atividades de tempo livre e de lazer naquele momento. Assim, algumas questões surgem quando começamos a entender esse contexto específico de transformações. Naquele momento, em Fortaleza, a construção dos tempos livres se constituía por quais motivos? O que significavam socialmente as práticas sociais nos tempos disponíveis? Quais as influências para a transformação dessas práticas?

Para entendê-las é necessário superar a forma de análise que coloca o lazer como uma prática auxiliar ao mundo do trabalho. Dessa maneira, o foco principal do estudo passa a ser o meio em que essas práticas de tempo disponíveis estavam sendo gestadas. Os dois capítulos anteriores foram interessantes para podermos estabelecer algumas características do contexto da Fortaleza do início do século XX. Assim, vimos uma cidade em crescimento, em transformação tanto do meio físico quanto em seus costumes; que sofria influências tanto de seus próprios moradores como dos migrantes vindos do interior do estado, de outras grandes cidades brasileiras e até mesmo de outros países. Vimos novidades, como o cinema, os bondes e o aumento do comércio influenciando nas temporalidades da cidade e nos seus costumes. E, dentro desse contexto vimos algumas atividades de tempos disponíveis surgirem, outras se transformarem e outras terem seus usos aumentados ou diminuídos. Os autores Souza Neto e Mayor (2014), compreendem que essas práticas de tempos disponíveis eram transformadas no sentido de se diferenciarem:

Assim, os modos de se divertir vão se redimensionando na perspectiva de abrigar práticas diferenciadas, notadamente ligadas à vertigem e à exposição pública. Os esportes se tornam, sobremaneira, um emblemático mecanismo de pertencimento a este novo modelo de convivência social, ainda que atrelado a um grupo distintivo (SOUZA NETO; MAYOR, 2014, p. 162).

Nos discursos oficiais de uma classe mais abastada, principalmente os que eram divulgados na imprensa escrita, percebemos uma visão das práticas de tempo livre que está sempre atrelada ao mundo do trabalho. Essa forma de descrição e interpretação nos permite compreender qual a função social do lazer desejada por esses setores da

sociedade. Os textos que observamos, como o retirado da Revista *Ba-ta-clan*, nos permitem compreender uma série de discursos que tendiam a colocar o trabalho como valor principal da sociedade. Assim, o lazer surgia naquele contexto, como uma espécie de válvula de escape para os períodos de labuta. O fato de se mencionar tal surgimento não significa que outras formas de lazer não eram existentes antes desse momento na cidade de Fortaleza. Na verdade, nossa intenção é sugerir um entendimento de que os valores e as configurações em torno dessa atividade se transformaram consideravelmente naquele momento.

Aquele lazer também precisava ser controlado e disciplinado, semelhante à forma de controle exercida sobre o mundo do trabalho e o meio social, pois, no período específico, o objetivo era cada vez mais disciplinar as atividades ocorridas no meio urbano, como nos explicou Sebastião Rogério Ponte (2010). Esse discurso, que mostrava a forma de visão de uma classe dominante, não pode ser assumido como hegemônico ou mesmo como um entendimento de todos os sujeitos sobre o lazer. Mas, através desses textos que saíam na imprensa, observamos quais setores sociais estavam interessados nessas práticas e que valores esses setores construíam sobre elas.

É necessário, portanto, conhecer como era apresentado e valorizado o trabalho para compreendermos, como era também apresentado e valorizado o lazer e quais os que eram aceitos nos tempos disponíveis e, por consequência, os que eram buscados pelos sujeitos ao praticarem essas atividades. Dias (2014) entende que se pode observar no Brasil, principalmente a partir do século XVIII, a ocorrência de diversas práticas de lazer, e que a partir desse momento passa a existir “[...] um processo de construção social do lazer” (DIAS, 2014, p. 52). Muitos estudos sobre o lazer no Brasil tendem a colocar as nossas práticas a reboque, ou como cópias das ideias e das práticas de tempo livre vindas da Europa. Esse tipo de pensamento é insuficiente para perceber as especificidades de um processo de construção de uma prática social, pois associar o lazer praticado no Brasil no início do século XX a uma forma de lazer praticada na França, por exemplo, é perpetuar a ideia de um atraso das nossas práticas, ou mesmo ficar num constante apontamento de falhas ou de faltas, ao comparar nosso lazer com o europeu ou o estadunidense, por exemplo. (DIAS, 2014, p. 52)

As influências que sofriam aqueles que escreviam ou elaboravam ideias sobre os lazeres naquele período poderiam até vir do continente europeu, mas a nossa forma de análise não pode entender os lazeres praticados em Fortaleza como simples influência, cópia ou consequência daqueles praticados em outro continente ou outras cidades. Por isso, é interessante perceber os lazeres locais nas especificidades de suas constituições. O trabalho, nesse contexto de transformações do início do século XX, tendia a ser apresentado como fonte de virtude. Era um elemento da modernidade e do progresso desejado pelas elites. Dentro dessa perspectiva de valorização do trabalho, estava aberto o caminho para se condenar o ócio, principalmente o inútil. Era esse tipo de ócio que estava mais propício a ser contaminado pelos vícios da bebida e da vagabundagem. Outro alvo combatido por esse tipo de pensamento eram os “divertimentos ilícitos”.

As páginas dos jornais e revistas deixavam transparecer a forma como eram valorizado o trabalho e condenadas a práticas ociosas, e tal projeto não acontecia somente em Fortaleza, mas em outras cidades brasileiras, como por exemplo o Rio de Janeiro. Sebastião Rogério Ponte observou esse processo sob o prisma do embelezamento e do enquadramento de Fortaleza sob o modelo de uma *belle époque* Francesa. Todavia, por trás desse projeto de aformoseamento estava também ocorrendo o controle dos corpos e a valorização do mundo do trabalho, e, como consequência, a condenação das práticas ociosas.

As preocupações das elites recaíam, principalmente, sobre os tempos desocupados, que apareciam naquele contexto, como possibilidade de subversão. Era uma espécie de ameaça à ordem vigente que se preocupava em empreender um projeto modernizante para a sociedade. Para Marinho (2010) e Pimentel (2010), é nesse momento que o pensamento das classes dirigentes e das elites brasileiras entram no caminho de uma racionalidade moderna; assim, essa racionalidade e a lógica produtiva capitalista tendem a se tornar hegemônicas no pensamento das elites dirigentes (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 20).

De acordo com essa forma de análise, as práticas de lazer e o ócio passam por transformações, adquirindo, valores positivos ou negativos. Para falarmos especificamente do ócio, é necessário entender que essa prática foi carregada de valores negativos, conforme falamos anteriormente, principalmente quando o seu usufruto se

dava por setores mais carentes da sociedade, as chamadas classes perigosas. Para a autora, na transição do século XIX para o XX o lazer veio a ser concebido como um conjunto de atividades lúdicas, no sentido de preencher o tempo livre (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 24).

Para esses autores, dois momentos podem representar o pensamento das classes dirigentes brasileiras em relação aos trabalhadores e suas atividades de tempo disponíveis; não somente aos trabalhadores, mas a qualquer sujeito que viesse a fazer parte daquele meio urbano, como imigrantes, crianças, mendigos etc. O primeiro momento seria o do crescimento das cidades, como já explicamos nos capítulos anteriores. Nesse sentido, seria interessante, como papel dessas classes abastadas, “[...] educar os corpos rudes rurais, tornando-os corpos urbanos disciplinados” (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 25). O segundo momento representou o esforço dessas elites para “[...] uma conformação e um delineamento do proletariado como classe social presente” no meio urbano (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 25). Para a autora, esse processo “[...] visava manter os trabalhadores ocupados em atividades divertidas, consideradas moralmente adequadas” (MARINHO; PIMENTEL, 2010, p. 25). Ou, como a autora explica, a intenção por trás desse processo era manter os trabalhadores longe do vício e do movimento sindical, que começava a crescer.

Restava às elites atribuir valores às atividades de lazer; fazer propaganda de locais da cidade propícios ao bom lazer, e, com isso, tentar instaurar novos costumes e práticas no meio daquela sociedade em constantes mudanças. Portanto, é nesse contexto que nos interessa perceber as ações de uma classe dirigente e a forma como ela valorizava o lazer, e também qual a relação com o trabalho. Entendemos que o momento histórico em que se encontra o foco desse estudo, ou seja, nas primeiras décadas do século XX, esses imaginários sobre o lazer e o tempo livre estavam em transformação. Ao mesmo tempo em que a elite fortalezense se encantava com suas novas possibilidades de aproveitar os tempos disponíveis, e buscava disciplinar esses divertimentos, encontramos nesse meio urbano uma série de sujeitos que definiam, a sua preferência naquele leque de opções de lazer.

No início do capítulo destacamos a praia e a forma como ela era vista por alguns articulistas das revistas que tratavam do cotidiano da cidade. Aquele espaço começou a

se tornar socialmente praticável nos anos 1920, quando novas modas e costumes passaram a fazer parte do meio urbano. Junto com essas inovações tecnológicas, as noções de higiene também começam a ser disseminadas. Os banhos de mar, e até mesmo a brisa da praia muitas vezes eram indicados para o tratamento de problemas de saúde. Sevcenko coloca que “[...] essa ética da limpeza, saúde e beleza se torna contrapartida do amplo processo de industrialização, com seus efeitos de poluição, toxidez, deslocamentos e migrações forçadas” (SEVCENKO, 1998, p. 574).

Gisafran Nazareno Mota Jucá, entende que as opções de lazer cresciam desde o século XIX na cidade de Fortaleza, no entanto essas opções para o lazer ainda se encontravam bastante limitadas. É na literatura que o autor percebe uma narrativa a respeito dessas formas de lazer. Gustavo Barroso é um dos autores dos quais Jucá (2011) utiliza-se para conhecer a respeito dos espaços de lazer, ainda no século XIX. Para Gisafran aos poucos a praia servia de usufruto para os lazeres, e os corpos ainda buscavam uma melhor adaptação àqueles novos costumes. Os comportamentos naqueles espaços necessitavam de aprovação social, tendo ainda que passar pelo crivo da própria família. O autor explica que

“O momento era propício a alguns namoros, mas sob atenciosos cuidados, porque pais e irmãos vigiavam com atenção as mulheres. Nem sempre os contatos eram fortuitos, mas deviam obedecer a um minucioso roteiro, pois de acordo com a tradição da época os homens eram obrigados a tomar banho separados das mulheres, “que usavam sunga da baeta grossa, geralmente vermelha, as mangas chegando aos punhos, as calças descendo até os tornozelos e a gola afogando o pescoço. Não se via, afora a cabeça, as mãos e os pés, um tico de carne”. (JUCÁ, 2011, p. 73)

As fotografias da década de 1920 já nos apresentam um panorama bem diferenciado deste apresentado por Gisafran através dos relatos de Gustavo Barroso sobre o século XIX. A comparação é propícia como exemplo, pois, a praia nas primeiras décadas do século XX se apresenta como um local bem mais plural para as práticas dos lazeres na cidade de Fortaleza.

Figura 3 – Mulheres na praia. Ao fundo, a “Ponte Velha”



Fonte: Ah, Fortaleza! (Arquivo Pessoal, 2006, p. 78.)

Como esses locais aos poucos recebiam um número maior de frequentadores, os articulistas dos periódicos da cidade empenhavam-se em influenciar sobre seus costumes. As revistas traziam anúncios também desses lugares e espaços que surgiam na cidade. Na Revista Ba-ta-clan podiam ser encontrados diversos anúncios, como, por exemplo:

Figura 4- Anúncio Restaurante Beira-Mar



Fonte: BA-TA-CLAN, 1926

As revistas e os jornais serviram como veículos disseminadores daqueles novos costumes. Os eventos que mais atraíam as atenções eram os que recebiam número grande de participantes, como quermesses, passeios pela manhã, missas, jogos de

futebol e a própria praia. Eram locais que atraíam curiosos e pessoas com interesse de “também de convergir para onde se encontravam outras pessoas em idêntico estado de excitação emocional e pouca disposição para ceder a controles externos ou internos.” (SEVCENKO, 1998, p. 563). De certa forma, as pessoas buscavam se deslocar para locais onde se reunissem bastante curiosos e praticantes. Onde se compartilhavam novos costumes e novas modas. Sevecenko entende que

Nesse complexo sistema articulado pelas noções básicas de limpeza, saúde e beleza, o símbolo central era sem dúvida a imagem do corpo humano, utilizado intensamente pela publicidade comercial ou pela oficial, apresentado em geral semidespido, jovem, saudável, atlético e impoluto. Desde o fim da grande guerra as tendências de moda são para roupas leves e esportivas, caindo com naturalidade, sem cintos ou constrictões, de maneira a ressaltar as formas da anatomia e textura da pele. Nesse contexto o esporte, e tudo o que traga as suas conotações, se torna de fato um dos códigos mais expressivos para estabelecer signos de distinção social (SEVCENKO, 1998, p. 575).

Podemos perceber através da figura abaixo como setores da imprensa buscavam retratar essas novas modas e esses costumes. Nesse caso específico, o costume de frequentar a praia.

Figura 5 – Desenho: “mulher saltando no mar”



Fonte: (BA-TA-CLAN, 1926), anno I, número 13, 1926

A figura feminina acima se enquadrava no contexto dessas novidades que as revistas e os jornais procuravam disseminar. Podemos até mesmo destacar a ideia de movimento que o desenho passa, como se a banhista estivesse pronta para saltar no mar. A figura feminina e o modo como está retratada vai se articular ao que explica Nicolau Sevcenko na citação anterior. As revistas e jornais se empreendiam em gestar novos comportamentos, mas isso não quer dizer que todos os setores da população absorvessem esse processo de forma homogênea.

A modernidade, afinal de contas, chegava diferente em proporções imensamente desiguais, mas atingia a todos. O que cada um faria com o que obtivesse era um novo fator aleatório e estranhamente imprevisível. Os perfis começam a ficar enevoados e os papéis a se embaralhar. O fato é que as populações excluídas aos poucos vão se apercebendo de que é possível dispor de elementos dessa modernidade para reforçar as características de infixidez, jogo e reajustamentos constantes, que sempre lhes garantiram maiores oportunidades no confronto social, mas que precisamente as novas políticas de controle, segregação e cerceamento das cidades planejadas procuravam tolher (SEVCENKO, 1998, p. 611).

Mesmo que as populações excluídas se apercebessem desse processo e partissem para uma inserir-se nele, ao seu modo, para as elites cabia enxerga-lo sob outra ótica. Portanto, para a classe dominante, esse processo de inserção dos diversos setores sociais no mundo dos divertimentos e dos tempos disponíveis estava diretamente ligado à lógica capitalista civilizadora. Dessa forma, as camadas mais baixas da população precisavam, na visão das elites, se enquadrar nesse novo mundo do trabalho que surgia, bem como nas novas formas de divertimentos. As idas à praia na década de 1920 já eram práticas comuns e se enquadravam como novas formas de divertimentos. Os álbuns das famílias nos oferecem indícios de como aqueles sujeitos buscavam a praia como um espaço de convivência e sociabilidade. A imprensa buscava estimular a convivência nesses locais com a divulgação dos espaços, como nos textos das revistas e jornais. Buscava também divulgar as maneiras de se portar e também se vestir.

Figura 6 – Mulheres na Praia



Fonte: Ah, Fortaleza!, 2006, p. 78

Não é percorrendo o caminho da literatura sociológica clássica que Norbert Elias e Eric Dunning³³ buscam a sua interpretação em torno do lazer. A literatura clássica tende a analisar as atividades produtivas economicamente como centrais no seio da sociedade e na vida dos sujeitos, e o lazer como atividade complementar em relação ao mundo do trabalho. Esse tipo de análise clássica, que acabou conseguindo mais adeptos em diversas partes do mundo, trabalha sob uma ótica que entende o lazer como um meio para que se diminuam as tensões ou se aliviem as fadigas do trabalho e o tempo para as atividades de lazer se configura também de acordo com uma melhor definição do campo trabalho.

Elias e Dunning (1992) já compreendem esse fenômeno de outra forma, o que acaba ampliando as possibilidades de pesquisa em torno dessas atividades. Para os autores, o lazer precisa ser entendido como um fenômeno social por direito próprio. Assim, os sujeitos se interessam pelas atividades de lazer não com um intuito secundário para além da própria atividade, como o alívio de tensão, por exemplo. Outra questão é que as atividades de lazer surgem numa configuração, juntamente com outras atividades de não lazer. Essas atividades de lazer e de não lazer são interdependentes

³³ Busquei o entendimento de Literatura Clássica do Lazer, como a literatura que se apoia nas teorias de Joffre Dumazedier (2008) para elaborar suas teses. A concepção do lazer se dá, nesse entendimento, como um fenômeno pertencente ao mundo moderno, principalmente após a Revolução Industrial.

entre si. Isso quer dizer que não se encontram subordinadas a nenhuma outra. Além disso, é no contexto dessa interdependência entre as atividades que é interessante verificarmos os meios onde estavam sendo gestadas. Por isso os autores dão demasiada importância às influências, internas ou externas, que essas atividades sofriam. Quais os motivos que faziam com que aquelas atividades surgissem e fossem praticadas? E o que significavam socialmente as práticas de algumas atividades no contexto em que elas estavam inseridas?

Para os autores, o que mais se leva em consideração na hora de escolher uma atividade é o interesse individual. As escolhas, portanto, passam pelo crivo e pela subjetividade do sujeito. As formas como as atividades são escolhidas podem ser entendidas se levarmos em conta o desejo pessoal, as experiências e as motivações de quem escolhe. Dessa maneira, na análise sobre das atividades na cidade de Fortaleza no início do século XX, foi importante a escolha, para melhor compreensão, de uma série de fenômenos que interferissem para que as atividades surgissem e fossem transformadas. Já foram citadas as mudanças urbanas, sociais e econômicas. Outro ponto destacado foi a forma como as temporalidades e as sensibilidades em relação aos tempos sociais que interferiram para que se ocupassem os novos tempos disponíveis para as atividades. O interesse agora é destacar as motivações, sensações e estímulos para a escolha e a prática através de determinadas atividades escolhidas naquele contexto.

A autora Christianne Luce Gomes compreende que o estudo da transição do século XIX para o XX é base para o entendimento da noção de lazer como um direito a ser usufruído por todos. As delimitações de jornadas de trabalho em diversas partes do mundo determinassem o estabelecimento, se não de leis, mas de alguns acordos trabalhistas, os quais propiciaram o surgimento de

[...] a noção de férias como compensação e como mudança necessária no curso da vida social. Isso permitiu a constituição do lazer não como um espaço de luta e de mobilização política, mas como quebra da rotina, alternando a organização temporal das atividades humanas como um todo (determinadas, sobretudo, em função do trabalho produtivo) (GOMES, 2008, p. 61).

Ocorreu, a seu ver, um processo de institucionalização do lazer. Todos os valores que cercam o mundo do trabalho, como pontualidade, velocidade, produção, por exemplo, passaram também a fazer parte do mundo do lazer. A forma de controle e

assimilação dos novos tempos sociais contribuíram para que se equacionassem também os tempos disponíveis. Surgiu, aos olhos da burguesia, o lazer como um tempo e um espaço onde era possível a participação dos diversos sujeitos em “atividades lúdicas consideradas pela burguesia, “lícitas, saudáveis e produtivas”. (GOMES, 2008, p. 62)

Para a autora,

Esse processo foi impulsionado por vários fatores, tais como a urbanização, o avanço tecnológico e industrial, a difusão da noção de tempo mecânico, o desenvolvimento do modo de produção capitalista e a concretização de projetos sociais, políticos e pedagógicos condizentes com os valores hegemônicos em cada momento histórico (GOMES, 2008, p. 62).

O processo estudado pela autora ocorre de forma diferente em diversos países. No Brasil, cidades como São Paulo e Rio de Janeiro têm servido, ultimamente, como vitrines, fontes de pesquisa e objetos para a observação da ocorrência desse fato. São três os que contribuem para que essas cidades apareçam como destaque: Abolição da Escravatura, Proclamação da República e chegada de um grande número de imigrantes para esses centros urbanos onde as transformações sociais e físicas nesses centros urbanos ocorreram de forma mais intensa. No entanto, esse processo, que de certa forma se globalizou, atingiu diversos países e cidades, deixando rastros e se reproduzindo de acordo com a especificidade de cada local e de cada realidade social.

Em Fortaleza, a burguesia tentava cada vez mais estabelecer o seu projeto de cidade em consonância com esses valores. Determinadas práticas sociais comumente observadas nos tempos livres passaram a ser combatidas, ao mesmo tempo em que outros tipos de atividade eram incentivadas e exaltadas. É esse tipo de divisão que ocorre quando muitos divertimentos são considerados como desviantes ou não tão bem vistas pelas autoridades. São sobretudo as atividades que relacionadas ao ócio, à “vagabundagem” e a alguma espécie de vício. A ida aos bares é uma dessas práticas. Através das análises de processos crimes pertencentes ao acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará, podemos constatar a quantidade de “ferimentos, homicídios e injúrias”. Entre os anos de 1910 e 1930 uma série de delitos ocorriam nos espaços dos bares, cabarés, praças ou casas de jogos da cidade de Fortaleza.³⁴

³⁴ O Fundo: Tribunal de Justiça sob os cuidados do Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC, traz uma série de Ações Criminais, ocorridas entre os anos de 1914 e 1930, divididas em Ferimentos, Homicídios, Injúrias.

Por outro lado, o “lazer conquistado” pelo trabalhador, visto com bons olhos pelas classes dirigentes, tornou-se um elemento complementar ao mundo do trabalho. Assim, essa espécie de lazer lícito, saudável e bem visto socialmente, “[...] acaba cumprindo funções de quebra da rotina, a compensação de frustrações, a fuga dos problemas e a recuperação das energias despendidas no exercício laboral” (GOMES, 2008, p. 63), e foi retratado no início desse tópico, quando citamos o texto da Revista *Ba-ta-clan*, que procurava instigar o leitor a aproveitar os seus momentos “fora do trabalho” para uma visita à Praia de Iracema.

A pesquisa historiográfica, ao se interessar por essa temática, precisa entender a ideia hegemônica que existia sobre as práticas de lazer e de tempo livre em determinado período. No entanto, esse discurso não pode ser tomado como o entendimento único que uma sociedade possuía sobre o lazer. Resta ao pesquisador perceber as tramas que estavam por trás desse processo e como cada segmento produzia a sua realidade baseada em vontades e desejos próprios. As elites buscavam instaurar o pensamento sobre o lazer, fazer mudanças sociais e urbanas projetar meios para a repressão daqueles divertimentos considerados ilícitos; elaboravam os discursos, reproduzir costumes e instaurar práticas sociais. Da mesma forma, a classe trabalhadora buscava praticar divertimentos de acordo com suas vontades e com a sua própria maneira de reinventar o cotidiano. Para o pensamento de Norbert Elias (1992), o mundo do trabalho não poderia ser tratado como superior em relação ao mundo do lazer. Ambos são gerados e transformados ao mesmo tempo na sociedade da qual fazem parte.

A possibilidade de sociabilidade ou de contatos sociais era um dos principais atrativos das práticas de tempo livre. Na cidade que se modernizava, as possibilidades de encontros sociais se estendiam em diversas práticas, tanto esportivas como culturais: nos passeios, praças ou praias e não apenas em calçadas das famílias. O cinema também surgia como espaço de encontro desejado pela elite, mas que servia a todas as classes sociais, uma vez que as classes de menos poder aquisitivo também subvertiam esses espaços de acordo com suas práticas. Isso incomodava as elites, principalmente no que concerne aos comportamentos. À elite restava a crítica, a tentativa de educar e, cada vez mais, estimular formas de comportamento civilizado.

Norbert Elias (1992) entende essa sociabilidade como uma das possibilidades de estímulos que atraem as pessoas ao lazer, e não se encontra ligada ao trabalho, podendo estar muitas vezes, de acordo com os autores, associada a alguma norma social. Observamos, no início do século XX, em Fortaleza, essas formas de sociabilidades mais ligadas a novas áreas da cidade em desenvolvimento. Ao mesmo tempo, eram estimuladas em jornais e revistas, como podemos observar no anúncio a seguir:

Figura 7 - Revista Ba-ta-clan, 1926



Fonte: (BA-TA-CLAN, 1926)

As chamadas “matinadas” eram passeios que aconteciam, nesse caso específico, no Passeio Público e atraíam em seu primeiro plano as classes mais abastadas da sociedade de Fortaleza. Geralmente ocorriam no início da manhã e logo após as missas. A revista procurava estimular esse tipo de passeio, retratando as famílias e grupos de moças e rapazes. Podemos perceber a prática do passeio, do andar e como ela estava relacionada a uma palavra em Inglês: o “footing” que “aportuguesado” cria o neologismo “footingando”. Ao mesmo tempo em que era passeio, no modo de ver da revista era uma prática associada a um país europeu e civilizado. Outro estímulo eram os concursos promovidos pela revista, como demonstrado na Figura 3

Figura 8 – Concursos Ba-ta-clan.

BA-TA-CLAN

Os grandes concursos DE Ba-ta-clan

Qual o mais sympathico rapaz, presente ao
Passeio Publico, na manhã de domingo, 10 de
Outubro de 1926?

Voto no Snr. _____

Pessoa que vota _____

Respondam á pergunta, acima, os leitores de "BA-TA-CLAN" e, simultaneamente, os frequentadores das matinadas domingueiras, no Passeio Publico, enviando os seus votos, até segunda-feira, ás 16 horas, á Redacção de "BA-TA-CLAN", á rua Major Facundo nº 167, onde todos poderão assistir, nessa data, á apuração deste original certamen.

Ao vencedor será entregue, domingo, 17 de Outubro, no Passeio Publico, ás 10 horas,

Uma elegante bengala
offerta da importante
"CASA MARIO CAMPOS"
como premio deste terceiro concurso de "BA-TA-CLAN".

- - - - -

NOTA: - Serão contados, englobadamente, os votos publicados em "BA-TA-CLAN" e os distribuidos no Passeio Publico.

Fonte: BA-TA-CLAN, 1926

Geralmente, a página com o espaço para votação do concurso promovido pela revista vinha ao lado das fotografias que retratavam os passeios nas domingueiras e matinadas do Passeio Público. A revista procurava alternar o concurso entre o “mais sympathico rapaz” e a mais “sympathica moça” presentes naquele espaço.

Através desses exemplos percebemos o dia de domingo se constituindo como propício às práticas de lazer, aos passeios e aos divertimentos. Para Elias e Dunning (1992), o prazer é um elemento essencial para estimular à prática dessas atividades. As sociabilidades estimuladas e praticadas naqueles tempos disponíveis se enquadravam como um desses componentes das novas experiências possíveis naquela urbanidade. A intenção final ao se praticar uma atividade estava contida na própria atividade. O contexto histórico naquele momento permitiu que diversas atividades de lazer surgissem e proporcionassem uma grande e diferente quantidade de estímulos. Para os autores,

[...] se as pessoas vão ao teatro, a um baile, a uma festa ou às corridas, é porque no lazer elas podem, tal como dissemos antes escolher como se ocupar de uma maneira que favoreça a experiência do prazer. Deste modo, o prazer, as perspectivas de um tipo específico de estimulação agradável, é um elemento essencial na estrutura social destas instituições, do teatro, da dança, das festas ou corridas e de todas as outras que forem mencionadas no decurso desta investigação (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 163).

Percebemos que as atividades de lazer e tempo livre cumprem diversas funções, dependendo de cada sociedade onde se desenvolve. Geralmente, em determinadas situações, uma função no pensamento hegemônico se sobressai em relação a outra. A ideia hegemônica do período trabalhado tendia a perceber o lazer como um momento onde se buscava aliviar as tensões decorrentes do mundo do trabalho. A sociologia e a historiografia, que buscam tratar das práticas de tempos liberados, em diversos momentos históricos tentaram entendê-las como auxiliares do mundo do trabalho, ou até como consequência da Revolução Industrial e do desenvolvimento do capitalismo. Norbert Elias (1992), além de procurar entender esses processos se desenvolvendo juntos, um como consequência do outro, percebe outras questões relacionadas à busca do lazer. Para o autor, as tensões são ingredientes normais da vida social, e com o lazer podemos observar a busca de uma tensão agradável. Para ele, a intenção dos sujeitos quando buscam uma atividade de lazer não é simplesmente o alívio de tensões, mas a busca por tensões específicas, geradas num contexto social e aceitas socialmente. No próximo tópico procuramos perceber o surgimento de algumas dessas práticas para a busca de tensões agradáveis, relacionadas principalmente ao mundo dos jogos e de algumas práticas esportivas que ganhavam cada vez mais destaque na cidade.

4.2 Civilização Esporte Clube

Através da análise de algumas práticas esportivas na cidade de Fortaleza e do seu crescimento nas primeiras décadas do século XX, analisaremos como essas ações contribuíram para as transformações de um contexto social e também se transformaram em um processo de mão dupla. Entendemos, para isso, que as práticas esportivas naquele contexto surgiram dentro das práticas de tempo liberado, colocando-se, assim, como uma das práticas de tempo livre. Dirigiremos o foco, portanto, para o entendimento da maneira como os sujeitos em Fortaleza, principalmente nos anos 1920,

utilizaram-se dos jogos esportivos, dos clubes, e das apostas para interagir socialmente e se inserir naquele contexto urbano. Mary del Priore e Victor Andrade de Melo explicam a importância do esporte como esfera da cultura e, assim, passível de mudança, com as influências externas, onde se transformam as motivações e a lógica das suas práticas. Os autores analisam

[...] o esporte como uma das mais importantes manifestações culturais do século XX. É um fenômeno tipicamente moderno, que tem a sua configuração articulada com todas as outras dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas: arquitetura, *modus vivendis*, nova dinâmica das cidades, aumento da presença dos meios de comunicações etc. A construção do ideário da modernidade, seus sentidos e significados, passa também pelas peculiaridades que adquiriu a prática esportiva no decorrer do tempo. As práticas corporais sempre fazem parte do patrimônio cultural de um povo, plenamente articuladas com uma cultura específica e sendo importantes ferramentas na construção de identidades: de classe, de gênero, de etnia, ligadas à construção da ideia de ‘nação’ (PRIORE; MELO, 2009, p. 12).

Os autores dão, assim, atenção especial, ao conjunto de práticas sociais que cercam as atividades esportivas. Para eles, a compreensão do desenvolvimento destas está inserida nas transformações urbanas, na construção de um ideário de modernidade e como essas atividades tornam-se patrimônio cultural dos sujeitos. Norbert Elias (1992) elabora uma teoria bem específica sobre as formas de lazer e os esportes. Assim, aparece como um dos autores que procura melhor analisar a forma como os desportos se constituem e se transformam em uma sociedade. Seguindo o entendimento desse autor e de o Eric Dunning (1992), nossa intenção é entender o “jogo”, inserindo-o no contexto das relações sociais. Portanto, em cada contexto, torna-se imprescindível, na pesquisa que trata das formas de lazer, perceber quais atividades eram “escolhidas” pelos fortalezenses. Para essa observação, no entendimento de Norbert Elias, é interessante ter a compreensão de que o lazer é a única esfera pública em que as decisões individuais podem ser tomadas conforme o prazer de cada um. É através dessa percepção que poderemos traçar uma espécie de panorama de algumas atividades de lazer e, quais as funções para os cidadãos naquele contexto histórico (ELIAS, 1992, p. 140).

Elias começa a sua análise sobre os desportos com o seguinte questionamento:

Que espécie de sociedade é esta onde cada vez mais pessoas utilizam parte do seu tempo de lazer na participação ou na assistência a estes confrontos não violentos de habilidades corporais a que chamamos de desporto? (ELIAS, 1992, p. 40)

O início do século XX foi um momento em que é possível observar o crescimento das atividades urbanas na cidade de Fortaleza. Era como se as sociabilidades estabelecidas nas salas das casas das famílias ou em seus quintais tivessem conseguido ultrapassar a porta principal da casa e ganhado a rua, que passa ser o local de atração onde as sociabilidades ocorriam, ou, como Sevcenko, explica “[...] uma extensão dos quintais e das salas” (SEVCENKO, 1998, p. 571). O “contrato com a lua”³⁵, prática comumente relatada como característica do século XIX, foi aos poucos esquecido. A saída de casa à noite não era mais tão datada e determinada pelo brilho do luar. A iluminação já permitia o “prolongamento do dia” e os passeios noturnos, mudavam alguns hábitos dos moradores da cidade. Foi devido a alguns destes fatos e a uma série de transformações urbanas que, nas primeiras décadas do século XX, esse processo de atividade urbana se intensificou.

Nossa reflexão sobre o esporte, o lazer e as práticas de tempo disponíveis nesse trabalho corrobora o pensamento de Elias, por entender que “[...] delimitar uma esfera de reflexão pela definição social de um objeto seria substituir um equívoco pelo outro” (GARRIGOU; LACROIX, 2010, p. 66). A nosso ver essa crítica do autor nos ajuda a compreender a “definição social do objeto” como um elemento a mais para problematizarmos sobre os tempos livres em cada contexto. Para isso, é interessante separarmos o que era a ideia hegemônica das práticas sociais. As ideias hegemônicas, principalmente das classes dominantes e elites econômicas, buscavam se impor naquele contexto; esses setores construíam diariamente o seu discurso que dominava revistas e jornais, por exemplo. Separando as atividades de tempo disponíveis desse discurso hegemônico e entendendo as práticas do dia a dia elaboradas nas horas de tempo livre, prosseguiremos problematizando e compreendendo historicamente esse contexto. Assim, é interessante que a análise pretendida percorra o caminho para a compreensão do lazer, assumindo e incorporando os valores do lazer na sociedade estudada e como esses valores podiam ser percebidos através das práticas, e não somente absorvendo os discursos hegemônicos.

³⁵ O citado “contrato” surgiu do hábito de não acender as luzes das ruas em noite de lua cheia. Segundo Antonio Luiz “costumava-se dizer que Fortaleza tinha um “contrato com a lua”, dada sua cumplicidade com a noite da capital. A eletricidade veio rescindir esse contrato.” (SILVA FILHO, 2002, p. 37)

Através dos jornais e revistas podemos compreender como aquele momento do pós-guerra, na década de 1920, foi importante para a constituição de novos ritmos sociais. Esses ritmos foram se constituindo devido a uma série de novos estímulos. A velocidade tornou-se um novo ingrediente daquela urbanidade em transformação. Era como se uma nova forma de civilização estivesse pronta para assumir as rédeas desses tempos velozes. Nicolau Sevcenko, utiliza uma expressão que procura resumir e explicar essas práticas:

Essa expressão ‘civilização esportiva’ portanto não deve ser entendida como se referindo exclusivamente à prática generalizada de diferentes modalidades de esporte, mas à generalização de uma ética do ativismo, a ideia de que é na ação e portanto no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano (SEVCENKO, 1998, p. 569).

Essa “civilização esportiva”, com toda a sua nova “ética do ativismo”, estava retratada nos jornais fortalezenses. Jogos de futebol, corridas de cavalo, lutas de boxe e notícias dos clubes saíam diariamente em periódicos, revelando um leque de atividades. Mostram que a cidade estava construindo seu próprio calendário de esportes. Isso constituía um ambiente próprio da prática esportiva tanto do mundo dos espectadores quanto como espetáculo, contribuindo para o lazer de uma grande plateia, que também é um dos elementos chaves desse processo.

Acompanhar o desenvolvimento dos esportes inserido naquele ambiente de reformas urbanas e sociais é imprescindível para que se elabore uma análise da transformação dos tempos sociais e, conseqüentemente, do tempo livre e de lazer. As possibilidades dos tempos sociais aos poucos iam aumentando e criando a necessidade de um calendário próprio que se desvincule daquele das festas profanas ou religiosos e aos poucos, constrói sua “autonomia e especificidade temporais” (VIGARELLO, 2001, p. 231).

Essa constituição de um tempo, de um calendário próprio, além de uma organização em de espaços específicos como os clubes, contribui para que o tempo do trabalho e o do lazer se especifique cada vez mais. Essa divisão não significa oposição. Entender dessa forma é ir de encontro ao pensamento de Norbert Elias, que observa essas atividades dentro de um mesmo processo de gestação ou transformação. Desta feita, o surgimento e a transformação de uma refletem-se na outra. É na ideia de opor o esporte e o lazer ao trabalho que observamos uma valorização tanto do mundo do lazer

como do mundo do trabalho. O modo como os tempos disponíveis foram vistos pelas classes dirigentes nos faz perceber essa constante tentativa de construção de valores tanto sobre o trabalho como sobre o lazer.

Vigarello (2001), ao observar a realidade europeia, explica que o homem dessa “civilização esportiva”, como prefere Sevcenko, “[...] não inventa as corridas de cavalos e nem a caça, evidentemente, nem um tempo particular para as suas práticas, mas dá-lhes, em compensação, uma outra finalidade pensando-as mais a partir da produção e do trabalho” (VIGARELLO, 2001, p. 235). Essa visão de Vigarello traduz, de certa forma, a maneira de pensar hegemônica que foi assumida pela sociologia e historiografia que tratam do esporte e do lazer, como no caso do Brasil. Entendemos que esse processo pode não ter sido tão intencional nas sociedades, como exposto pelo autor. É certo que esse discurso é, de alguma maneira, semelhante ao assumido por alguns jornais e revistas de Fortaleza no início do século XX. Resta-nos compreender a especificidade fortalezense na divisão para os tempos de atividades disponíveis e a relação desse processo com o mundo do trabalho.

O autor percebe a valorização das atividades de lazer como resultado de uma série de mudanças dos valores dessas atividades. Compreende que trabalho e lazer passaram a ter uma maior importância social. O trabalho como meio para se conseguir a sobrevivência; para se fazer útil nessa sociedade mais urbana, onde os valores capitalistas estão cada vez mais presentes. Para Vigarello (2001), essa forma de justificar o lazer em relação ao trabalho tem como resultado “[...] uma nova maneira de dividir o tempo” (VIGARELLO, 2001, p. 236). Para o autor, o que contribui para a instalação do tempo do lazer na sociedade é essa maior importância concedida tanto ao lazer quanto ao trabalho. Assim, ao explicar esse processo no século XIX, na França, Vigarello afirma que

[...] surge de maneira embrionária um dispositivo que instala um lazer: um tempo oposto ao do trabalho, muito além do tempo tradicional e pontual da festa, diferente também daquele que até então representava as férias, os espetáculos ou o carnaval (VIGARELLO, 2001, p. 236).

Os esportistas, os espectadores, o homem civilizado nessa “ética do ativismo”, que buscava se enquadrar nesse mundo de diferentes velocidades, são “reflexos dessa dupla valorização de um tempo produtivo e de um tempo de ruptura”, ou “[...] um tempo marcado pelas referências a uma lógica industrial: um tempo operatório e sempre

delimitado” (id.). A marcação e a divisão desse tempo poderiam ser percebidas através dos jornais na cidade de Fortaleza. Além de demonstrar o crescimento da importância dada ao lazer e ao esporte, a quantidade de notícias nos jornais relativas a vários tipos de atividades esportivas, demonstravam uma espécie de calendário próprio para as mesmas.

As tardes de domingo eram horários propícios para as corridas de cavalo organizadas pelo Jockey Club Cearense. A manchete na sessão de esporte do jornal *O Nordeste* do sábado informava sobre os páreos e os horários, das corridas que viriam a ocorrer no fim de semana.

Corridas no Jockey Club Cearense – O jogo de Futebol no Alagadiço
Para as corridas de hoje, no Jockey Club cearense, foram feitas vinte inscrições distribuídas e seis páreos.
Todos os animais estão em ótimas condições, tendo sido realizados treinamentos no hipódromo do Bemfica, onde se realizarão as corridas (*O NORDESTE*, 1928).

A notícia, então, continuava trazendo os nomes dos participantes e divisão e modalidade dos páreos: Combinação (700 metros), Velocidade (800 metros), Resistência (1.800 metros) e Experiência (800 metros). Além dessas informações, os jornais se preocupavam em trazer os valores das premiações. Continuando a sequência de notícias, os jornais também traziam comentários sobre as provas e os resultados. Assim, os periódicos dos dias seguintes, ao trazerem essas notícias, reproduziam uma espécie de calendário próprio e afirmavam a sequência de eventos esportivos, que eram importantes naquele contexto para a manutenção da atração dos leitores e espectadores em torno daquelas atividades. Crescia, dessa maneira, o interesse tanto pelas atividades como pelas notícias sobre as corridas, as lutas de boxe, o futebol e outras práticas esportivas que ocorressem na cidade.

Continuando a observação sobre os periódicos e a maneira como os esportes surgiam naquelas páginas, verificamos que *O Nordeste*, dois dias depois da notícia anterior, traz assim os resultados daquela tarde de domingo de competições:

No Hipódromo do Jockey Clube Cearense: O que foi a 6ª corrida extraordinária de ante-hontem.
A 6ª corrida extraordinária realizada domingo no hipódromo do Jockey Clube Cearense, foi disputadíssima e interessante.
Antes, porém de iniciado o torneio, o Sr. J. Collares, diretor, proibiu os jogos avulsos. Houve como era natural, protestos.

Acalmados os ânimos, os dirigentes do Jockey Clube deliberaram comissionar, cambistas com percentagem razoável.

Os proprietários dos animais depois da primeira corrida, sabedores de que o Tenente Coaraciara do Valle era o dono de um dos cavalos, protestaram contra a sua escolha para juiz. Com a renúncia daquele oficial, foi designado para juiz de partida o Sr. Machado Coelho, que agiu pessimamente.

No 1º pareo de 700 metros foram vencedores Ineb e Marat; no 2º, de 800 metros: Aratimbó e Frutuoso; no 3º de 1.000 metros: Guarany e Relancim, no 4º de 800 metros: Borboleta e Vingador; no 5º de 1.000 metros Stambúl e Edu; finalmente no 6º saíram vencedores, em 1º e 2º lugar, respectivamente Aratimbó e Mikado.

No 3º pareo o jockey do Guarani, procurando tolher a frente do Relancim, agiu contra as regras estabelecidas nas corridas sendo multado em 20\$000.

O jockey Maia do Relancim, devido a um piso falso desse animal, após a corrida, caiu, sendo o acidente sem importância.

É digna de registro, também, a corrida do Stambul: depois da partida dos outros animais, sendo pelo jockey notado o sinal, foi ele a meios extremos, batendo, mesmo com o páo na cabeça do cavalo, a fim de tomar a direcção do ponto da chegada. Depois de algum esforço, conseguiu bater os outros animais, com uma diferença para mais de 20 metros (O NORDESTE, 1928).

As notícias desta vez encontram-se mais completas, detalhando os vencedores de cada páreo, os nomes dos jockeys e até mesmo a diferença em metros com que um animal venceu a prova. Observando a descrição desse ambiente de competição e disputas esportivas, notamos que era uma prática que envolvia diversos tipos de emoções e motivações para a participação. Estão nesse contexto, os espectadores dos páreos e os competidores, no caso, os jockeys. Percebemos também os donos dos cavalos que usavam os seus animais na disputa pela premiação. As apostas eram uma forma de participação naquelas atividades; multas, regras, juízes também faziam parte daquele contexto. Era uma forma de manter certa organização do evento e criar credibilidade pois as competições, afinal, envolviam apostas e premiações.

Estava configurado um contexto esportivo, com regras, públicos, e calendário próprio. Estava montado o palco para uma grande plateia que crescia cada vez mais, buscando diferentes atividades que a atraíssem. Esse desenvolvimento do esporte com maior crescimento após a passagem do século é entendido por Sevcenko como uma forma de adaptação dos “[...] corpos das mentes à demanda acelerada de novas tecnologias” (SEVCENKO, 1998, p. 571), ou seja, tecnologias que exerciam influência sobre as novas formas de tratar os tempos sociais. A mudança na organização e o estabelecimento de regras são fatores que também contribuíram para o crescimento dessas atividades esportivas.

A organização em torno dos esportes e o estabelecimento de regras participam de um contexto mais abrangente, a organização do meio urbano. A forma como as atividades eram estruturadas, como eram impostas regras e também como era imposto um tempo específico demonstra o entendimento do esporte e do lazer como um campo produtivo. Essas regulamentações e a maneira de cercar as atividades com regras próprias, de certo modo, comprovam que passou a existir naquele instante uma legitimação, inserindo-as cada vez mais no contexto das transformações urbanas e dos corpos. A ideia que parecia tornar-se hegemônica naquele contexto era que “ócio e lazer só podem ser legitimados quando criativos” (GIACIOIA JÚNIOR, 2012, p. 151). O esporte e o lazer, nessa forma de entendimento, se estabelecem dentro do processo capitalista modernizador das elites. Esse campo de atividades passa a ser espaço também para o controle dos corpos e a disseminação de ideias produtivas. A “criatividade”, na forma como foi citada por Oswaldo Giacoia Junior, está associada a uma atividade economicamente produtiva.

Desse ponto de vista, os valores em torno das atividades de lazer estão sempre associados a atividades de valores superiores, como uma organização produtiva ou ao mundo do trabalho. Para isso precisavam demonstrar também uma série de qualidades e transmitir valores para a população. As apostas eram permitidas durante as corridas de cavalo, mas somente aquelas reguladas pela diretoria do jockey. Os juízes não poderiam ser qualquer pessoa; tinham que ser idôneos. Por isso, na corrida noticiada em *O Nordeste*, um proprietário de cavalo não pôde ser juiz. Para que aquele esporte crescesse e fosse associado a uma série de valores sociais produtivos, era preciso organização. Isso posto, é necessário que se entenda que os organizadores daquelas atividades esportivas eram os mesmos pensadores das classes dirigentes, com suas ideias hegemônicas, dentre elas a concepção de trabalho como uma atividade superior ao lazer. Para Sevcenko,

O desenvolvimento dos esportes na passagem do século se destinava justamente a adaptar os corpos e as mentes à demanda acelerada das novas tecnologias. Como as metrópoles eram o palco por excelência para o desempenho dos novos potenciais técnicos, nada mais natural que a reforma urbana incluísse também a reforma dos corpos e das mentes. Nessa nova sociedade da cultura desportiva o valor máximo é necessariamente a ideia de saúde, cuja condição básica é a limpeza e cuja prova patente é a beleza. Não surpreende por isso que os termos por meio dos quais eram expressos os conflitos sociais passem a ser mediados pelos conceitos de profilaxia, da higiene e da eugenia (SEVCENKO, 1998, p. 571).

Através das práticas esportivas podemos perceber essa série de valores sendo disseminados, e, juntamente com esse fato, uma espécie de crescente “consumo das novidades” (PONTE, 2010, p. 153), tudo isso inserido num meio urbano recentemente reformado. Aos agentes dessas mudanças, situados em classes superiores, interessava a transmissão de ideais de reforma dos corpos e das mentes. A busca se dava no sentido de atingir ideais novos de beleza e de saúde. O corpo do homem civilizado e moderno tinha que ser transformado e adaptado aos modelos vindos da Europa, principalmente. Para Sebastião Rogério Ponte, os clubes elegantes, espaços transmissores de certos ideais, não foram suficientes para reproduzir essas práticas. Desde o final do século XIX, as práticas de lazer e esporte faziam parte do cotidiano da cidade. Patinação, ciclismo, corridas de cavalo passaram a inserir-se no cotidiano de Fortaleza (PONTE, 2010, p. 151).

Esse crescimento de atividades esportivas e de lazer no meio urbano, assim como as reformas que passava a cidade, eram observados junto com a tentativa de eliminação de práticas que não se adequavam àquele novo contexto social.

Para Ponte, o intendente Guilherme Rocha e suas ações são exemplo desse processo, pois, ao mesmo tempo em que concluíra a reformulação de três principais praças da cidade entre os anos 1904 e 1905, proibiu as festas carnavalescas do entrudo. Para o autor, as atitudes do intendente e “[...] a renhida luta contra o costume do entrudo informa um progressivo conflito entre a nova racionalidade urbana e as práticas culturais populares” (PONTE, 2010, p. 153). O exemplo citado demonstra que as classes populares relutam em aceitar pacificamente essas mudanças impostas. As praças, parques, praias e lugares de lazer são constantemente reinventados por seus usos. Resta ao poder público e às classes dirigentes tentar influenciar mudanças nos costumes dos diversos sujeitos. Sevcenko entende que

Essa ética da limpeza, saúde e beleza se torna a contrapartida do amplo processo de industrialização, com seus efeitos de poluição, toxidez, deslocamentos e migrações forçadas, difusão da miséria, degradação das condições de habitação e de sobrevivência, intensificação das tensões sociais e disseminação da violência em nível individual ou organizado. Como uma compensação simbólica para a insegurança das classes dominantes e grupos ascendentes, nesse momento de grandes transformações econômicas e sociais, esse sistema de valores se dissemina por todas as áreas atingidas pela constituição do mercado em escala mundial (SEVCENKO, 1998, p. 575).

No entanto, para Sevcenko, não é de forma homogênea que todos os setores da população de uma cidade são atingidos por esse processo. Muitas vezes, a tentativa de influenciar os costumes vinha cercada de proibições e cerceamento de comportamentos. Todavia, essa “modernidade” permitia que as populações mais pobres elaborassem novas formas de oportunidades no confronto social, através da reinvenção das práticas e modos de agir (SEVCENKO, 1998, p. 611).

Nos jornais da década de 1920, como, por exemplo, *O Nordeste* e o *Diário do Ceará*, encontramos diversas notícias sobre as modalidades esportivas que eram atração para os moradores de Fortaleza. O futebol e as corridas de cavalo sempre estavam presentes nas páginas esportivas, bem como as lutas de boxe, que ocorriam muitas vezes, na sede do Jockey Clube Cearense. É através da observação do conjunto dessas diversas práticas de lazer que surgem as questões sobre as motivações, principalmente dos espectadores, em torno dessas atividades. Para Norbert Elias (1992) não é raro, nos nossos dias, encontrar explicações para os fatos de lazer como formas de recuperação do trabalho, descontração da fadiga da vida diária e, acima de tudo, de libertação das tensões. Continuamos a análise das notícias de práticas esportivas que percorriam os jornais:

A luta de box hoje, no Jockey Club Cearense
Realizar-se-á, hoje no ring do Jockey Clube, às 19,30 horas, a anunciada luta de box entre os pugilistas Oséas Costa e Delpomo, respectivamente campeões do murro no Ceará e em São Paulo.
O encontro será de 6 rounds de 5 minutos, com um de descanso.
Os contendores calçarão luvas de 4 onças, tendo direito à bolsa o vencedor.
Antes, porém da luta principal, haverá três preliminares que são as seguintes:
Gato x Bravo e Marujo, em 4 rounds.
Tico-tico x Barbosa, em 3 rounds.
Piabinha x Charutinho, em 3 rounds.
A directoria do “Jockey Club” organizou a seguinte comissão que dirigirá a pugna:
Director – Tenente Irapuan Freitas.
Juiz – Emilio Palestino.
Jurados – Theodoro Zresman e J. P. Smith.
Fiscal – Alpheu Aboim.
Chronometrista – Emygdio Barbosa.
Organizador da luta – Hamilton Franco (O NORDESTE, 1928).

As notícias tinham o intuito de informar e atrair espectadores e admiradores para aquelas práticas esportivas. Aos poucos, os leitores iam se familiarizando com palavras como “*rounds*” ou “onças”, que diziam respeito às regras do esporte. Semelhante ao

tratamento dado às provas de turfe, o jornal informava as regras, as comissões organizadoras e os diretores de cada evento. O próximo trecho retirado do jornal *O Nordeste* é interessante para observarmos como foram noticiadas as lutas passadas e como seriam anunciadas as lutas dos dias seguintes:

A próxima luta de 'box' no 'ring' do Jockey Club Cearense.
 Panthera Negra Enfrentará Palestino
 Está anunciada para o dia 1º de novembro uma luta de 'box' entre os pugilistas Panthera Negra e Emilio Palestino.
 Realizar-se-á no ring do Jockey Club Cearense em 10 rounds.
 O encontro de sábado, apesar da desistência do campeão paulista no 3º round, sendo dada a vitória ao campeão cearense, esteve deveras interessante.
 Serviu como juiz o boxeur Emilio Palestino.
 As preliminares, conquanto sejam um incentivo aos novatos na arte, despertam pouco interesse.
 A falta de treino e a pouca technica que possuem os neófitos do pugilismo desagradam a assistência, que aguarda ansiosa a luta principal.
 Nas preliminares, ultimamente realizadas, saíram vitoriosos Piabinha, Barbosa e Ferreira.
 O próximo encontro de novembro deve ser mais rigoroso, visto despertar grande curiosidade em nosso meio desportivo.
 As preliminares, portanto, caso se pretendam realizar algumas, necessitam de ser movimentadas, isto é, feitas por elementos que tenham algum conhecimento do pugilismo. Só assim o público poderá ficar satisfeito (O NORDESTE, 1928).

A notícia é simples e informativa, no entanto prossegue em forma de crítica sobre o esporte. O jornal faz observações sobre algumas lutas e motivos pelos quais não se tornam atrativas para o público presente nos eventos. E a notícia sobre a luta prossegue no dia seguinte:

A próxima luta de box no Jockey Club
 As preliminares – O programa organizado – A comissão de fiscalização
 Conforme noticiamos, realizar-se-á no dia 1º de novembro, animada luta de box no ring do Jockey Club Cearense entre os profissionais Panthera Negra e Palestino.
 O programa organizado pela comissão de box é o seguinte: três preliminares, a) entre Piabinha e Charutinho, em 5 rounds de 2 minutos; b) entre Tico-tico e Barbosa de 5 rounds de 2 minutos; c) revanche de Zé Pedro e Marujo em 6 rounds.
 Em seguida iniciar-se-á a luta principal, em 10 rounds de 3 minutos.
 Os membros escalados para fiscalizarem as provas são os seguintes:
 Director – H. Gaveau
 Medicos – Dr, Amadeu Furtado e Cesar Cals
 Juiz – Hamilton Franco
 Fiscal – Alpheu Aboim
 Jurados – J. C Smith e P Ziersemer
 Jurador Desempatador – Bolivar Purcell
 Chronometrista – Tenente Coaraciara do Vale

Representante – Tenente Irapuan Saturnino de Freitas

Na reunião da comissão de box ficaram estabelecidos os seguintes preços de entradas: senhores 3\$300; senhoras, 2\$200 e colegiais 1\$100.

Próximo ao ring existem cadeiras especiaes a 5\$000 cada (O NORDESTE, 1928).

Nicolau Sevcenko entende que o impulso esportivo daquelas primeiras décadas do século XX foi um fenômeno observado em diversas cidades do país indo muito além dos “centros irradiadores”, como São Paulo e Rio de Janeiro. É evidente que naquelas cidades a quantidade de praticantes e de modalidades esportivas era em número bem mais significativo. Para o autor, o esporte se torna uma atividade de interesse geral, e não apenas relacionado com os seus praticantes (SEVCENKO, 1992, p. 45). Observamos isso na questão das ofertas das cadeiras para o público assistir à luta de boxe em Fortaleza. Eram ofertadas entradas com preços diferenciados para “senhores”, “senhoras” e “colegiaes”. Além de preços diferentes, quanto mais próximas ao “ring”, mais elevados eram os valores. Sevcenko, ao tentar compreender a “febre esportiva” daqueles anos, entende que

O fenômeno era recente e suas trilhas de difusão pulsavam manifestas. Considerando um avanço incontestável, uma conquista social, seu advento marcava uma nova etapa na história da humanidade. De par com as últimas descobertas tecnológicas, de fato como um desdobramento delas, se destacou a noção de que o corpo humano em particular e a sociedade como um todo são também máquinas, autênticos dínamos geradores de energia (SEVCENKO, 1992, p. 45).

Essa visão do autor corrobora o pensamento de Elias e Dunning (1992), quando entende as práticas de tempo livre e os esportes se desenvolvendo junto com as inovações tecnológicas surgidas naquele instante e até mesmo como um desdobramento delas. Para Elias, os esportes não podem ser analisados fora do amplo contexto social em que estão inseridos. Para Sevcenko, o esporte entrava naquele instante como uma peça fundamental do “[...] incremento da produtividade econômica”. (SEVCENKO, 1992, p. 47). Foi no bojo desse incremento das atividades econômica e, como consequência, dos seus desdobramentos, que os esportes desenvolveram um calendário próprio, uma maior organização, e ampliaram o seu leque de atividades urbanas em Fortaleza. Os autores Georgino Jorge Souza Neto (2014) e Sarah Teixeira Soutto Mayor (2014) estão de acordo com esse entendimento sobre a forma como os esportes encarnam e representam essas novas formas de convivência.

“A lógica de uma “útil diversão” já aponta para o sentido de que os esportes, de maneira geral, representavam uma especial reserva da nova conduta esperada e exigida pela ideia de modernidade: o desenvolvimento de um gosto por práticas emblemáticas de uma lógica higiênica, eugênica, além de distintiva”. (SOUZA NETO; MAYOR, p. 163)

Sevcenko, considera necessário que se compreenda que os esportes exercem uma atração sobre os diversos tipos de comunidades. A assertiva se mostra correta quando observamos esse fenômeno em vários lugares do mundo, em grandes metrópoles ou pequenas, e atraindo os mais diversos tipos de pessoas. Essa atração se dá pela prática de atividades ou mesmo sobre espectadores. O autor analisa que “[...] independente do que as autoridades públicas ou desportivas pretendessem a partir dele, a prática ou mesmo a contemplação do esporte traziam uma gratificação instantânea para seus aficionados” (SEVCENKO, 1992, p. 48) e que o recurso de satisfação conseguido pelos indivíduos e comunidades surgia independente do empreendimento de ações por parte do poder público. Em Fortaleza, o poder público agia principalmente na construção e reforma de locais próprios ao lazer, como parques e praças.

Retomando nossa análise sobre os tempos sociais e a sua construção naquele período histórico, observa-se que através do esporte e do lazer foram abertas possibilidades para um tempo de construção de culturas, vivências sociais ou divertimentos. A maior organização de atividades esportivas, como vimos nesse tópico, dá oportunidade para que uma parcela da população vivencie euforias, gozos e excitações através dessas atividades. Para Sevcenko

Fosse como simples exercício, como metáfora, como ritual ou celebração, o esporte tanto viria a preencher o vazio da ruptura abrupta ocorrida na rotina cotidiana das comunidades, como traria potencial de novas alternativas de adaptação e um novo repertório de atitudes congeniais a um mundo em imprevisível fermentação (SEVCENKO, 1992, p. 49).

É nesse contexto de novas alternativas, repertórios e atitudes que entendemos a sequência de notícias nos jornais envolvendo as práticas esportivas. Através das informações trazidas sobre as “lutas de box realizadas no Jockey Club Cearense” estampadas nas páginas do jornal *O Nordeste* compreendemos os diferentes sujeitos envolvidos nas lutas, na organização e na plateia. Pela divisão dos ingressos e seus diferentes preços, percebemos que senhoras e estudantes também frequentavam aquelas plateias, e não somente homens adultos. Ao jornal cabia criar um clima esportivo em

torno daquela atividade; traziam explicações sobre algumas regras, indicavam a duração das partidas, mostravam os títulos dos participantes. Era uma forma de criar expectativa e tensão, que são ingredientes daquele meio esportivo. As atividades de lazer e esporte trazem consigo essa forma de tensão. Uma tensão socialmente aceita e controlada. Dessa maneira compreendemos a quantidade de regras, e a forma que os organizadores encontravam para controlar as atividades, através de “juízes, fiscais, cronometristas, jurados, médicos” que compunham a organização daquelas lutas.

Assim, cabia aos jornais a tentativa de multiplicar o evento. A “máquina informativa”, como fala Vigarello, explica a atividade esportiva. Mas o esporte também é componente dessa máquina; a nossa própria sociedade tem as suas temporalidades gestadas através dela. O autor entende que é o esporte quem melhor representa e resume a imagem da nossa sociedade:

[...] uma sociedade que multiplica o evento para melhor conjurar o novo, “por angústia do tempo liso e uniforme das sociedades industriais, por necessidade de consumir o tempo como os objetos, por medo do próprio acontecimento”. O desporto com suas provas constantes, o seu calendário cada vez mais denso, os seus jogos cada vez mais diversificados, serve a máquina informativa de que sai a trama da nossa temporalidade (VIGARELLO, 2001, p. 260).

Os esportes, para alguns autores, situam-se nesse contexto duplo, como se constituíssem uma imagem dupla e contraditória trazida pelas atividades de lazer e esporte em que se explicam no sentido de que são “[...] tempos de descanso e tempos de aceleração” (VIGARELLO, 2001, p. 255) que, no contexto do trabalho são tidos como momento de descanso. Muitas vezes é o discurso da classe dirigente que põe essa função como um fim das atividades de tempo disponível. É a compensação do trabalho que vem a ser a principal função das atividades. No entanto, o tempo acelerado e dinâmico está na constituição dessas atividades. O gosto pela velocidade dos cavalos, a possibilidade de saber que um animal é mais rápido e ágil do que outro é o que atrai a grande plateia. A agilidade de um pugilista, a força, o cuidado com o corpo, a divisão daquela “batalha” em “5 *rounds* de 2 minutos” e a corrida do cronômetro, são ingredientes que geram a tensão em torno da luta de boxe.

Vigarello explica que, no final do século XIX, essa dupla intenção através das práticas de lazer estava em constituição:

[...] não há contradição: estes dois tempos, o descanso e a velocidade, podem evidentemente convergir. Investimento no descanso, é o que promove a organização do trabalho nas sociedades industriais. O investimento na velocidade é o que promovem o imaginário técnico e o progresso, a ideia dominante no fim do século é que o descanso nem sempre é ausência de movimento: pode caber inteiramente apenas na vontade de separar tempo de lazer e tempo de trabalho. É o lazer que estabelece a ruptura e só ele, nem que seja objecto de gestos intensos e de atividades trepidantes (VIGARELLO, 2001, p. 256).

Como falado anteriormente, o tempo das atividades de lazer e esportivas se relacionam diretamente com os tempos industriais, mas não advém diretamente deles. Surgem e se constituem na mesma concepção que esses outros tempos sociais, e ao mesmo tempo em que se separam da vida corriqueira ajudam a construí-la. No mesmo instante em que esses tempos constroem suas temporalidades e organizam o seu calendário se afastam das práticas tradicionais. O modo de atividades intensas com que se configuram os esportes fazem relação direta ao tempo dos relógios e dos cronômetros. Esses aparelhos de medição utilizados nas corridas e lutas de boxe faziam parte não só daquelas modalidades como do novo meio social que exigia uma relação direta com os tempos divididos, sincronizados e com a pontualidade das novas relações.

No entendimento do Norbert Elias e Eric Dunning (1992), o lazer proporciona oportunidades para experiências emocionais que estão excluídas dos setores altamente rotineiros das vidas das pessoas. Essas práticas são uma categoria de atividades em que a restrição rotineira de emoções pode, até certo ponto, ser publicamente reduzida e ter aprovação social, mais do que qualquer outra, além de proporcionar um tipo de emoções que se encontram reguladas, sem oferecer perigo. A variedade de escolhas voluntárias individuais é mais elevada nas atividades de lazer do que nas outras de tempo livre, por isso percebemos grandes oportunidades para passeios, jogos de futebol, patinação, corridas de cavalo, lutas de boxe e todas formas de sociabilidade que essas atividades permitem. As ocupações de lazer oferecem um campo de ação mais vasto para um divertimento individual intenso e relativamente espontâneo de curta duração do que qualquer outro tipo de atividades públicas (ELIAS, 1992, p. 150).

Outro ponto que Elias coloca é que o lazer sempre é visto como um meio para alcançar determinado fim, e quase sempre esse fim é o relaxamento das tensões. O autor questiona que, se a busca é aliviar tensões, por que muitas vezes as pessoas procuram atividades que geram tensões nos seus momentos de lazer? A seu ver, as tensões são

ingredientes normais da vida social. A busca é por uma tensão agradável. O autor observa o surgimento destas últimas nas práticas de lazer, como jogos, corridas, cinema, teatro,

Sob a forma de fatos de lazer, principalmente os da classe mimética, a nossa sociedade satisfaz a necessidade de experimentar em público a explosão de fortes emoções – um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social, como sucede com as excitações de tipo sério (ELIAS, 1992, p.112).

No seu entendimento, esses estímulos são necessários para que se fuja um pouco das restrições das emoções impostas pelo mundo do trabalho. São as atividades de lazer que trazem essa função de promover uma liberação das emoções. Nesse tópico procuramos perceber como algumas dessas atividades esportivas procuravam cumprir esse papel. Aos esportes coube o espaço de práticas socialmente aceitáveis, e, principalmente, cercadas de regras para que fossem aceitas. No próximo tópico, trabalhamos para entender o contexto em que algumas práticas eram combatidas e outras eram aceitas socialmente pelo poder público na cidade de Fortaleza, no início do século XX. Elias entende que, a partir do momento em que uma sociedade passa a experimentar uma espécie de repetição em torno das atividades diárias, ocorre uma espécie de resfriamento das emoções. A saída, segundo o autor, é que as pessoas procurem formas de estimulação emocional. O campo esportivo, as práticas de lazer e as atividades de tempo disponível são espaços onde a contraposição a essa pontualidade e racionalidade urbana pode ocorrer.

4.3 Lazer como renovação emocional

A cidade salubre, resultado de um longo processo de planejamento urbano e de um saber médico, que juntos procuravam educar e controlar os corpos e os espaços constituiu-se bem mais como um projeto do que como um dado concreto para a grande população de Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. As tentativas de controle e de educação acabaram por fazer parte de uma política de Estado, além disso, essa forma de almejar o progresso tornou-se desejo de uma elite dirigente, que abraçava a ideia de

trazer alguns tipos de costumes civilizados e instilar seus usos para a maior parte da população.

Não bastava apenas ofertar espaços urbanos bem estruturados, ruas largas, praças espaçosas e arborizadas para que o ato de passear, contemplar ou “flanar” se tornasse prática constante nesses locais. Fica claro que não bastava que novos jogos ou novas práticas esportivas fossem inseridas, adaptadas ou importadas para que atraíssem uma plateia. A busca por essas atividades, bem como o estímulo para as suas práticas não ocorriam somente por um caminho de atração ou de imposição. Entretanto, por outro lado, é inegável o papel da sedução propiciado pelas novas atividades no tempo livre. Neste sentido, as elites usavam os seus saberes científicos e técnicos, empreendiam esforços para a assimilação cada vez maior de uma mentalidade capitalista, onde o trabalho se constituiria como atividade principal na sociedade. O ordenamento dos espaços e dos tempos para atividades específicas tinha a intenção de organizar a cidade. A separação da cidade em locais para diferentes ações, como o trabalho, o passeio, ou o esporte não se concretizou imediatamente. Essas ações terminaram por contribuir para a adaptação de práticas antigas a novas formas de sociabilidade. Tudo que significava ordenamento, controle, divisão dos espaços mostrava uma tentativa da elite de civilizar a população mais pobre. No entanto, todo esse processo precisou passar por momentos de conflitos e adaptações. As classes mais populares foram aos poucos implementando seus gostos, reinventando suas práticas e o campo do lazer, dos esportes e dos jogos de rua foi propício para que esse embate em torno do ensejo civilizador ocorresse. Para Sebastião Rogério

“A preocupação policial sobre a questão do contingente de pobres em expansão na Capital intensificou-se a partir de então, principalmente com o aumento do êxodo rural provocado pela grande de 1915. Os relatórios da Secretaria de Justiça e dos chefes de Polícia, dali em diante, foram prodígios em registrar o crescente número de prisões e delitos promovidos pelo crescimento do que qualificavam como vadiagem urbana” (PONTE, 2010, p. 178)

Podemos observar, através de uma série de pesquisas que realizamos no Arquivo Público do Estado do Ceará, significativa quantidade de processos crimes que envolviam ferimentos, brigas, injúrias. É interessante notar que muitos desses fatos que envolviam alguma violência, e por isso terminavam tornando-se casos de polícia, aconteciam em locais utilizados para divertimentos, como bares, cabarés, locais de jogos e até mesmo o Passeio Público. Um caso de homicídio, ocorrido no ano de 1915,

serve para ilustrar o aumento da violência em locais públicos, explicado por Sebastião Rogério. Esse processo de número 1915/01 e encontra-se assim descrito

“No dia 17 de fevereiro às 20 horas, na Avenida 7 de Setembro, em plena festa carnavalesca, no momento em que estavam muitas pessoas no local. O acusado disparou contra Alda Ozório 4 tiros de revólver à queima roupa, incendiou a blusa no tórax produzindo dois ferimentos, indo dois “projéteis” atingir Rufino Silva e o senhor João Quirino.”³⁶

As ações criminais envolvendo ferimentos são as que acabam por constar em maior quantidade no Arquivo Público do Estado do Ceará. Podemos citar uma série de processos que envolvem lugares como bares ou casa de jogos. Eram lugares de divertimento, geralmente escolhidos pelas camadas mais baixas da população.

A atração pelo jogo, a preferência pelas atividades esportivas, a busca das sociabilidades são ações que fazem parte do espírito lúdico dos sujeitos que pareciam encontrar na cidade um novo *habitat* para essas práticas. É naquele espaço que o seu corpo parece compreender e responder melhor aos novos estímulos, que surgiam através de um grupo de atividades que não são classificadas somente como esportivas. Esse aspecto lúdico que está presente nas atividades de lazer tem uma relação direta com a ação. Essa visão do lazer foi a que, de certa forma, acabou se perpetuando, correspondendo à atual compreensão desse tipo de atividade em nossa sociedade. No contexto estudado, esse caráter ativo, de movimento, de ocupação de uma atividade cumpriu uma espécie de função na construção dos valores em torno do lazer por parte das elites. Para essa esfera da sociedade era necessário que os corpos estivessem em movimento, empreendendo uma função produtiva; era necessário ocupar-se, e não ficar sem fazer nada. O ócio passou a ocupar o lugar antagônico em relação ao trabalho. Ao lazer ativo, esportivo e saudável cabia o espaço de complementação daquela atividade principal: o trabalho.

O discurso do ócio associado a uma espécie de preguiça ou vagabundagem surgiu até mesmo em algumas falas sobre descanso e passeio. Alguns textos já citados, no segundo capítulo do presente estudo, relatam um pouco dessas falas. É como se essas atividades de lazeres “não tão repletos de ação” fossem permitidas somente a quem estivesse buscando se livrar da fadiga causada pelo trabalho. Esse fato fica evidente

³⁶ Arquivo Público do Estado do Ceará-APEC, Série Homicídios, Caixa 03 N° 1915/01.

quando observamos os valores que construídos sobre as práticas de lazer ao longo do período estudado. Muitas vezes o olhar positivo sobre algumas práticas e o combate a outras eclodiam nos jornais e revistas em circulação na cidade de Fortaleza. O universo das atividades esportivas, ou aquelas praticadas em associações ou clubes por pessoas de classe social mais alta, estavam normalmente associadas a uma espécie de ação mais nobre. Diferente era o tratamento dado aos jogos de rua, às apostas e a frequência aos bares, que recebiam a crítica na imprensa e o combate incisivo das autoridades policiais.

Pronovoust (2011) entende que essa concepção de valores encontra-se ligada diretamente a uma espécie de diferenciação e distanciamento que os sujeitos criam com as atividades que praticam. É nesse espaço que ocorre a distinção entre o que é ou não aceito como atividade de lazer. Para Pronovoust,

Em outros termos, uma das modalidades significativas pelas quais uma atividade humana é descrita como pertencente ou não ao universo do lazer está ligada à sua localização simbólica no interior desse continuum de diferenciação das atividades cotidianas (PRONOVOUST, 2011, p. 41).

Toda essa percepção sobre as atividades de lazer e de trabalho é construída simultaneamente. Entendendo que esse processo não teve início no período trabalhado, mas que é um processo contínuo, identificamos alguns elementos que mostram a construção desse ideário nas primeiras décadas do século XX em Fortaleza. Marilena Chauí explica que essa construção foi a mesma estabelecida por alguns autores do início do século XX, como Monteiro Lobato, que mostra o seu personagem, “[...] Jeca Tatu, o caipira ocioso devorado pelos vermes enquanto a plantação é devorada pelas saúvas” (CHAUÍ, 2012, p. 78). Ao criticar essa postura preguiçosa percebemos o que era valorizado por esses autores. O oposto daquela atitude era o que devia ser valorizado pelo mundo do trabalho que se constituía. Continuando essa explanação, Chauí coloca que a preguiça torna-se como sinônimo de ócio e é oposta ao trabalho:

Nesse imaginário, a preguiça é a mãe de todos os vícios e nele vem inscrever-se, hoje, o nordestino preguiçoso, a criança de rua vadia (vadiagem sendo aliás, o termo empregado para referir-se às prostitutas), o mendigo – “jovem, forte, saudável, que devia estar trabalhando em vez de vadiar”. É ela, enfim, que força o trabalhador desempregado a sentir-se humilhado, culpado, um pária social (CHAUÍ, 2012, p. 78).

A valorização do mundo do trabalho e a consequente negação do ócio e da preguiça causam uma série de desdobramentos para os sujeitos que estão no dia a dia contribuindo na elaboração de suas ações. Podemos perceber que uma das consequências dessa elaboração foi o entendimento cada vez maior do trabalho como virtude e atividade principal naquela construção de país na Primeira República. A recente abolição da escravidão colocou um problema para as elites, que tentou inserir o país cada vez mais no mundo capitalista do trabalho. O ócio e as atividades de lazer passaram a ser negados, ou aceitos somente quando se constituíam em atividades produtivas, no sentido de fazer bem ao corpo, como descanso da jornada de trabalho ou quando consideradas práticas civilizadas. O resultado disso para as classes mais baixas da sociedade é uma maior crítica aos comportamentos por parte das elites e uma maior repressão pelo aparato policial.

Os jornais dos anos 1920 na cidade de Fortaleza, trazem uma série de notícias que dizem respeito a repressões policiais, combates à “bebedeira” e ao jogo. São críticas aos comportamentos desviantes, na visão do jornal, presentes na sociedade de Fortaleza naquele momento. O jornal *O Nordeste* é um exemplo dos que inseriam esse tipo de notícias nas suas páginas. Por se constituir um jornal católico, os articulistas de *O Nordeste* pareciam bem preocupados com a falta de civilidade de alguns sujeitos na capital cearense. Notícias sobre prisões eram constantes, como essa de outubro de 1928:

Estiveram presos
 José Maria Teixeira por estar na prática de jogo proibido.
 Manuel Victoriano Barbosa, idem, idem.
 Joaquim Rodrigues Nogueira, idem, idem (O NORDESTE, 1928).

Ao acompanharmos alguns meses do referido periódico, percebemos uma sequência de notícias sobre a proibição dos jogos naquele ano de 1928. Algumas mais completas, citando locais fechados pela polícia ou simplesmente notícias simples, como a citada anteriormente, que ao menos indica que tipo de jogo estava sendo proibido na cidade naquele momento. Esse tipo de proibição e de controle eram pressões sociais sobre os sujeitos, que não eram somente instigados a trabalhar mas a serem produtivos. Era necessário anular qualquer comportamento desviante que pudesse levá-los aos vícios sociais. Marco Aurélio de Andrade Alves e Alba Maria Pinho de Carvalho entendem que as transformações sociais e urbanas de Fortaleza acabaram por transformar a intimidade e a vida pública dos seus moradores. Os autores estabelecem

um diálogo com Norbert Elias quando entendem que a ideia de progresso, que surge no seio das elites, dissemina-se para os diversos sujeitos de maneira que “[...] as funções sociais e o autocontrole acabam por se ajustar às necessidades sociais” (ALVES; CARVALHO, 2011, p. 22). “As necessidades sociais” são aí colocadas como necessidades do conjunto de sujeitos. Para os autores, a vida pública e a convivência em sociedade necessitavam de uma série de ajustamentos onde era exigido “[...] um tipo de postura cada vez mais coletiva e compartilhada” (ALVES; CARVALHO, 2011, p. 22). Às elites dirigentes cabia estabelecer algumas normas para esse convívio público. É através da análise de algumas proibições que entendemos as atividades procuradas e elaboradas, mas que muitas vezes não eram seguidas pelo grande corpo de sujeitos.

Através das notícias percebemos o contínuo combate “ao jogo”. Além de noticiar as apreensões, as prisões e as proibições, podemos ver no jornal a intenção em colocar o seu ponto de vista a respeito dos jogos.

Combatendo o jogo

Na tarde de hontem, a policia voltou a hostilizar os donos de casa de tavolagem, que aproveitando-se da trégua, continuaram semcerimoniosamente a desrespeitar as prohibiões das autoridades.

Às 15 horas mais ou menos, o Dr. Moreira de Sousa, digno primeiro delegado de policia, com exercício do cargo de segundo delegado, saiu acompanhado de alguns guardas e visitou três casas suspeitas.

Em uma da Rua Pedro Borges, foi apreendida pela policia uma ‘bacatella’, pertencente a Roldão de Aquino.

No ‘Caboré’, à Rua Guilherme Rocha foi tomada também uma ‘bacatella’.

Que a policia continue essa campanha saneadora que ainda há certamente muitos pontos da cidade onde a jogatina campeia.

O dr. Moreira de Sousa, que é uma autoridade cumpridora serena do seu dever, não dará por certo quartel aos grandes jogadores que se julgam fora do alcance da acção policial (O NORDESTE, 1928).

A intenção do jornal fica clara, era o desejo de que a polícia continuasse a “campanha saneadora”, “limpar” a cidade das práticas “sujas”, como as apostas, por exemplo. Qualquer tipo de jogo e diversão que não fosse organizado em clubes, ou aqueles classificados como esportes saudáveis, eram tratados como práticas incivilizadas. O horário em que foram feitas as visitas do Delegado de Polícia mostra de que maneira se dava o funcionamento dessas casas de jogos. Os jogos não aconteciam somente no fim de semana ou fora do horário de trabalho. Essa seria a forma ideal de uma atividade de lazer que não se chocasse com as horas do trabalho. Os jornais, traziam explícita a divisão das atividades desejada pelas elites e as que necessitavam ser

combatidas. Ao mesmo tempo que os periódicos intensificam o combate a esse tipo de atividade desviante, ocorrem a exaltação e valorização do lazer estabelecido em clubes. Podemos tomar como exemplo o Jockey Club, já citado anteriormente, que organizava lutas de boxe e corridas de cavalo. Estas outras formas de diversão estavam sempre presentes nas páginas dos jornais, inclusive trazendo correntemente o seu calendário de atividades.

A intenção dos jornais em apoiar a “repressão à jogatina” se intensificava, criticando-a e elogiando as ações e os combates da polícia. Ao jornal cabia fazer as críticas, elogiar outros tipos de atividades e destacar a atitude das autoridades que combatiam esses jogos. As “jogatinas”, ao virarem preocupação por parte das autoridades policiais, mostram que um público bastante significativo participava desses jogos e convivia nesses espaços, inclusive em horários de trabalho. Por isso, cada vez mais eram consideradas práticas desviantes, não condizentes com aquele meio urbano. Às autoridades cabia a repressão e estabelecimento, junto com os jornais, de ações para que a opinião pública passasse a considerar essas atividades como não condizentes com um comportamento moderno e civilizado.

No dia seguinte à notícia sobre o fechamento de algumas casas de jogos, o jornal *O Nordeste* trouxe em suas páginas o relato da visita do delegado dr. Moreira de Sousa à sua redação. A notícia mostra o delegado indo agradecer àquele jornal as “referências elogiosas” sobre as atitudes em relação ao modo como a polícia, sob o comando daquela autoridade, vinha tratando a questão dos jogos ilícitos. A notícia segue dessa forma:

A decidida e louvável atitude do dr. Moreira de Sousa na questão palpitante da jogatina

Esteve, hontem, em nossa redação, o ilustrado e digno 1º Delegado de Policia dr. Joaquim Moreira de Sousa, que veio agradecer-nos as referencias elogiosas deste jornal à sua pessoa, relativamente á sua recente attitude na repressão á jogatina. S. s. nos declarou que, de acordo com as nossas ponderações, estava disposto a combater tanto os pequenos como os grandes jogadores, estando de perfeito acordo com essas medidas o distincto secretario de Policia e Segurança Pública, dr Mozart Catunda Gondim.

E frizou que, a não neutralizar a acção dos grandes jogadores, preferia a abandonar o cargo que, graças a Deus, a nosso ver, vem desempenhando com toda galhardia e perfeita comprehensão das altas responsabilidades que se prendem a funções dessa natureza (O NORDESTE, 1928).

O que tem que ser percebido através dessas atividades, tanto as proibidas pelos poderes públicos como as incentivadas pelas elites é a busca cada vez mais intensa dos sujeitos por atividades que pudessem ser praticadas em seus momentos de tempo livres. Por trás das proibições podemos perceber os valores em relação às atividades de lazer. Naquele contexto histórico de transformações urbanas, de mundialização da economia, os cidadãos que participavam da constituição do meio urbano fortalezense buscavam o lazer como uma forma de inserção, de sociabilidade e como atividade que pudesse lhes trazer alguma espécie de satisfação. O jogo aparecia como espaço para que essas satisfações fossem buscadas e alcançadas. Johan Huizinga procura definir o jogo como:

[...] uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida quotidiana (HUIZINGA, 2012, p. 33).

Huizinga (2012) entende que o jogo pode adquirir diversas definições e explica que alguns buscam definir o jogo em relação à sua função biológica. Palavras como “descarga de energia”, instinto de imitação” e “necessidade de distensão” são buscadas para explicar os elementos que estão presentes nas atividades de jogo. Para o autor, o comum em todas essas explicações é o fato de que buscam entender o jogo em relação a algum fato que lhe seja externo. De certa forma, é o mesmo entendimento que coloca o lazer como acessório do mundo do trabalho. Para Huizinga, é necessário que se explique o jogo pela atração e pela “fascinação” diretas que ele contém. Assim, “É nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e característica primordial do jogo” (HUIZINGA, 2012, p. 5). Segundo o autor, “[...] tensão, alegria e o divertimento do jogo” (id.) são atividades presentes nessa atividade que, por si só, atraem os seus participantes.

Podemos perceber que as autoridades municipais, a imprensa e as elites dirigentes em Fortaleza buscavam cada vez mais diminuir esses espaços de divertimento. Para a cidade moderna e em constante construção, era preciso estabelecer o que poderia ou não ser aceito como prática. Alguns tipos de apostas envolvendo dinheiro, como jogos de cartas e de roleta eram perseguidos pelas autoridades. Outros eram considerados normais e, muitas vezes, incentivados. Esse outro lado também

necessita ser analisado. O que era admitido como jogo ou esporte saudável, naquele contexto social, aparecia na imprensa com diversas qualidades.

A maior parte das atividades exercidas por componentes de clubes ou associações recebiam outro tipo de tratamento. Como exemplo, podemos citar as competições de tiro realizadas pelo Clube de Caçadores e Tiro. Tivemos acesso, através dos jornais analisados, a informações sobre dois tipos de competição realizados por esse clube: as caçadas e tiro ao alvo.

Clube dos Caçadores e Tiro ao Alvo

A caçada de domingo, no Trapιά

Domingo último, realizou-se na pinturesca fazenda “Trapιά”, em Maranguape de propriedade do coronel Manuel de Paula, a quarta caçada oficial do “Clube dos Caçadores e Tiro ao Alvo”, comparecendo os caçadores Damião Fernandes, João Carlos de Figueiredo, Calos Kayatt, Cicero Cavalcante, C. L. Bossard, Elias Rocha, Braulio Carvalho, Gilberto Frota, José Bezerra de Menezes, Lauro Fernandes, Josué Teixeira de Abreu e José Gadelha de lacerda.

Foram abatidas 209 peças, assim discriminadas: 19 patarronas, 96 galinhas d’água, 11 marrecas, 6 precaparas, 77 pombos brabos (avoantes).

Todos os caçadores foram munidos de armas especiaes e munições compradas na firma J. Albano & Cia., com exceção de três armas de valor superior a dois contos de reis.

O primeiro lugar da caçada coube ao caçador Cicero Cavalcante.

Os demais foram classificados quase em igualdades de condições.

Logo após a caçada que se realizou pela manhã, os caçadores se dirigiram à residência do coronel Manuel de Paula, onde os aguardava um lauto banquete de quarenta talheres, regado por vinhos finíssimos e delicados.

O cel. Manuel de Paula é sócio honorário do ‘Clube dos Caçadores’. Por isso, e demais pelo modo gentilíssimo e cavalheiresco como tratou a comitiva, saudou-o em significativas palavras, o coronel Damião Fernandes, dizendo da satisfação de que todos se encontravam possuídos diante da maneira distinta por que recebia em sua propriedade os associados do ‘Clube dos Caçadores’.

Constituiu, como se vê, um verdadeiro sucesso a caçada oficial do “Clube dos Caçadores”, realizada, domingo, no sítio ‘Trapιά’.

Foram batidas varias chapas photographicas (O NORDESTE, 1928).

A “caçada” era vista pelo jornal como uma atividade nobre. O modo como o periódico narrava essa “caçada de domingo” trazia um ar de elegância àquele momento. O próprio fato de ter sido realizada num domingo necessita ser observado. O domingo e os fins de semana eram considerados dias próprios para o lazer. O jornal dava ênfase ao banquete ofertado pelo anfitrião para “40 talheres” e regado a vinhos “finíssimos”. Ainda destacava a quantidade de animais mortos; no entanto, a própria competição não aparece com tanta importância. Apenas o nome do vencedor da disputa aparece em

destaque e os demais não são citados. A caçada foi um esporte que poderia ganhar conotações de evento social, um brinde ao requinte e à ostentação.

Podemos notar também nessa descrição que o Jornal destaca que todas as “armas e munições” foram compradas na casa J. Albano. É interessante perceber que nos jornais dos dias seguintes a Casa J. Albano, especializada no comércio de armas e munições, aparece como anunciante no Jornal *O Nordeste*.

Figura 9- Armas e Munições



Fonte: O NORDESTE, 1928

Os anúncios da casa J. Albano & Cia se intensificaram quando, no mês seguinte, o “Clube de Caçadores e Tiros” organizou um torneio de tiro ao alvo, realizado no Passeio Público, região central da cidade de Fortaleza. A competição, nesse caso, já trazia um caráter mais esportivo, se diferenciando daquela de caçada realizada anteriormente no Sítio Trapiá em Maranguape. Era na Casa J. Albano & Cia que os competidores poderiam fazer a sua inscrição para o torneio. E era também nesse estabelecimento comercial que poderiam ser adquiridas armas e munições por parte dos competidores.

Concurso de tiro ao alvo

O 'Club de Caçadores e Tiro ao Alvo' está promovendo para a manhã de domingo, 25 do corrente, dois grandes concursos de Tiro ao Alvo, um de revólver calibre 32 duplo, o outro de carabina cal. 22.

São as seguintes as características dos dois concursos:

Concurso de revolver:

Cada concorrente atirá com a própria arma que será, obrigatoriamente de calibre 32, duplo, cano 4 ½. Distancia de tiro, 20 metros alvo de 10 zonas, 44 cm. Posição em pé, arma livre. Series de 6 tiros. Só serão classificados os concorrentes que fizerem no mínimo 30 pontos.

Preço de cada inscrição 10\$000.

Concurso carabina cal 22:

A arma utilizada será uma carabina de repetição. Winchester cal. 22.

Distancia de tiro 20 metros. Alvos de 10 zonas, 15 cm. Posição em pé, arma livre. Series de 5 tiros. Só serão classificados os concorrentes que fizerem no mínimo 30 pontos.

Preço de cada inscrição: 5\$000.

Depois de iniciados os concursos, não se admittirão mais inscrições.

Os concorrentes ao concurso de revolver que já tiverem pago suas inscrições, poderão treinar no Segundo Plano do Passeio Público, do dia 14 do corrente em diante, mediante apresentação do recibo de inscrição ao encarregado dos treinos.

As pessoas interessadas queiram dirigir-se á casa J. Albano e Cia, onde lhes serão fornecidas todas as informações e onde poderão se inteirar do regulamento dos concursos. Na mesma casa, encontram-se desde já abertas as inscrições (O NORDESTE, 1928).

Observamos mais uma vez um clube esportivo com o intuito de instituir um calendário próprio de competições. Faziam parte de suas atividades as caçadas citadas anteriormente e as competições de tiro ao alvo. A principal diferença eram os locais em que ocorriam. Enquanto a caçada realizou-se em um sítio distante de Fortaleza, a competição de tiro ao alvo estava inserida no centro da cidade, inclusive os locais reservados para os treinos eram os mesmos onde iria ocorrer a competição. Para ter o direito de treinar no segundo plano do Passeio Público, bastava apresentar o comprovante de inscrição da competição, que poderia ser feito na "Casa J. Albano & Cia".

Podemos elencar diversos motivos pelas quais as "competições de tiro" ou "as caçadas" atraíam grande número de participantes: a vontade de se associar a um clube para ter oportunidade de novas sociabilidades, o prazer de competir acertando alvos rápidos como pássaros ou a vontade de se mostrar com uma melhor pontaria que outros competidores podem ser motivos específicos dessas atividades. Elias (1992) entende que as atividades de lazer têm a função de proporcionar por um breve momento a

erupção de sentimentos. Esses momentos, a seu ver, são necessários quando é instilado em uma sociedade um maior controle de suas ações no dia a dia. Esse controle é imposto e assimilado pelos sujeitos como uma espécie de segunda natureza, segundo o autor.

Para José de Arimatéia Vitoriano de Oliveira (2009) o processo de transformações ocorridos em Fortaleza não se configurou de forma homogênea em toda a cidade. Enquanto uma parte mais central estava se configurando ao redor do comércio, das praças recém-inauguradas, dos cinemas, ou convivendo diariamente com novas construções e inovações tecnológicas, outra parte demorou a assimilar esse processo. Como o autor explica

A cidade de Fortaleza, dividida em “duas metades”, configurava-se como uma cidade excludente, pois enquanto numa metade temos a “área do calçamento”, noutra só existem as “areias”, onde até o viver (será que se vive mesmo?), é algo a ser interrogado e não afirmado. Até a natureza dos crimes mostrava-se substancialmente distinta, sendo mais “civilizada” na área de calçamento, visto serem os crimes praticados ali com uma inofensiva bengala, ao contrário das perigosas facadas (OLIVEIRA, 2009, p. 07).

É evidente que não podemos assimilar esses exemplos citados por José de Arimateia Vitoriano de Oliveira (2009) como corriqueiros ou formas definitivas e classificação dos crimes que ocorriam na cidade. É interessante observar que os processos crimes que se encontram no Arquivo Público nos dão uma dimensão geral da ocorrência, como os nomes dos praticantes, o tipo de delito e os locais em que estavam ocorrendo esses crimes. Muitos desses locais eram espaços também de lazer e de divertimentos.

A partir do momento que esse maior controle é imposto e de certa forma assimilado, o que ocorre em sociedades mais diferenciadas³⁷, alguns elementos de tensão se tornam ausentes na rotina diária das pessoas. As preocupações e os medos externos desaparecem fazendo com que a vida se torne monótona. A função das atividades de lazer, nesse caso, é a renovação de uma medida de tensão necessária ao ser humano. Elias entende que

³⁷ Para Norbert Elias a diferenciação ocorrida na sociedade ocorre quando o domínio das condutas e das sensibilidades se torna mais rigoroso, banindo os excessos de violência. O autor considera que “um dos principais traços fisionômicos das sociedades altamente diferenciadas e abastadas do nosso tempo é o facto de apresentarem uma variedade de atividades de lazer superior a qualquer outra sociedade que se possa imaginar”. (ELIAS, 1992, p. 73).

De uma maneira simples ou complexa, a um nível baixo ou a um nível elevado, as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental (ELIAS, 1992, p. 137).

Analisar as formas de lazer e as atividades que alguns sujeitos praticavam em seu tempo de não trabalho é perceber que, muitas vezes, assistir um jogo de futebol, escutar uma música, tomar uma cachaça num bar, são atividades podem ser escolhidas baseadas em vontades próprias e escolhas pessoais. E é compreendendo que essas atividades se constituem com base em escolhas, com influências pessoais e externas, que observamos um leque de atividades de esporte, lazer e tempo livre ampliando-se nessa Fortaleza do início do século XX. A população vinha crescendo de forma bastante significativa, principalmente após a virada do século XIX para o XX. Em 1900 a população recenseada era de 48.400(quarenta e oito mil e quatrocentos habitantes). No ano de 1940 essa população já é contabilizada em um número de 180.200 (cento e oitenta mil e duzentos) habitantes. Portanto, entre os anos de 1920 e 1930 Fortaleza elevou o seu número de habitantes. Vide tabela abaixo³⁸:

Figura 10- Tabela População

T a b e l a 1

População recenseada no município de Fortaleza — 1872/1960
(milhares)

ANOS	População recenseada	Crescimento inter- censitário	
		Total	Anual
1872	42,5	—	—
1890	40,9	— 1,6	— 0,1
1900	48,4	7,5	0,8
1920	78,5	30,1	1,5
1940	180,2	101,7	5,1
1950	270,2	90,0	9,0
1960	514,8	244,6	24,5

Fonte: As migrações para Fortaleza, 1967

³⁸ Tabela retirada da Publicação “As migrações para Fortaleza”. Pesquisa encomendada pelo Governo do Estado do Ceará ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Publicação do Departameto de Imprensa Oficial, da Secretaria de Administração. Fortaleza – Ceará, 1967.

Ao longo do trabalho enumeramos uma série de atividades possíveis de serem praticadas por sujeitos que passavam a constituir o meio urbano da cidade. Alguns cronistas, como Mozart Soriano Aderaldo (1993), destacam as novidades que serviam para as diversões dos fortalezenses como os cinemas e os teatros. O memorialista destaca que em “– 1910 – é inaugurado o Teatro José de Alencar”. Os cinemas também eram algumas das novidades chegadas à cidade naquela década de 1910 e início de 1920. Já foram citados, com o auxílio dos relatos memorialísticos do referido cronista, as inaugurações do Cine Majestic (1917), Cine Moderno (1921). Segundo Mozart Soriano, a Praça do Ferreira possuía, em 1920, diversos Cafés que serviam como espaços para as vivências de encontros e de exercício da sociabilidade: os Cafés Java, o do Comércio, o Iracema e o Moderno. No entanto com a remodelação da praça os cafés foram derrubados.

Diversas atividades eram ofertadas e construídas para que esse complexo grupo de sujeitos pudesse ter um variado campo de ação onde pudesse buscar os momentos de tensão agradável. Um dos argumentos que Elias traz para o entendimento sobre a questão do que as pessoas procuram nos seus momentos de lazer é a busca da excitação. A ideia do lazer contemplativo e do lazer como descanso era incentivada pelas revistas e jornais fortalezenses. No entanto, Elias observa que esse tipo de atividade se enquadrava dentro daquelas de rotina de tempo livre e inclusive, cumpria funções específicas como o descanso. Eram formas diferentes de lazer que poderiam ser consideradas como mais ativas. A ida à praia, para esse tipo de descanso ou “contemplação da natureza”, eram incentivadas em revistas como a *Ba-ta-clan*, onde alguns textos traziam as vantagens de uma ida à praia. Como exemplo trazemos esse texto Carlos Cavalcante, colaborador constante da revista:

Nada mais suave à alma que não perdeu de todo a sensibilidade que um passeio á praia por uma noite enluarada..É o refúgio santo daqueles que sentem em certas ocasiões o horror da humanidade.
Há gente que mais necessita de se encontrar só, meditando, que mesmo de alimento para o corpo (REVISTA BA-TA-CLAN, 1926).

Um dos focos da análise de Norbert Elias está nas atividades diretamente ligadas à busca da tensão agradável. Consequentemente, reflete sobre as diversas formas de atividades de tempo como espaço onde se busca uma espécie de tensão, que pode ser encarada como uma espécie de desafio à vida rotineira. É tentando subverter esse tempo

onde as atividades estão bem divididas (como por exemplo o tempo para o trabalho, para a religião e para os estudos), que Elias entende que os indivíduos empreendem sua busca de renovação emocional. Para Elias,

A destruição da rotina e o descontrole das restrições sobre as emoções estão bastante relacionados entre si. Uma característica decisiva das atividades de lazer não só nas sociedades industriais altamente ordenadas mas, também, tanto quanto se pode ver, em todos os tipos de sociedades, é a de que o descontrole das restrições sobre as emoções é controlado, ele mesmo, social e individualmente (ELIAS, 1992, p. 146).

Parecia que esse controle cada vez mais implementava-se também por meio de forças externas sobre as atividades consideradas ilícitas em Fortaleza. Observamos que o jornal *O Nordeste* empenhou-se em combater os jogos de rua. Para o historiador, é interessante que se perceba, através desse fato, a importância e a quantidade de participantes que os jogos atraíam. Para Elias, as escolhas pessoais são levadas bastante em conta quando as atividades de lazer são escolhidas. A escolha por esse tipo de jogo mostra que tipo de atividade alguns sujeitos de Fortaleza buscavam no seu momento de lazer. E o combate e a repressão sobre essas atividades deixavam evidente que forma de comportamento as elites buscavam instaurar na cidade. Enquanto as revistas, os jornais e o poder público empreendiam campanhas na tentativa de transformar alguns comportamentos, os bares, cabarés, os jogos de rua, por exemplo, permaneciam mantendo um público, que se empenhava em permanecer praticando as atividades baseadas em vontades próprias, subvertendo os espaços e moldando as formas de controle externos e interno às suas atividades.

O jornal *O Nordeste* mais uma vez traz em suas páginas a descrição de jogos praticados nas ruas da cidade de Fortaleza; jogos que traziam um certo incômodo para as elites, considerados populares e que atraíam “desocupados”, conforme o jornal:

JOGOS POPULARES

Theophilo Braga assevera que quase todas as funções do homem adquiriram um uso e desenvolvimento específico que se tornaram manifestações artísticas e, justificando cita inúmeros exemplos. A locomoção, independente do seu uso funcional, deu lugar a dança; a voz ao canto; o ouvido ao ritmo.

Os actos, portanto, frívolos tem assim sua origem.

Os jogos, infantis ou não, enquadram-se nessas considerações.

Por isso, quotidianamente, observamos, em os cafés e confeitarias, rodas que acaloradamente, discutem, apostam e brigam.

Os desocupados, constantemente, apresentam ideias engraçadas.
São espirituosos, palhaços mesmo. Não concordam em pagar á inglesa e
dessa desinteligência surgem jogos diversos.
Quando desejo apreciar, essas discussões tenho o cuidado bastante de não me
chegar á mesa.
É bem perigoso...
Os processos que relatamos são os preferidos.
Uns pegam do lenço, fazem pontas iguais ao número de pessoas que tomaram
café, mas não se sujeitam a ser christo senão... por caiporismo, quando
puxam a ponta do nó; outros tiram de uma caixa palitos ou páos de
phosphoro e, cada um dos tomadores de café diz um número que, se existir
com o coincidente em as mãos dos outros companheiros, é primeira pomba
que se livra de má sorte.
É quase uma parodia do universal jogo dos dedos:
Se me dissesse que eram (tantos)
Não perdias, nem ganhavas,
Nem levava cutiladas,
Cutelinho, cutelão,
Quantos dedos tem na mão?
Entre nós é usado o par ou ímpar que, muitas vezes, decides contendas
importantes e substituiu o cara ou coroa.
A fertilidade desses jogos é espantosa.
Os que, por qualquer eventualidade, penetrarem em os cafés ficarão
admirados.
Quase diariamente surge um novo methodo, uma nova ideia, um novo
brinquedo, optimos que seriam se, com pequenas modificações, fossem
adoptados para o ensino de numeração ás crianças.
As parlendas, portanto, tão apreciadas pelos que fazem hora tem a sua
utilidade...
Talvez... o que se discute, porém, é que deve pagar o pato...
A conveniência de ser adoptado esse processo no ensino da mathematica,
aliás cousa que não seria novidade, não interessa aos desocupados.
E a ideia que nos afigura optima, tem, como adepto, apenas a victima da
rodada... Esse não exclamará: figa a ideia... (O NORDESTE, 1928).

Os jogos descritos pareciam ser bastante animados, ativos e atraíam grande público participante e espectador nas áreas centrais da cidade; locais de sociabilidade e lazer, como os cafés, pareciam ser palcos propícios para essas atividades criativas, assim como as praças, que, naquele contexto, encontravam-se disponíveis àqueles encontros sociais e para diversão dos moradores da cidade. O jornal destaca a faceta criativa daquelas atividades, e os coloca mais próximos das brincadeiras de rua do que propriamente dos jogos com regras, ou de práticas esportivas. Desta forma, talvez se compreenda o tom de crítica àquelas atividades, que pareciam ocorrer em momentos em que muitos estavam trabalhando, ou os que as praticavam poderiam estar fugindo do trabalho. Aquela forma de jogos não era facilmente aceita e incentivada da mesma maneira que os esportes, geralmente praticados nos fins de semana. Elias compreende esse processo de crítica e aceitação como parte do processo de controle sobre as

excitações e constituição de espaço para que essas excitações ocorressem de forma que não causassem danos ao meio em que estavam inseridas. O autor entende que

Aqueles que são responsáveis pela lei e pela ordem, tal como se pode descobrir se estudarmos o desenvolvimento do futebol, lutaram muitas vezes amargamente contra o aumento súbito da excitação nas pessoas e, em particular, da excitação coletiva como uma grande perturbação social. A agradável excitação que as pessoas experimentam em relação a fatos miméticos representa, deste modo, um enclave social onde a excitação pode ser desfrutada sem as suas perigosas implicações sociais e individuais, a qual muitas vezes é fruída a par de outras formas de aumentar o prazer (ELIAS, 1992, p. 138).

Daí podemos entender a diferença com que esses jogos de rua eram tratados em relação aos esportes nas páginas de jornais. Às atividades de rua cabia o controle, o cuidado das autoridades. Ou até mesmo a intenção de aproveitar aquela criatividade dos participantes para o ensino da “mathemattica”. Carvalho e Alves (2011) compreendem que o autocontrole da cidade e dos sujeitos que a habitavam tendem a se intensificar a partir da segunda metade do século XIX. Para eles, o crescimento de um aparato policial, baseando suas ações nos códigos de posturas estabelecidos pelas autoridades, contribui para esse controle. Toda essa rede controladora que se estabelece, crescendo também o próprio autocontrole das pessoas, tende a intensificar o processo civilizador que Norbert Elias (1998) explica. “As funções corporais e o autocontrole se ajustaram a novas necessidades sociais vinculadas à ideia de progresso. A vida pública exigia do indivíduo um tipo de postura cada vez mais coletiva e compartilhada” (ALVES; CARVALHO, 2011, p. 22).

Em contraponto aos jogos de rua e às brincadeiras, as revistas que circulavam na cidade procuravam estimular jogos considerados civilizados. Um dos exemplos são os jogos de Xadrez e a disposição com que as publicações buscavam estimular essa atividade. O Xadrez era descrito na Revista *Ba-ta-clan* como um esporte civilizado, e as revistas buscavam citar o nome de grandes figuras históricas, que, segundo o texto, eram grandes enxadristas. Como, por exemplo, “Carlos Magno, Luis XVI e Maria Antonieta”. Eram exaltadas as virtudes de quem jogava e as que poderiam se desenvolver através do jogo, como “previsão, prudência, vigilância e coragem”. Toda essa adjetivação era utilizada na revista *Ba-ta-clan*.

Outro número da Revista *Ba-ta-Clan*, trazia o jogo de Xadrez como uma atividade “praticada em todo o mundo civilizado” e que constituía “parte da educação espiritual do homem”. O texto trazia uma espécie de reclamação sobre como o jogo era tratado no Brasil, e os articulistas insistiam em reivindicar para que o Club dos Diários empreendesse esforços para a realização de atividades envolvendo aquele jogo. Assim, o longo artigo busca fazer com que se criem uma espécie de atração para os participantes do jogo, e finalizava dessa forma:

Entretanto, apesar de ser o Xadrez, um jogo elegante, interessante e inteligente, tem sido ainda pouco ampliado entre nós. Introduzido no Brasil há cerca de uns 60 annos, só se tem desenvolvido na Capital da República e no Estado de São Paulo. No resto do país e principalmente no Ceará, onde é cultivado com caráter oficial há uns 5 annos, está quase desprezado devido a nenhum interesse de quem pudesse fazer alguma cousa de proveitoso em seu benefício. É de se esperar que o Club dos Diários, onde um grupo de esforçados amadores formam um Centro salve a situação, organizando torneios mensais que são úteis ao progresso desse jogo por excellencia (REVISTA BA-TA-CLAN, 1926).

É interessante comparar e citar os dois artigos trazidos pela revista em números diferentes. O intervalo entre as edições nos permitem perceber que o Club dos Diários e os seus componentes passaram a organizar um torneio nos moldes como o primeiro artigo pedia. Esses adjetivos dedicados aos praticantes ao jogo de xadrez eram o oposto do que os recebidos pelos praticantes de jogos de rua, por exemplo. Assim a revista continua a sua “campanha” em prol do xadrez:

Devemos cultivar esse jogo, que é o melhor treinador de memória. Estudemos os mestres como Ruy Lopez, Petroff, Algaier, Musio, Evans, Morphy, Grevy e muitos outros enxadristas modernos já citados no nosso artigo último. Felizmente o Centro de Xadrez do Club dos Diários, já resolveu em sessão última, ali realizada, organizar o torneio do corrente anno, que se effectuará ainda esta semana. Salve, pois, este jogo incomparável, profundamente moral e civilizador, que todos os governos deveriam animar e proteger (REVISTA BA-TA-CLAN, 1926).

A busca pela excitação e o controle das emoções, explicadas por Elias, são fatores complementares da constituição de um mesmo processo de civilização. Devido à série de atividades que passaram a constituir o meio urbano, diversos impulsos deixaram de ser mais diretos nas vidas dos sujeitos que compõem a urbe. Alves e

Carvalho percebem que os sentimentos de vergonha e constrangimento começaram a fazer parte do “[...] cotidiano da cidade no momento em que os hábitos passaram a ser motivo de desaprovação” (ALVES; CARVALHO, 2011, p. 22). A cidade, e principalmente a sua parte central, era um local bastante ativo e movimentado. Aos poucos, essa internalização do controle sobre as maneiras de agir se constituiu de uma maneira mais incisiva. Isso fez com que essa sociedade passasse a ser cada vez mais racionalizada em relação aos seus comportamentos. Assim, limitaram-se as oportunidades para que se pudessem experimentar formas de emoção em sua rotina diária. O lazer, como espaço de atividades, tende a cumprir esse papel como local para explosão das emoções.

O período estudado constitui-se como diferencial e de bastante importância exatamente nesse sentido. Diversos autores consideram que no período que vai de 1860 até 1930 houve diversas transformações econômicas e sociais. O que esse contexto também permite observar é que o leque de restrições comportamentais também se ampliou naquele momento, além das citadas transformações urbanas. Enquanto algumas práticas eram combatidas, outras passaram a ser incentivadas, como os esportes. Os casos mais evidentes são o futebol, as corridas de cavalo e o boxe. Consequência desse processo é a organização desses esportes por clubes e associações, que contribuíram para que essas atividades fossem valorizadas em detrimento do processo de combate aos jogos de rua, considerados incivilizados ou desviantes. Sevcenko entende que esses “espetáculos de massa” acabam por cumprir um papel por conta das emoções que também ajudavam a despertar. O autor explica que

Outra ilação interessante suscitada pelos espetáculos de massa, cada vez mais frequentes, maiores e mais complexos, era o seu potencial para aliviar as pessoas da ansiedade aflitiva gerada num meio social marcado pela concorrência sempre crescente e mais agressiva. Eles tendiam a catalisar o mal-estar das pressões, tensões e negociações cotidianas, o peso das decisões exigidas a cada momento e o preço de suas consequências, num mundo em que os prêmios e as punições dependem de um absurdo sistema de privilégios e exclusões, historicamente herdado, combinado com as incertezas de um mercado instável que cada vez mais decreta o destino das pessoas. (SEVCENKO, 1998, p. 579).

Esses fatos de lazer se constituíam, como explica Norbert Elias, como um “[...] campo de acção mais vasto para um divertimento individual intenso e relativamente espontâneo do que outro tipo de atividades públicas” (ELIAS, 1992, p. 151). Isso se

mostrava evidente nas práticas de lazer da cidade de Fortaleza quando observamos a variedade de atividades disponibilizadas. Percebemos que os sujeitos que procuravam diversões eram múltiplos e variados. Eram os “desocupados” atraídos pelos jogos de rua, os frequentadores das casas de jogos, os senhores e senhoras que formavam a plateia das lutas de boxe. Cada um deles era atraído e tinha uma certa liberdade na escolha dessas atividades. Esses fatos de lazer eram buscados por exercer uma série de atrações aos sujeitos que experimentavam emoções bem específicas, como explica Norbert Elias:

Contudo, o aspecto mimético que é uma característica comum de todos os fatos de lazer classificados sob esse nome, destacado ou minimizado segundo as avaliações correntes, desde as tragédias e as sinfonias até o pôquer e a roleta, não significa que se trate de representações de fatos da vida real, mas antes que as emoções – os sentimentos desencadeados por elas – estão relacionadas com as que se experimentam em situações da – vida real – transpostas apenas e combinadas com uma espécie de prazer. Social e individualmente possuem uma função e um efeito diferente sobre as pessoas. A comparação entre a excitação gerada pelas situações da vida real e aquela despertada pelos fatos de lazer, revela de forma bastante clara, quer as similaridades quer as diferenças... uma síndrome da excitação são os mesmos nos dois casos (ELIAS, 1992, p. 125).

Na excitação séria, não mimética, as pessoas podem perder o autocontrole e tornarem-se uma ameaça, tanto para si próprias como para as outras. A excitação mimética é, na perspectiva social e individual, desprovida de perigo e pode ter um efeito catártico. O que Elias pretende colocar é que as atividades de lazer são sociais e, por isso, levam em consideração a relação do indivíduo que a pratica com os outros, mesmo que seja uma atividade de isolamento, como o caso dos passeios incentivados por alguns articulistas de revistas. Com isso o autor considera que as atividades de lazer, “[...] em resumo, são comunicações recebidas ou enviadas por pessoas de configurações de grupos específicas” (ELIAS, 1992, p. 157).

A teoria do processo civilizador elaborado por Norbert Elias explica como algumas restrições de comportamentos passam a fazer parte da vida dos seres humanos como se fosse uma ação natural. O eixo central dessa análise é o constante aumento do controle das emoções às quais os indivíduos foram submetidos por um longo processo civilizatório que foi efetivado. Para ele,

No decurso do processo de crescimento, do “processo de civilização” a que os indivíduos se submetem nas nossas sociedades, os seres humanos são ensinados a controlar com bastante severidade, e em parte automaticamente,

a necessidade sempre quieta do tipo de estimulação adquirido pelo envio e recepção de mensagens emocionalmente significativas, que é tão vital para o jovem ser humano como é a alimentação (ELIAS, 1992, p. 171).

Como percebem Alves e Carvalho, é como se naquele momento na cidade de Fortaleza, pudéssemos perceber que “[...] a teia de interdependência em que o indivíduo estava emaranhado estava se apertando” (ALVES; CARVALHO, 2011, p. 23). Sobre esse entendimento, podemos compreender que se estabelece naquele contexto um aumento das divisões das funções na sociedade. Dessa maneira, essa “rede”, ou “teia”, estende-se de uma forma mais abrangente na sociedade. A partir desse processo a integração de unidades funcionais e institucionais se abrange. Os autores entendem que a decorrência desse processo foi a constituição de “[...] um padrão individualizado de hábitos semi-automáticos nos comportamentos dos agentes sociais na Cidade” (ALVES; CARVALHO, 2011, p. 23).

É na constituição desses padrões e no estabelecimento desses hábitos semiautomáticos que o processo civilizador, explicado por Norbert Elias, atua. É necessário que se compreenda que nesse processo não se pode determinar um início e muito menos um final. Mas o período entre 1860 e 1930 na cidade de Fortaleza faz com que esse processo se acentue. Nas primeiras décadas do século XX observamos o campo das atividades de tempo liberado e das atividades de lazer adquirindo aspectos diferentes das atividades anteriores. Isso não significa afirmar que essas atividades sofreram uma “evolução”. À teoria de Elias seria impossível compreender as atividades desenvolvidas, principalmente as de lazer, sob esse aspecto de uma “evolução”. O que podemos entender é que estas estavam a se configurar cumprindo novas funções sociais. Às atividades de lazer, aos esportes e às atividades de tempo liberado em geral cabia cumprir a função não só complementar ao mundo do trabalho, mas criar o seu próprio espaço, onde as emoções, que aos poucos foram retiradas do cotidiano, tivessem um espaço próprio para serem experimentadas. A citação de Norbert Elias retirada do segundo volume do Processo Civilizador nos ajuda a compreender essa questão:

À medida que mais pessoas sintonizavam sua conduta com a de outras, a teia de ações teria que se organizar de forma sempre mais rigorosa e precisa, a fim de que cada ação individual desempenhasse uma função social. O indivíduo era compelido a regular a conduta de maneira mais diferenciada, uniforme e estável (ELIAS, 1998, p. 196).

É nesse sentido que entendemos as diversas transformações pelas quais passaram os sujeitos de Fortaleza naquele contexto. Uma cidade repleta de transformações urbanas, sociais e econômicas, onde novos trabalhos, novas formas de entretenimento se constituíam. Isso tudo sob o signo de uma civilização europeia, que na visão de alguns autores foi o modelo pelos quais as elites empreenderam o seu processo modernizador. No entanto, essas transformações passam pelo filtro das classes populares e do amplo contingente de diferentes sujeitos que constituíam o meio urbano da cidade. Foi por esse filtro que procuramos observar as transformações sociais em torno das atividades de tempo livre e de lazer. Os controles externos e internos sobre os comportamentos na cidade se ampliavam, e os lazes também sofriam as ações desse processo. As transgressões de comportamentos tinham poucos espaços socialmente aceitáveis. Era principalmente nas práticas de tempo livre que essas transgressões ocorriam. Assim, Elias completa:

Mas se fosse consciente ou inconsciente, a direção dessa transformação da conduta, sob a forma de uma regulação crescentemente diferenciada de impulsos, era determinada pela direção do processo de diferenciação social, pela progressiva divisão de funções e pelo crescimento de cadeias de interdependência nas quais, direta ou indiretamente, cada impulso, cada ação do indivíduo tornavam-se integrados (ELIAS, 1998, p. 196).

O que ocorria era que as transformações de conduta em quase todos os níveis sociais poderiam ser observadas naquele contexto. Coube aos sujeitos entender o espaço de lazer como local de transformação, de produção de saberes e como espaço para experimentação do lúdico. Era naquelas vivências, onde as atividades à sua escolha eram livres, que se poderia buscar a produção de cultura. Christianne Luce Gomes entende que nesses espaços de lazer se experimentam sentidos de “satisfação, liberdade e autonomia” (GOMES, 2008, p. 131). Talvez entendendo essa afirmação possamos compreender o motivo pelo qual tantas atividades foram alvos de tentativa de controles por parte dos diversos setores da elite naquele início dos anos XX em Fortaleza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução do presente trabalho já surgia o seguinte questionamento: “O que é lazer?”. A pergunta servia para abrir a discussão a respeito de como esse conceito se define e sobre quais valores ele é construído hoje em nossa sociedade. Cada vez mais percebemos o conceito de lazer cercado de valores que dizem respeito ao tempo do não trabalho e a uma atividade de oposição a este. Em certa medida, a construção do lazer se deu sob esses valores. As ideias hegemônicas de uma elite dirigente, tentando implementar sistematicamente valores positivos em relação ao trabalho e negativos em relação ao ócio, fizeram com que a assimilação desse ideário se construísse em nossa sociedade. Ao ócio foram atribuídos valores cada vez mais negativos. E cada vez mais a construção do conceito de lazer precisava engendrar valores positivos que, ao mesmo tempo, negassem qualquer relação com a ociosidade.

Raquel Rolnik (2000) entende que essa compreensão do lazer em oposição ao trabalho não se sustenta na nossa sociedade hoje em dia. Para a autora, a conquista do lazer nos dias de hoje talvez demande tanto esforço quanto o que empreendemos nas nossas atividades laborais. Esse entendimento de Rolnik se fundamenta na análise de que se estabelece hoje em relação ao lazer quase uma obrigação. Muitas vezes ocorre uma mistura da busca por lazer com a busca de um corpo feliz, saudável e em constante movimento. Toda essa busca incessante, a seu ver, “[...] requer um empenho e esforços tão intensos quanto o trabalho” (ROLNIK, 2000, p. 179). Quando essa busca se constitui de forma incessante, quase sistemática, passa a adquirir contornos de produção, comportando “a noção de trabalho”. Para a autora, “Não é possível, hoje, imaginar o lazer como uma vivência simples, algo oposto ao trabalho, quando o lazer é reduzido ao consumo de mercadorias de prazer, mercadorias culturais, mercadorias turísticas” (ROLNIK, 2000, p. 179).

Essas palavras iniciais, tendo como base o entendimento atual de Raquel Rolnik sobre o lazer, nos convidam a pensar como os conceitos sofrem transformações. Com o lazer, isso também continua ocorrendo. Para o nosso entendimento das transformações do lazer no início do século XX em Fortaleza foi necessário compreendermos que o fenômeno se instala de maneira específica naquele contexto histórico, tendo como base

algumas transformações que ocorreram e que buscamos analisar ao longo dos três capítulos do presente trabalho. As transformações urbanas e das noções de tempo, as normatizações acerca de atividades populares, a proibição de alguns jogos e brincadeiras e o incentivo a alguns esportes são elementos que nos permitem perceber quais as atividades de lazer estavam sendo praticadas e quais as ideias hegemônicas que as elites sobre elas. Todo esse contexto atua também na construção do conceito específico do lazer naquele período, pois entendemos que a transformação desta atividade se constitui num campo de disputas em que os agentes tentam construir sua realidade social. De acordo com Almeida e Gutierrez,

O desenvolvimento das práticas de lazer no Brasil acompanha o desenvolvimento da sociedade como um todo, vinculado ao cotidiano das pessoas por meio das manifestações espontâneas e das interações entre os sujeitos em busca de entendimento. Com o avanço do Estado e do Mercado, o lazer aparece também de forma colonizada, como nas políticas públicas, nas ações privadas, na indústria cultural ou no uso das comunicações de massa. O lazer se complexificou a partir da racionalização das formas de vida, da sistematização dos tempos e do desencantamento do, criando novas maneiras de se manifestar na sociedade. Sua dinâmica histórica acompanhou eventos políticos, sociais e econômicos, que refletiram nas estruturas que o identificam, como o prazer, a sociabilidade e a diversão (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2011, p. 7).

A virada do século XX foi interessante para que se fundamentassem alguns valores a respeito do que a sociedade considerava como lazer ou tempo livre. Alguns autores buscaram elaborar estudos sobre o processo com que se constituiu o lazer no Brasil. Cleber Dias foi um deles. Um de seus argumentos é que é possível “[...] localizar a ocorrência histórica do lazer no Brasil desde pelo menos os fins do século XVIII” (DIAS, 2014, p. 52). No entanto, essa busca pelas origens das práticas de lazer não se constitui como elemento importante aos nossos questionamentos. Dias procura elaborar um entendimento de que foi a partir do século XVIII que começou a existir “[...] um processo de construção social do lazer, tal como prescrito em suas definições conceituais clássicas, ainda que não do mesmo modo e nos mesmos termos que havia sido em outras partes do mundo” (DIAS, 2014, p. 52).

O autor compreende ainda que, desde o século XVIII, também podemos perceber uma série de denominações que buscou contrapor ou colocar sempre de lados opostos trabalho e ócio, e que essas denominações foram sendo construídas com base em valores, que, de certa maneira, estão bem próximos da contraposição da forma como

colocamos trabalho e lazer hoje em dia. Essa construção instaura “a perspectiva e o desejo por um tempo de trabalho socialmente demarcado, que se acredita moralmente digno, em contraste a um tempo ocioso” (DIAS, 2014, p. 52). Essa maneira de pensar sobre o ócio fazia com que os valores construídos em torno do lazer tivessem o intuito de se afastar dos vícios da ociosidade:

O que se vê aí é a construção de elementos valorativos para o trabalho e para o não trabalho, que expressam uma estrutura de sentimentos que identifica um espaço de diferença entre o tempo do trabalho e o do não trabalho, no que algumas teorias do lazer chamariam de “artificialização do tempo de trabalho (DIAS, 2014, p. 53).

O aumento das repressões, o controle sobre os espaços, a proibição de festas se constituía como uma série de proibições implementadas desde o final do século XVIII e observadas por autores como Mary Del Priore e Victor Andrade de Melo. São essas diversas proibições, discursos na imprensa, e através das diversas formas de controle sobre as atividades de tempo liberado onde

[...] começavam a aparecer iniciativas formais e sistemáticas para a regulamentação dos divertimentos, no que poderíamos chamar de primeiros esforços para a criação de espaços e predisposições destinadas à ocupação do tempo livre de maneira estruturada e codificada de acordo com uma determinada escala de valores, que desde então serão os valores que orientarão os comportamentos lúdicos no sentido de tentar transformá-los em lazer (DIAS, 2014, p. 55).

Com o cenário atravessado pelo Brasil entre os anos de 1860 e 1930, as elites procuraram empreender um processo de modernização, no qual ensaiava-se uma busca pelo progresso no complexo contexto de transformações urbanas pelos quais passavam as cidades brasileiras. Era uma reforma “física e moral” que se engendrava e que convocava diversos atores a participarem e serem partes constituintes dessas transformações (SCHWARCZ, 2012). Dentre as ações cotidianas transformadas por esse processo estão práticas realizadas em tempos liberados que, naquele momento, sentiam o peso desta “moralidade” que buscava impor ideais modernizantes a essas atividades. Isso decorre da ideia hegemônica que passa a vigorar em diversos níveis da sociedade e que buscava colocar o trabalho como atividade principal na sociedade. Em consequência desse processo, o lazer aparecia como uma atividade acessória, na qual os trabalhadores poderiam recuperar as energias gastas no trabalho. Às outras atividades, tais como jogos, festas populares e diversões de rua, era interessante que adquirissem

valores relacionados ao lazer moderno, com um tempo específico para serem praticados e com a assimilação de valores que negassem o ócio.

Esse pensamento hegemônico que coloca lazer como antítese do trabalho foi uma compreensão europeia dessas atividades adaptada às realidades locais. Esse modelo europeu fez com que o lazer passasse a ser aceito e compreendido pelas elites que colocava o trabalho como atividade hegemônica. Para Gomes e Elizalde (2014), esse processo decorre de um “[...] modelo civilizatório que utiliza a colonialidade de poder e do saber como estratégia de dominação cultural” (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 125). A consequência desses modelos de civilização que utilizam essa colonialidade acaba por atingir até mesmo o pensamento historiográfico que trata dessas práticas. Podemos observar que, durante muito tempo, no Brasil, a sociologia e a historiografia buscaram analisar as práticas e os fatos de lazer tendo as teorias de Joffre Dumazedier como o seu expoente. Essa forma de análise faz com que o lazer seja percebido por esses estudiosos somente “[...] em centros urbanos industrializados” ou “em períodos de tempos institucionalizados para que os trabalhadores descansem, se divirtam ou desenvolvam sua personalidade” GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 125).

Essa percepção faz com que os estudos e pesquisas sobre o lazer, os esportes e os divertimentos, no contexto brasileiro, se limitem e deixem de compreender a pluralidade com que essas atividades se desenvolvem. As autoras citadas buscam uma nova forma de entendimento dessas atividades. Assim, Gomes e Elizalde procuram explicar que

[...] por isso, abraçamos uma compreensão de lazer como necessidade humana e dimensão da cultura, o que é um olhar entre muitos outros que vêm sendo desenvolvido sobre essa temática, especialmente no contexto latino-americano. (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 125).

Essa abordagem em torno do lazer nos é muito instigante pois ao mesmo tempo em que questiona a forma hegemônica como o lazer foi visto pela própria elite brasileira, que buscou construir valores em torno das atividades baseando-se nesse pensamento, ela propõe uma nova abordagem para a teoria sociológica e histórica que tratam dessas atividades de tempo disponíveis.

Nesse sentido, as análises sobre os conceitos e teorias do lazer e da recreação não podem ser tratados como universais e globalizantes, e devem ser contextualizados, considerando o dinamismo e a diversidade sociocultural latino-americana (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 125).

A problematização teórica estabelecida por Norbert Elias e Eric Dunning é importante para essa nova forma de entendimento, pois busca considerar o lazer como uma atividade por direito próprio. Está na própria concepção da atividade o motivo pelo qual determinados sujeitos se sentem atraídos, ou não, por determinadas atividades. A teoria elisiana também permite a compreensão de como as atividades sofreram transformações tão significativas nesse contexto de inserção capitalista e de transformações urbanas e tecnológicas. O capítulo terceiro deste trabalho procura analisar essas questões, colocando o lazer como uma das atividades que se modificaram junto à cidade de Fortaleza, com os seus processos de transformações urbanas.

Gomes utiliza a teoria de Norbert Elias para a compreensão de que o estudo do lazer não deve partir do princípio de que existe um marco zero para o início dessas atividades. Proceder dessa forma seria desconsiderar uma longa cadeia de processos em que essas ações foram se constituindo. Levar em conta essa intensa cadeia de processos sociais para a concepção das atividades de lazer ajuda a deixar de lado, então, o entendimento de um momento em que essas atividades se iniciaram. O foco da análise passa a ser quais características surgem ou desaparecem em cada momento histórico. Quais as influências que as transformações sociais causam nessas atividades. Assim, o entendimento do lazer proposto por Gomes, utilizando-se da teoria de Norbert Elias é imprescindível, pois para essa análise,

[...] considera-se de vital importância reconhecer os saberes silenciados e inviabilizados no âmbito do lazer, e, paralelamente, desenvolver novas perspectivas que permitam repensar as realidades socioculturais latino-americanas desde outros lugares e com outras lógicas coerentes com suas próprias problemáticas, desafios e potencialidades (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 126).

Podemos compreender que esse processo de valorização do trabalho a partir dos anos 1930 se implementa de forma mais incisiva. A consequência disso é a maior racionalização das formas de lazer, acompanhando a racionalização da sociedade cada vez mais crescente, pois desta vez podemos observar um projeto de Estado para que esse ideário trabalhista se concretize. O rádio e a música servem como reprodutores

desse modelo de trabalhador pretendido pelo Estado brasileiro. Podemos dizer que é diferente daquele momento anterior, retratado nos capítulos dessa dissertação, onde a repressão aos comportamentos desviantes e as tentativas de moldar os comportamentos era feita na imprensa através de críticas aos comportamentos, mas também por meio do aparato policial. O incentivo ao modelo trabalhista se dava através de uma política de estado implementada por Getúlio Vargas, que visava conquistar o apoio das massas trabalhadoras. Um exemplo que mostra as intenções dessa política implementada pelo Estado Novo é a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Particularmente, o presidente Getúlio Vargas desenvolveu toda uma estrutura ideológica política, por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e do cine-jornal (curtas-metragens que abordavam as obras e feitos do presidente), para sustentar e construir sua figura de grande estadista. As comemorações relativas ao Dia do Trabalho, à semana da pátria, aos aniversários do presidente e à instauração do Estado Novo foram momentos importantes no lazer do trabalhador, utilizados para construir a imagem do presidente (CAPELATO, 1999, apud ALMEIDA; GUTIERREZ, 2011, p. 15).

As funções dessa política e da constituição dos momentos de festa e lazer para o trabalhador tinham a intenção de afastar os sujeitos da ociosidade. Um exemplo dessa política implementada e a sua forma de ação é a música de Ataulfo Alves e Wilson Batista chamada “O Bonde de São Januário”. Os autores da música narram, através dos versos do samba, o cotidiano do trabalhador moldado naquela ideologia trabalhista do Estado Novo. O trabalhador indo de bonde para mais um dia de labuta como se tivesse encontrado o caminho certo e da redenção, afastava-se dos anos anteriores “onde não tinha juízo”, se encontrava hoje “longe da boemia” e com uma possibilidade de “futuro” trabalhando e produzindo:

O Bonde São Januário

Quem trabalha
É quem tem razão
Eu digo
E não tenho medo
De errar

Quem trabalha...

O Bonde de São Januário
Leva mais um operário
Sou eu
Que vou trabalhar

O Bonde São Januário...

Antigamente
 Eu não tinha juízo
 Mas hoje
 Eu penso melhor
 No futuro
 Graças a Deus
 Sou feliz
 Vivo muito bem
 A boemia
 Não dá camisa
 A ninguém
 Passe bem! (ALVES; BATISTA, 1941)

O modelo de trabalhador desejado pela propaganda varguista era o narrado por Ataúlfo Alves e Wilson Batista. Acontece que alguns autores comentam que a letra do samba originalmente continha a palavra “otário”, ao invés de “operário”. Por isso, a substituição teve que ser feita para que se driblasse a censura do DIP.

Citar os anos 1930 é interessante para que possamos perceber como as configurações sociais se transformam podendo afetar as práticas sociais. Observamos também como os valores sociais em torno das atividades continuam se transformando. E mais incisivamente o trabalho vai se firmando como atividade principal aos olhos das classes dirigentes. O diferencial dos anos 1930 é que podemos perceber que aquela repressão em torno de atividades desviantes permaneceu crescente. Não era somente as elites que buscavam doutrinar as classes mais pobres. Formou-se, dentro do Estado, um aparelho que se utilizava do rádio, do cinema, do samba e da força policial para disseminar a ideologia que pretendia combater a ociosidade. Ao lazer cabia servir cada vez mais como uma atividade que afastava os trabalhadores da ociosidade. Essa foi a ótica sob a qual as políticas de Estado passaram a tratar as práticas de lazer:

Em um primeiro momento, o desenvolvimento de eventos, políticas, programas e projetos recreativos foi, e muitas vezes ainda continua sendo direcionado principalmente aos grupos sociais em situação de risco ou de vulnerabilidade social, procurando a redução de conflitos sociais e da delinquência, a manutenção da paz e da harmonia social, assim como a ocupação positiva e produtiva do tempo ocioso (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 121).

Bertrand Russel, em *Elogio do Lazer*, questiona a lógica que coloca o trabalho como atividade principal da humanidade. O seu texto, de 1932, tem o caráter de um manifesto ao criticar diretamente os males que o excesso de trabalho causa à

humanidade. Estabelece uma série de críticas à técnica moderna, ao tempo que o homem permanece dedicando a maior parte das horas do seu dia ao trabalho. Russel explica assim essa crítica: “[...] desejo dizer, com toda a seriedade, que grande mal está sendo causado ao mundo moderno, com a crença na virtuosidade do trabalho e com a de que o caminho para a felicidade e a prosperidade consiste na sua diminuição organizada”. (RUSSEL, 1932, p. 39).

É evidente que estamos construindo uma sociedade onde se trabalha cada vez mais. As lutas por reduções das jornadas de trabalho, ainda permanecem nas pautas dos trabalhadores e dos seus sindicatos. Na Europa, a busca pela redução da jornada de trabalho parece ser mais presente e sistematizada do que no Brasil. Russel (1932) propôs uma jornada de trabalho de quatro horas diárias em 1932. Sua intenção era que as horas liberadas possam ser utilizadas numa constante produção de atividades culturais. Sua crítica se estabelece no sentido de que as atividades de lazer se tornaram atividades passivas. Russel (1932) acredita em impulsos criativos, por isso que clama, nessa espécie de manifesto, por mais tempo liberado. No entanto sugere que os lazeres produzidos nesse tempo sejam melhor constituídos e aproveitados, pois

[...] o uso acertado do lazer, é um produto da Civilização e da Educação. Um homem que trabalhou longas horas durante toda a vida, ficará enfadado se, de repente, ficar sem ter o que fazer. Mas, sem um razoável descanso, um homem sentir-se-á privado de muitas das melhores coisas. Já nenhum motivo existe para que a maioria do povo deva sofrer essa privação. Somente um ascetismo insensato nos faz continuar e insistir em que se deva trabalhar, excessivamente, agora que essa necessidade já não existe. (RUSSEL, 1932, p. 42).

Percebendo que essas transformações em torno das atividades de lazer e da forma como o lazer é percebido e valorado dentro da nossa sociedade, é necessário então, que se proponha ainda um outro questionamento: será que estamos caminhando para uma civilização do lazer? Talvez a resposta não seja simples, principalmente se não modificarmos nossa percepção sobre como se constroem as atividades de lazer e tempo livre. Essa visão do trabalho como atividade social principal precisa ser questionada tanto no dia a dia quanto na análise acadêmica. Gomes e Elizalde estabelecem uma proposta de um “lazer contra-hegemônico”, no sentido de que se construa a ideia de lazer numa perspectiva transformacional. Essa forma de entendimento consiste, ainda, em uma proposta teórica em construção. Essa visão questiona, no entendimento dos

autores a “colonialidade do poder e do saber” (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 128). É interessante colocar que essa forma de proposta e de pensamento das autoras serve para que se questione como o lazer é visto na nossa vida prática. Porém, a proposta de um lazer contra-hegemônico também nos faz questionar a maneira através da qual o lazer precisa ser problematizado pela historiografia.

O modo como o lazer foi trabalhado nessa pesquisa vai no mesmo sentido da proposta das autoras. Pensar o lazer teoricamente como atividade por direito próprio, que não surge por consequência das atividades de trabalho, nos permite um entendimento nessa perspectiva contra-hegemônica. A análise Gomes e Elizalde explica que

Assim, visualizamos no lazer um campo possível para desenvolver ações alternativas comprometidas com o repensar dos limites e possibilidades que marcam a nossa existência, com a superação da passividade e do conformismo e com a concretização de iniciativas voltadas para a mobilização e o engajamento social e político. Por isso, enquanto aporte para a transformação social, o lazer precisa ser vivenciado, assimilado e estudado com matizes críticas, emancipatórias e utópicas (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 128).

Pensar o lazer de uma forma contra-hegemônica é pensá-lo numa perspectiva transformacional. Elaborando uma reflexão dentro dessa perspectiva, Gomes e Elizalde entendem que o pensamento sobre o lazer deve estabelecer uma crítica da realidade baseando-se nessa perspectiva transformacional. A partir deste entendimento, o lazer surge como possibilidade de ação crítica da realidade, ou seja, não aceitar os padrões de pensamento hegemônicos sem questioná-los. Para os autores, é necessário um ponto de partida para que ocorra essa “percepção crítica da realidade”, onde o ser humano passe a compreender suas práticas sociais dentro de uma “ação transformadora”:

[...] a análise e compreensão crítica do ser humano sobre si mesmo e sobre o seu contexto, como “existentes no mundo e com o mundo”, deixando gravadas as suas marcas distintivas, o seu pensar, o seu criar, o seu agir e os seus valores. Todas essas marcas distintivas se expressam e interferem nos conhecimentos e nas vivências de lazer, que, muitas vezes, são influenciados e determinados pela lógica hegemônica (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 128).

Os autores compreendem que o lazer poderia ser um instrumento capaz de nos instigar a reflexão sobre as nossas relações sociais. Portanto, entendê-lo como atividade

transformadora da realidade poderia nos fazer “[...] contribuir com a (re)elaboração de valores e com a caminhada em direção ao processo de (re)construção e (re)humanização de nossa sociedade” (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 129). Em outras palavras, é fundamental perceber os esportes, as festas, as danças, os jogos, as brincadeiras, o carnaval, o teatro, as feiras e o circo como momentos criadores de cultura que “[...] podem gerar tempos e espaços contra-hegemônicos e transformacionais”. (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 128). Para os autores, esse tipo de atividades de lazer se diferencia do chamado lazer alienado e consumista, que não ajuda a refletir ou questionar os modelos sociais vigentes.

Buscamos, assim, através de nossos questionamentos, discordar desse entendimento hegemônico do trabalho como atividade principal na sociedade entre as décadas de 1910 e 1930 na cidade de Fortaleza. Aceitar o entendimento do trabalho como atividade hegemônica é deixar de considerar o lazer como uma atividade por direito próprio. Ao observarmos que esta exercia atrações por sua própria concepção, a compreensão sobre a presente questão se modifica. Entendemos, a partir dessa mudança desse ponto de vista, que o lazer se constitui como um momento gerador de cultura, de produção do saber e de questionamento da realidade. Podemos perceber essas atividades sendo geradas e construídas por diversos sujeitos que reelaboravam constantemente seu cotidiano, independentes do mundo do trabalho.

O processo de transformações ocorridas na cidade de Fortaleza fez com que as práticas de lazer se modificassem; contudo, os lazeres e os tempos livres foram também agentes modificadores dessa realidade social. Essa forma de entendimento foi possível à medida que modificamos os métodos de análise historiográfica, entendendo que o lazer se configura como uma atividade transformadora e geradora de cultura, que se modifica junto com o mundo do trabalho, mas que não depende somente dele para surgir. Quem sabe essa forma de pensar e de perceber o lazer também se modifique em nosso meio social, para que possamos, enfim, nos tornar uma sociedade que se constrói e se transforma para o lazer e pelo lazer.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. São Paulo: Fapesp, 1999.
- ADÃO, Kleber do Sacramento. **Contribuições de Norbert Elias e Eric Dunning para a teoria do lazer**. Revista Conexões, n. 5, Dez. 2000 – ISSN 1983-9030. p. 1-11.
- ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada**. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 1993.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.
- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. **O lazer no Brasil: de Getúlio Vargas à Globalização**. São Paulo: Phorte, 2011.
- ALVES, Marco Aurélio de Andrade; CARVALHO, Alba Maria Pinho de. **As marcas do progresso: alguns códigos urbanos na cidade de Fortaleza dos séculos XIX e XX**. Revista O Público e o Privado – Dossiê Arte, cidade e Subjetividades Contemporâneas. Ano 9, N. 17 – janeiro-julho 2011. p. 13-24.
- AZEVEDO, Elciene *et.al.* **Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BARBOSA, Carlos Henrique Moura; ALVES, Raquel da Silva; VIANA, Mário Martins Júnior. **Fortaleza sob outros olhares – cultura & cidade**. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.
- _____. **A cidade das máscaras: carnavais em Fortaleza das décadas 1920 e 1930**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BARROSO, Francisco de Andrade. **O Benfica de ontem e de hoje**. Fortaleza, 2004.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BORGES, Vanda Lúcia de Souza. **Carnaval de Fortaleza: tradições e mutações**. Tese (Doutorado Sociologia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Uma pré-história do turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazers burgueses (1808- 1850)**. São Paulo: Aleph, 2007.

CARDOSO, Gleudson Passos; PONTE, Sebastião Rogério. **Padaria Espiritual: vários olhares**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

CARDOZO, Juan Manuel Correño. **Poder e hegemonia na construção do conhecimento do lazer**. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. **Produção de conhecimento em Estudos do Lazer: paradoxos, limites e possibilidades**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 13-30.

CASTRO, José Liberal de. Planos para Fortaleza esquecidos ou descaminho de desenhos da Cidade. In: **Revista do Instituto do Ceará**, Tomo CXXV, Ano CXXV, Volume 125. Fortaleza, 2011.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de; GONÇALVES, Renata. **Carnaval em múltiplos planos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORBIN, Alain. **A história dos tempos livres**. Lisboa: Editora Teorema, 2001.

CORREIA, Daniel Camurça. **As artimanhas do corpo: o cotidiano dos trabalhadores das ruas da cidade de Fortaleza (1880-1910)**. Revista Ágora, Vitória, n. 18, 2013. p. 152-164.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre o direito à preguiça**. In: NOVAES, Adauto(org). **Elogio à preguiça**. São Paulo: Edições SESC SP, 2012. p. 77 – 105.

CSENGO, Julia. **Extensão e mutação do lazer citadino, Paris século XIX-início do século XX**. CORBIN, Alain(org). **A história dos tempos livres**. Lisboa: Editora Teorema, 2001. p. 137-202.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DIAS, Cleber. **Emergência histórica do lazer no Brasil**. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. **Produção de conhecimento em Estudos do Lazer: paradoxos, limites e possibilidades**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 49-64.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva; SESC, 2008.

_____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva; SESC, 2008.

ELAZARI, Judith Mader. **Lazer e vida urbana: São Paulo (1850-1910)**. Dissertação (Mestrado em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizado: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FARGE, Arlete. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, Felipe. **Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FONTELES, Francisco Linhares Neto. **Vigilância, impunidade e transgressão: faces da atividade policial na capital cearense (1916-1930)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

FREHSE, Fraya. **Ô da Rua! O Transeunte e o Advento da Modernidade em São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

FREITAS, Idalina Maria Almeida de. **A moral dos corpos**: desejos, dispositivos e subjetividades em Fortaleza (1910-1950). Doutorado em História Social. Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). São Paulo, 2012.

GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard. **Norbert Elias**: a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação**: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Produção de conhecimentos sobre o lazer na América Latina**: desafios e perspectivas. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. **Produção de conhecimento em Estudos do Lazer**: paradoxos, limites e possibilidades. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 113-138.

GIACOA JUNIOR, Oswaldo. **Sim ao ócio ou “viva a preguiça”**. In: NOVAES, Adauto(org). **Elogio à preguiça**. São Paulo: Edições SESC SP, 2012. p. 143 – 160.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Para uma nova história**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2012.

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. **As migrações para Fortaleza**. Departamento de Imprensa Oficial, da Secretaria de Administração – Governo do Estado do Ceará. Fortaleza – Ceará, 1967.

ISAYAMA, Hélder Ferreira; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. **Produção de conhecimento em Estudos do Lazer**: paradoxos, limites e possibilidades. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Fortaleza, estampada na imprensa e representada na literatura**. In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. **Populares na cidade**: vivências de trabalho e de lazer. João Pessoa: Ideia, 2011. p. 57-80.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

MARTINS, Clerton (org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

_____. **Lazer e cultura:** algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho(org). **Lazer e cultura**. Capinas, SP: Editora Alinea, 2007. p. 9-30.

MARINHO, Alcyane; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. **Dos clássicos aos contemporâneos:** revendo e conhecendo importantes categorias referentes à teorias do lazer. In: PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis(org). **Teorias do lazer**. Maringá: Eduem, 2010. p. 11-42.

MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de. **Vida divertida:** histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e Lazer:** conceitos: uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. **Os sports e as cidades brasileiras:** transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. **Lazer:** olhares multidisciplinares. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.

NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdei Lopes. **Aprender com a história?** O passado e o futuro de uma questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

NOVAES, Adauto. **Elogio à preguiça**. São Paulo: Edições SESC SP, 2012.

NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau (org). **História da vida privada no Brasil: República:** da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. **Fortaleza:** velhos carnavais. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 1997.

OLIVEIRA, José de Arimatéia Vitoriano de. **Uma cidade em construção:** modernidade, cotidiano e imaginário na Fortaleza de finais do século XIX e princípios do século XX. Rev. Espacialidades [online]. 2009, vol. 2, no. 1. p. 1-31.

OLIVEIRA, Paulo Salles. **O lúdico na cultura solidária**. São Paulo: Hucitec, 2001.

PARK, Robert Ezra. **A cidade:** sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme(org). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 13-28.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. **Teorias do lazer**. Maringá: Eduem, 2010.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

_____. **Fortaleza Belle Époque – 1880/1925**. In: CHAVES, Gylmar; VELOSO, Patrícia; CAPELO, Peregrina(orgs). **Ah, Fortaleza!** Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2006. p. 66-79.

_____. **Uma Padaria Espiritual numa cidade material**. In: CARDOSO, Gleudson Passos; PONTE, Sebastião Rogério. **Padaria Espiritual: vários olhares**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012. p. 51-71.

PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

QUINTANEIRO, Tania. **Processo civilizador, sociedade e indivíduo na teoria sociológica de Norbert Elias**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

REIS, Leoncio José de Almeida; CAVICHIOLI, Fernando Renato; STAREPRAVO, Fernando Augusto. **A ocorrência histórica do lazer: reflexões a partir da perspectiva configuracional**. Revista Brasileira Ciência Esporte, Campinas, v. 30, n. 3. p. 63-78, maio 2009.

ROBERTS, Ken. **The Leisure Industries**. New York, N.Y: Palgrave Macmillan, 2004.

ROJEK, Chris. **Leisure and culture**. New York: St. Martin's Press, 2000.

ROLNIK, Raquel. **O lazer humaniza o espaço urbano**. In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p. 179-184.

RUSSEL, Bertrand. **Elogio do lazer**. In: OLIVEIRA, Paulo Salles. **O lúdico na cultura solidária**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 37-44.

SAMPAIO, Jorge Henrique Maia. **Para não perder o bonde: Fortaleza e o transporte da Light nos anos 1913-1947**. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social), Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

SCHOSSLER, Joana Carolina. **História do veraneio no Rio Grande do Sul**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013.

_____. **As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900-1950)**. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. **Humor, vergonha e decore na cidade de Fortaleza (1850-1890)**. Fortaleza: Museu do Ceará, SECULT, 2009.

_____. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau (org). **História da vida privada no Brasil: República**: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 513-619.

SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. **O lazer, a contraface do dever**: as linguagens do poder na cidade do Rio de Janeiro na Primeira República. Tese (Doutorado História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SILVA, Mary Anne Vieira. **A Praça do Ferreira seu uso e apropriação**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SILVA, Zélia Lopes da. **Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo**: metamorfoses de uma festa (1923-1938). São Paulo: Editora Unesp; Londrina: Eduel, 2008.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. **Rumores**: a paisagem sonora de Fortaleza (1930-1950). Fortaleza: Museu do Ceará, SECULT, 2006.

_____. **Paisagens do consumo**: Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme(org). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 29-72.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. **Por uma vida menos infame**. In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. **Populares na cidade**: vivências de trabalho e de lazer. João Pessoa: Ideia, 2011. p. 81-107.

SOUZA NETO, Georgino Jorge; SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. **Entusiasmo, estranhamento e resistência**: discursos da imprensa belo-horizontina sobre o jogo de shoots (1904). In: Revista do Arquivo Nacional. V. 27 n. 2 (jul/dez. 2014) – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2014. p. 161-171.

TANNO, Janete Leiko. **Clubes Recreativos em Cidades das Regiões Sudeste e Sul**: Identidade, Sociabilidade e Lazer (1889-1945). UNESP – FCLAS – CEDAP, v.7, n.1, p. 328-347, jun 2011.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: _____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **A imprensa carnavalesca no Brasil**: um panorama da linguagem cômica. São Paulo: Hedra, 2000.

VEBLEN, Thorstein. **A Alemanha imperial e a Revolução Industrial**: a teoria da classe ociosa. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

VELHO, Otávio Guilherme. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

VIANA JÚNIOR, Mário Martins. **Públicas experiências femininas (1920-1940)**. Revista Historiar, VOL. 07, N. 08, 2013. p. 06-23.

VIEIRA, Carla Manuela da Silva. **Sociabilidade e modernidade nos espaços de lazer da capital cearense do início do século XX (1901 a 1910)**. Dissertação (Mestrado História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

VIGARELLO, Georges. **O tempo do desporto**. CORBIN, Alain(org). **A história dos tempos livres**. Lisboa: Editora Teorema, 2001. p. 229-262.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.